

ALÉM — DO — VÉU DA MORTE



Helen Greaves

Tradução: Amadeu António

INTRODUÇÃO

“Estas são as minhas experiências. Estas são as evidências que me levaram a acreditar em comunicações entre os dois mundos. Esta é a maneira pela qual eu sinto que Deus me conduziu.”

“Eu divulgo-as para que você as leia. Talvez elas possam percutir uma corda correspondente, na sua própria vida.”

Helen Greaves
Kent, 1966

CAPÍTULO 1

SARAH-ANN

Com frequência, o rumo das nossas vidas é alterado por acontecimentos aparentemente triviais. Um encontro casual com um desconhecido, a escolha despreocupada de um livro, a permanência numa cidade estranha, um fragmento de conversa; todas estas coisas, de uma forma diferente, podem ter significado.

Foi o que me aconteceu, quando uma mulher, que eu jamais vira antes, veio à minha casa, no Canadá, entrou em transe e me falou com a voz da minha avó 'morta.

A experiência modificou a minha maneira de pensar e alterou a minha vida.

A partir daquele momento, o véu entre o nosso mundo de matéria e o mundo do espírito transformou-se num tecido muito delgado. Hoje tenho tanta percepção dos visitantes provenientes de uma outra esfera quanto tenho do condutor que perfura a minha passagem do ônibus ou da personalidade de uma amiga do outro lado do fio do telefone.

A morte perdeu a sua qualidade pungente; a vida adquiriu riqueza de propósito.

Aquela noite, no Canadá, em que ouvi uma voz vinda de entre os mortos, jamais perdeu a sua significância. Ainda me lembro de como depois caminhei durante horas pela minha sala de estar, mergulhada na personalidade de Sarah-Ann, a velha excessivamente rigorosa que tinha sido minha avó.

Sarah-Ann era uma mulher miúda mais ou menos da altura da Rainha Vitória e igualmente temível. Sarah-Ann podia estabelecer mais regras do que uma comissão de vias públicas; contudo, essa mesma velha tirana dos meus dias de infância tinha-nos cantado canções antigas, com a sua voz doce e clara, assado bolos de melado e gengibre de fazer criar água na boca, além de outros regalos; e tinha sido a comandante verdadeira e efetiva da nossa casa. Ela viveu connosco por tanto tempo quanto posso recordar; um pedacinho enganosamente frágil de mulher que não media mais de metro e meio de altura a contar dos seus pés sempre metidos em meias, e que tinha uma beleza de porcelana de Dresden com os seus cabelos prateados, pele jovem e olhos azuis-cinzentos que contradiziam a dureza da sua vontade inflexível. Usava vestidos vitorianos, sempre negros, com um folho de renda preso na garganta por um broche de prata.

Eu nunca soube que a vovó tivesse extraviado aquele broche. Na verdade, ela nunca perdeu nada.

“Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar” era uma das suas máximas características.

Vovó sempre se sentou numa cadeira; jamais concedeu a si própria permissão para preguiçar. Hoje nunca penso nela sem recordar a postura da sua espinha reta como um abeto e firme como o seu carácter. É Vovó e eu vivíamos num estado de neutralidade armada. “Voluntariosa!” eu a ouvi dizer certa vez à minha branda mamãe. “Essa menina é obstinada. Ela há de fazer a sua cama e há de ter que deitar-se nela!”

Houve momentos em que, com a revolta chamejar dentro de mim, fiz a minha vontade competir com a da minha avó e os resultados foram desagradáveis. Pode ser que este incidente, que vou relatar, se tenha confundido, na minha memória, com contratempos similares, e se tenha transformado numa ocorrência singular. Eu não sei. Somente desejo

mostrar como, mais tarde, o antagonismo que, na terra, provocou faíscas entre duas naturezas, se transformou em afeição e auxílio depois que uma foi vergastada pelos seus enganos e a outra encontrou a realidade além da morte.

Nas longas férias escolares, eu devo ter sido uma criança enfadonha. Tínhamos um bom jardim e eu fui uma menina tão traquinas e masculinizada quanto possível. Brincava com os meus irmãos. Mas adorava a cozinha. Mas a cozinha era território da vovó. Durante o preparo das refeições, nem mesmo a minha mãe era tolerada ali. A vovó supervisionava a comida. “Cozinhe mais legumes e pague menos contas ao médico,” era a sua receita para a saúde; e ela provou a excelência dessa receita porque viveu, sadia e vigorosa, até os noventa e cinco anos de idade.

A vovó detestava incompetência e a nossa infeliz mulher-a-dias tinha que trabalhar direito ou ir embora. Sarah-Ann também abominava 'sentinelas de cozinha.” Eu queria ser 'sentinela de cozinha,” não porque me interessasse por culinária, mas porque gostava de comer. Adorava raspar a tigela onde o bolo era batido, ou chupar as cascas de limão postas de lado. Adorava igualmente os saborosos doces caramelados, quentinhos recém-saídos do forno. Contudo, para minha infelicidade, a caverna de Aladim da cozinha era terreno proibido para mim.

Não obstante, eu costumava entrar sorrateiramente por uma porta que dava passagem pela estufa e, enquanto a velha senhora estava de costas, deitava as mãos a qualquer coisa que pudesse e fugia apressadamente, em triunfo, com a minha presa de guerra. Talvez eu me tenha enganado a mim própria, não à Sarah-Ann. Talvez a minha avó tivesse tido conhecimento das minhas incursões algum tempo antes de ter-se virado para me pilhar. Mas ela pilhou-me, isso ela fez, e o seu castigo foi tal que não esqueci.

Foi assim, do mesmo modo, que o espírito da vovó retornou anos mais tarde, por intermédio de uma médium Canadense, virando-se, por assim dizer, do seu lugar na Eternidade, para prestar atenção àquela mesma neta voluntariosa que, conforme ela vaticinara, tinha arrumado uma cama desagradável e estava, naquela ocasião, abatida pelo sofrimento de ter que deitar-se nela. O espírito de Sarah-Ann foi tão severo e justo quanto a sua personalidade tinha sido!

Mas, vamos ao incidente da minha infância.

Um dia, no fim do verão do meu décimo aniversário, vovó e a nossa mulher-a-dias estavam a ter uma verdadeira sessão de cozinha, ao prepararem a festa de aniversário do meu irmão. Fomos enxotados para o jardim.

Acontece, porém, que as perfumadas exalações que provinham da cozinha foram demais para mim. Introduzi-me furtivamente pela porta da estufa e esperei até que a vovó lá entrasse. Oculta atrás de um guarda-louça, virei o corpo por um instante, tempo suficiente para ver o grande vaso de barro que continha melado, as jarras de uvas passas e o pacote de açúcar mascavado. Todavia, o que me deixou minha boca cheia d'água foi a visão da tigela de louça, de bater bolo, ainda marrom com a massa de bolo de gengibre.

Aquela tigela foi a minha ruína!

Quando a vovó passou para a despensa, dei uma piscadela para a criada, entrei furtivamente, apanhei a colher de pau, enchi-a até transbordar e levei aos lábios uma generosa porção. E engasguei-me, quando uma mão firme se fechou sobre o meu ombro.

A vovó descansou a bacia que servia de pingadeira.

“Com que então! Desobediente, de novo! E gluttona! Tu sempre queres fazer as coisas à tua maneira, não é?”

A colher caiu ruidosamente no chão e a mistura marrom espirrou nos ladrilhos vermelhos. Em desespero, agarrei a espátula de metal e lambi a massa que havia nela.

O queixo de vovó projetou-se para a frente. Os olhos dela luziram.

“Dá-me isso!” Ela estendeu a mão para pegar a espátula. Mas, os meus dedos deslizaram, envolvendo a lâmina.

Coloquei as mãos atrás das minhas costas.

“Não dou!”

Agora quase que posso ver a vovó com a mão estendida, enquanto travávamos uma batalha de uma vontade contra a outra e o tempo passava, marcado pelo tique-taque do relógio de parede.

De repente, senti que tinha os meus pulsos húmidos. Trouxe a minha mão para diante da vista.

À vista do sangue, deixei cair a espátula e virei-me a correr. A vovó, porém, foi rápida demais para mim; a despeito da idade ela era tão ágil quanto um potro.

Com uma volta hábil, ela suspendeu-me atravessada sobre os seus joelhos e durante um período encheu-me de palmadas impiedosas.

“Agora,” disse calmamente, “vamos tratar dessa mão.”

Os meus dedos cortados, embora ligeiramente cortados pela espátula cega, foram mantidos em baixo da torneira. Depois a vovó envolveu-os com um penso de pano.

“Tal teimosia ainda te há de meter em apuros,” admoestou ela. “Um dia descobrirá que esta é uma maneira estúpida de andar pela vida!”

Muitos, muitos anos mais tarde, muito tempo depois da morte da velha senhora, curvei-me de novo sob o látego daquela língua. Só que desta vez as palavras vieram através de uma clarividente! Mas repetiram o aviso e enfatizaram a lição.

“Sarah-Ann!” veio a voz Inglesa da minha avó, através dos lábios de uma médium Canadense que me era desconhecida. “Sim, eu sou Sarah-Ann! Eu sou a tua avó. Então, a teimosia meteu-te em apuros, como certa vez eu avisei. Sempre pretendeste saber mais do que qualquer outra pessoa, Lena. Jamais deste ouvidos e jamais cedeste. . .”

Naquela memorável noite do retorno do seu espírito, a vovó castigou-me mentalmente como antes me castigara fisicamente. Contudo, as suas censuras foram seguidas por consolo e ajuda material, exactamente

como quando ela tratara dos meus dedos cortados depois de ter administrado o castigo.

Embora a vovó estivesse comigo durante toda a minha juventude, nunca, em momento algum, abriguei qualquer ideia de que um dia ela viria a ser o meu socorro e me tiraria do atoleiro que eu tinha feito da minha vida.

E isso depois de ela já não estar encarnada, mas ser uma pessoa presumivelmente 'morta'!

CAPÍTULO II

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

A única tentativa de obter uma experiência psíquica que consigo relembrar, ocorreu durante a minha juventude. Esse experimento, porém, embora tenha parecido infrutífero naquela ocasião, é importante nesta história porque o que aconteceu no seu decurso foi corroborado anos mais tarde, quando a vovó voltou por intermédio de uma médium Canadense.

Eu tinha quase vinte anos. Um jovem amigo, que estava na Marinha Real, fazia-nos uma visita. Ele sugeriu que nos divertíssemos um POUCO fazendo uma sessão de pancadinhas da mesa.” Eu quis saber o que era isso e o Reg explicou que nos sentamos ao redor de uma mesa, com os dedos a tocar o tampo, e à espera até que os ‘espíritos’ se comuniquem.

“A mesa mexe-se realmente!” garantiu-nos o jovem Reg. “Ela inclina-se sobre as duas pernas. E bate. Pelo menos, alguma coisa bate! Contando as batidas, de acordo com o alfabeto, obtemos nomes e mensagens!”

Sarah-Ann levantou os olhos do seu livro encadernado. Ela estava sentada na cadeira de encosto alto, na qual o pai fixara um par de balanços; geralmente a vovó demonstrava pouco interesse pela conversa da família. Nesse instante tinha os óculos de aumento mantidos sobre a página impressa.

“Tolice!” disse ela com desprezo. “Os mortos não falam!”

“Oh, mas eles falam!” afirmou o nosso hóspede. “Lembra-se do velho doutor Banstead? Quando fizemos uma sessão de batidas de mesa, na casa dos Graham, ele voltou!”

O balançar da vovó parou de repente. A minha mãe ergueu os olhos do tricô que estava a fazer.

“John Banstead?” A voz tornara-se estridente. “Morto há três anos atrás?”

O Reg assentiu, muito satisfeito consigo próprio.

“E também deu o nome da esposa, Emma. Disse que ela morreu de um ataque do coração, um ano depois que ele se foi.”

“De facto, ela morreu assim.” A vovó balançou-se lentamente. Batia com o pé no assoalho com regularidade. “Não concordo com intrometimentos no sono dos mortos,” disse ela.

“Ah, por favor!” pedi, a bajular. “Não poderíamos tentar, mãe?”

“As crianças não farão mal algum,” disse a mãe ao erguer-se, dobrar o seu trabalho e colocá-lo de lado.

Arrastamos uma pesada mesa de mogno e sentamo-nos em torno dela. Éramos quatro: o Reg, a minha mãe, um dos meus irmãos e eu. Contudo, antes que pudéssemos começar, a vovó levantou-se e se encaminhou-se para nós. Nessa época ela estava quase cega e começava a parecer muito frágil. Mas detestava ser deixada à parte de qualquer coisa. Sentou-se e pousou os dedos sobre a superfície polida, conforme o Reg disse que todos fizéssemos. A atitude de vovó não revelava expectativa nem descrença. Ela apenas aguardava.

Ficamos sentados durante algum tempo, sem conversar. O aposento mergulhou num tal silêncio que o estalo de uma acha de lenha, no fogo, fez com que estremecêssemos, esperançosos.

Nada aconteceu.

“Como eu pensei,” disse a vovó.

Contudo, quase no mesmo instante em que ela falou, ouviu-se um grande estalo em toda a extensão da mesa. Foi exactamente como se o móvel tivesse sido atingido por uma violenta chicotada.

Sobressaltados, olhamos uns para os outros. O Reg sorriu.

De repente, a mesa mexeu-se. Uma onda de movimento pareceu atravessá-la ela. Os cabelos atrás do meu pescoço ficaram em pé. Arregalei os olhos para a sólida peça de mobiliário.

Então, uma pancada alta ressoou por todo o aposento.

“Eles estão aqui,” gritou o Reg; o rosto branco e rosado brilhava de excitação. “Os espíritos estão aqui!”

Reg disse isso da mesma forma como um Escocês teria gritado. “Os Campbell estão a chegar!”

E comportou-se à altura da ocasião, com verdadeira eficiência naval.

“Há alguém aqui?” inquiriu. “Se há, faça três pancadas. Isso quer dizer ‘sim’.”

Contive a minha respiração. Parecíamos tremer de expectativa.

Então, três batidas soaram, nítidas, claras e fortes.

“Aah!” ofeguei. A vovó, porém, não disse palavra.

Então, o Reg prosseguiu, a conversando com o ar, a pedir se, caso houvesse uma mensagem para qualquer um dos presentes, o comunicador, por favor, indicaria a pessoa?

Subitamente, a mesa ergueu-se. Não tenho palavras que o descrevam. Aquela mesa enorme elevou-se, aparentemente por sua própria vontade. Ninguém, entre nós, poderia tê-la movido; isso, nós todos sabíamos. De modo que tudo ficou mais emocionante e misterioso

quando a mesa se inclinou sobre duas pernas. As pernas que se elevaram do soalho estavam perto de mim e opostas à vovó. A mesa fez uma mesura à vovó! Quase se podia imaginar que uma pessoa estava a fazer uma reverência!

Recordo que dei uma risada nervosa.

Os olhos de Sarah-Ann estavam calmos e lábios dela encrespavam levemente. Era óbvio que a vovó decidira que o nosso jovem amigo estava a encenar um espetáculo.

Mas ela não disse palavra.

“Por favor, solete o seu nome,” instruiu Reg.

Desta vez as pancadas vieram lentamente, com longas pausas intercaladas. Podia-se ter a impressão de que havia uma personalidade por trás daquelas batidas; ela mostrava-se hesitante, morosa e incerta a respeito de si própria, mas estava a tentar estabelecer a sua identidade.

Todos os nervos do meu corpo vibravam. Era verdadeiramente emocionante.

Enumerei o alfabeto. A. . . B. . . C. . .

Levou um longo tempo para estabelecer o nome. Mas tão logo foi determinado, gritei-o, em voz alta.

“J. . . L. . . M. . . O nome do vovô era Jim! É o vovô!” berrei.

Nós todos olhamos para a vovó. Sobre as maçãs do seu rosto, a tinha a pele esticada como um pergaminho. Somente os seus olhos luziam nos poços negros e profundos das suas órbitas.

“Devo dizer que isso se parece exactamente com ele,” concordou a vovó, graciosamente. Sempre foi lerdo.”

Amontoaram-se lágrimas nos meus olhos. Lembrava-me muito bem do velho cavalheiro, bondoso, de barba grisalha, mãos delicadas, corpo volumoso e passo moderado. Ele fora lento; mas admirara o espírito.

“Você é igual à sua avó, Lena,” disse-me certa vez, quando chorei a desabafar a raiva que sentia para ele, depois de uma cena. “Igual demais, para se harmonizar com ela.

Agora, no jogo bizarro que estávamos a fazer tão despreocupadamente, o vovô retornara por completo, em carácter.

A vovó moveu-se um pouquinho, de modo que a luz pareceu dividir-lhe o rosto, e deixar uma metade na sombra escura. Ela parecia alguém que estivesse a recuar para um outro mundo, como realmente estava.

“Alguma mensagem?” sugeriu o Reg.

As batidas tornaram a soar, agora mais hesitantes. Então, contamos as letras mais claramente.

“S-A-R-A-H-A-N-N.” As batidas pararam.

“É a senhora, vovó,” exclamei; e mamãe falou, docemente. “Deve ser o vovô!”, embora eu não acreditasse que ela estivesse realmente certa disso.

A face de vovó mostrou-se crispada. “Sim, eu sou Sarah-Ann,” respondeu.

As pancadas, então, tornaram a ressoar. Agora, porém, mais atrapalhadas e incoerentes. Era doloroso; uma espécie de tatear na escuridão e na estranheza. Palavras se enfileiraram. Pensamentos e sentenças foram reunidos. Mas não faziam sentido. Se o comunicador fosse o vovô, ou ele já se esquecera de como falar ou, então, ficara por demais esmagado por esta oportunidade de dizer alguma coisa importante. De qualquer modo, ele não transmitiu uma mensagem coerente. O que, mais uma vez, era exactamente o que vovô fizera sempre que algo estranho e inesperado lhe acontecera.

Não tardou muito e ficamos um pouco cansados com aquilo. Tive vontade de saber o que a vovó estava a pensar. Ela continuava sentada, com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado com uma expressão fixa nos olhos. Passado algum tempo, pareceu deixar de se interessar.

Não prestou atenção quando desistimos do 'Jim' e tentamos outros espíritos. Não prestou atenção quando o jogo degenerou em absurdo e nós rimos estrondosamente.

Durante a noite toda, enquanto representávamos a nossa comédia da mesa, a velha senhora franzina permaneceu sentada connosco, com as mãos sobre a mesa, a mente muito distante. Desde então tenho imaginado se ela teve, naquele momento, alguma premonição da sua morte próxima e da sua reunião com outros entes queridos.

Isto porque a vovó morreu antes que se passassem seis meses. O novo despertar e o conhecimento mais amplo foram alcançados por ela antes do final do ano.

Todavia, recordo claramente as palavras significativas, que depois de mais de quinze anos iriam voltar para mim; palavras que eram tão características da vovó quanto a falta de jeito e a confusão tinham sido características do vovô.

Pouco depois, a vovó levantou-se. Tateou o caminho ao longo da fileira de cadeiras, dirigiu-se para a sua cadeira de balanço e sentou-se nela. Então, voltou-se para pronunciar sua opinião.

“Se os mortos podem falar,” disse ela, “acredito que terão mais a dizer do que tolices destas!”

Estávamos em silêncio, como sempre ficávamos quando a vovó falava.

Ela começou a balançar a cadeira para trás e para a frente, num ritmo sonhador. Encostou a cabeça branca no espaldar de carvalho. O seu longo lábio superior estremeceu.

“Os mortos não se transformam em palhaços,” resmungou, desdenhosa. “E se podem voltar, não dizem asneiras! Estou absolutamente certa disso.”

Vovó pronunciara o seu julgamento; e tendo falado, ela retomou a sua leitura.

Mas as palavras do seu julgamento, naquela ocasião, foram exactamente as mesmas palavras que a velha matriarca pronunciou quando 'voltou,' cerca de quinze anos mais tarde!

CAPÍTULO III

MADAME K.

“Eu sou Sarah-Ann!” As palavras vieram da boca de uma médium em transe, na sala de visitas da minha casa no Canadá. “Eu sou a sua avó, Lena!”

A voz familiar saltou, vinda do passado. Arregalei os olhos. O meu coração bateu com força. Como esta mulher, desconhecida para mim e para os meus, poderia ter qualquer ideia a respeito da maneira de falar da minha avó Inglesa?

“Eu não estou morta, Lena, embora eles tivessem atestado a minha morte. Os mortos podem falar. E eles não dizem asneiras!”

Eu estava a cerca de nove mil quilómetros de distância do lar da minha infância. Mais de quinze anos tinham transcorrido desde que a vovó fora amortalhada para o enterro. Eu já não era uma juvenzinha alegre; era uma mulher casada, mãe e uma criatura absolutamente infeliz.

Eu tinha casado contra os desejos dos meus pais. O meu marido era talentoso, bem-parecido, jovial e inteiramente instável. Tínhamos sido arrastados, para a vida matrimonial, numa grande onda de paixão tola. Eu me recusara a acreditar que o casamento representava algo mais do que uma atração ilusória. Não quisera ouvir conselhos. Não quisera nem mesmo dar atenção às sugestões do meu eu interior, que me sussurrava que esta atração não tinha outra base além da forte exigência física, que iria consumir-se por si só.

O Roger era marinheiro, um homem para quem o romance da vida no mar tinha mais encantos do que a vida doméstica. Durante a sua corte ardente, ele prometera abandonar o mar e fixar-se no lar. Se essa

promessa tivesse sido cumprida talvez ele não tivesse caído no abismo de tentação em que caiu, talvez o nosso casamento não tivesse sido desfeito. . . e esta história não tivesse sido escrita.

Talvez!

A minha primeira desilusão aconteceu por causa do rompimento dessa promessa.

Embora fosse um engenheiro mecânico talentoso e um matemático brilhante, Roger recusou-se a estudar para obter um diploma. E também não quis procurar um emprego em terra firme, depois que me casei com ele. Logo após o nascimento do nosso filho Michael, obriguei-o a tratar desse assunto.

“Mas eu sou marinheiro, Lena”, retrucou ele. “Gosto de ir para o mar.”

“Tu prometeste criar um lar para mim.”

Ele sorriu, e mostrou os dentes.

“Ah, isso!”

Foi tudo que consegui extrair dele.

O Michael nasceu nos quartos mobiliados onde eu morava e fiquei tão doente que a minha mãe me levou para casa, com ela; o Roger embarcou quatro dias depois de terminado o resguardo. Não tornei a vê-lo de novo até o Michael ter seis meses de idade.

E a vida prosseguiu como antes: eu a arrastar-me de porto em porto, sem ter um lar verdadeiro, e o Roger a recusar-se a assumir quaisquer responsabilidades. Ele era jovial e completamente irresponsável. Uma vez que eu estivesse no porto para recebê-lo, ficava satisfeito. Se, por qualquer razão, eu não podia ir, ficava zangado e cheio de ressentimento. Até mesmo quando o Michael teve sarampo e não pude viajar até Glasgow, a fim de ir ao encontro dele, ele não fez concessões e ameaçou-me vagamente com o facto de que “de qualquer modo, havia muitas outras mulheres,” e lançou-me num paroxismo de aflição e desespero.

Começamos a brigar, primeiro por causa da falta de dinheiro. Roger não sabia dizer 'não' a uma pessoa nem a uma bebida. Por isso, o nosso dinheiro frequentemente era gasto antes que eu pudesse recebê-lo. E embora a sua posição como oficial de um navio de carreira fosse boa, eu vivia ao deus-dará, e morava em quartos sórdidos. E se eu apertava o Roger, tudo o que ele me diria é que não sabia para onde tinha ido o dinheiro (e, de facto, não acredito que soubesse); e, então, o seu temperamento inflamava-se e o resultado era uma briga tremenda.

Comecei a ter saudades da segurança que tinha abandonado ao deixar a minha casa.

Assim sendo, quando, durante os dias magros de 1930, o Roger me contou que um emprego lhe fora oferecido no Canadá e que, embora ele ainda tivesse que ir para o mar, nós poderíamos estabelecer um lar no porto onde o seu navio sempre iria para o estaleiro; insisti com ele para que aceitasse.

Nos anos que se seguiram, quando o nosso casamento foi se arruinando cada vez mais, torturei-me com a ideia de que tinha cometido um erro ao imaginar que até mesmo a responsabilidade de um lar pudesse alterar os traços de debilidade que existiam no Roger; desejei amargamente jamais ter embarcado nessa nova aventura. Conforme o tempo ia passando e os problemas choviam sobre nós com abundância e em rápida sucessão, tive razões para recordar as palavras de Sarah-Ann, que eu haveria de fazer, para mim própria, uma cama desagradável e seria obrigada a deitar-me nela!

Isto porque, conforme os meus pais tinham tentado mostrar-me, o Roger jamais seria um marido! Ele era um amante admirável e um companheiro jovial e divertido, quando tudo corria bem; todavia, um homem sem firmeza, fraco ante a tentação e com um génio incontrolável e um traço de sadismo que me deixavam aterrada. Os excessos dele cresceram à medida que os anos foram passando, até que senti que não podia suportar mais. O casamento estava a dissolver-se; eu estava assustada, preocupada e desiludida.

Uma mudança se operava no Roger; em certas ocasiões senti que ele era um estranho. Parecia obcecado com algo que lhe minava a

vontade, a força e a juventude. Chegaram ao meu conhecimento rumores concernentes à sua vida no mar. Fosse qual fosse o seu comportamento quando estava longe de mim, quando estava em casa ele mostrava-se inquieto, descontrolado e irascível. E, igualmente descuidado e imprevisível; vivíamos sem pensar no futuro; exteriormente na extravagância, interiormente na insegurança. Ele nem mesmo pensava em fazer um seguro contra qualquer coisa que lhe acontecesse. Não tínhamos saldo no banco, embora mantivéssemos um carro; mas o caso é que toda a gente tinha carro no Canadá; isso fazia parte de todo um padrão de vida.

E então, depois de termos vivido cerca de sete anos no Domínio, eu precipitei o mais ridículo exemplo de insensatez que poderia ter acontecido.

Por orgulho, talvez, ou por causa da minha crescente sensação de insegurança, ou por a frustração me impelir, convenci o Roger a comprar uma casa! Não tínhamos nenhum dinheiro, porém, erradamente, imaginei que se sobrecarregasse o meu marido com uma dívida bem grande ele poderia forçar-se a economizar um pouco do seu salário, a fim de a pagar.

Naturalmente, eu estava errada. Mas, conforme a vovó dissera, eu jamais quis escutar. No princípio Roger opôs-se à ideia, mas depois, quando opus a minha vontade contra a dele, e ele cedeu.

E aquilo, que no princípio tinha sido o desejo de uma casa razoável, cresceu como uma bola de neve e se transformou numa construção dispendiosa e inútil, que nos deixou de mãos atadas!

Foi na época da depressão de 1938. Corretores de imóveis, construtores e organizações financeiras desdobravam-se para conseguir uns poucos dólares; fomos apanhados num sorvedouro de extravagância, porque tudo nos era apresentado nos termos mais simples e

excitantes. A casa precisa ter isto; a casa precisa ter aquilo: e nós (ou, para ser honesta, eu) tínhamo-nos transformado em “otários.” Não podíamos culpar os construtores, nem os electricistas por causa de uma recessão nos negócios. Foi inteiramente por culpa nossa que o custo de tudo aquilo ficou descontrolado. Ou melhor, minha!

Se o Roger estava a ser conduzido por uma obsessão que eu não podia entender, então eu também estava nas garras de uma monomania; uma preocupação com a segurança material que, apesar de tudo, se esquivava de mim.

Antes de a casa ficar pronta nós já estávamos extremamente endividados. O Roger recusou-se a fazer qualquer coisa a respeito. Não trouxe mais, para casa, o dinheiro economizado nas suas longas viagens. A minha pequena mesada para as despesas domésticas não podia ser mais esticada. Comecei a passar as noites em claro, preocupada com o gigante da dívida que continuava a crescer; e apavorada porque o Roger, o querido e alegre Roger, que tinha sido tão divertido no princípio do nosso casamento, se transformara num estranho; uma pessoa de furores incontroláveis.

Por volta da primavera de 1939, tínhamos chegado a um impasse.

Eu tropeçara, por acaso, em informações referentes à vida do meu marido, informações que me deixaram horrorizada. Fazer o Roger encarar os factos provocou uma cena que eu jamais esquecerei. Algo estranho e apavorante se ergueu dentro dele. Desvairado, ele avançou contra mim.

Aquela briga, que me pareceu um pesadelo, foi realmente o fim.

A preocupação levou-me a um colapso nervoso. O nosso médico, amigo meu e do Roger, recomendou-me uma mudança completa e uma separação temporária. Mas eu sabia que isso era impossível. O Roger nunca concordaria com o meu afastamento; além do mais, não tínhamos dinheiro.

Eu não sabia para quem me voltar em busca de auxílio e conselho.

Os meus pais estavam a milhares de quilómetros de distância. Os amigos, com os quais jogávamos bridge, dançávamos e íamos a festas, não tinham ideia de que o nosso casamento chegara a um tal nível de fracasso, embora ultimamente tivessem surgido ocasiões em que o temperamento do meu marido fora publicamente exibido. Ele me

maltratara abertamente e um Natal tinha sido arruinado por completo por tais maus tratos.

(Desde essa época compreendi que grande parte foi por culpa minha, pois eu deveria ter tido pena dele e ter sido mais tolerante. Isto porque, nessa ocasião particularmente desagradável, ele já não era, de facto, responsável pelas suas ações. Foram necessários muitos anos e muitas calamidades antes que eu compreendesse isso.)

O meu único confidente era o nosso médico. Por fim, alquebrada pela preocupação e pelo medo, fui vê-lo, contei-lhe tudo, dei-lhe provas do terror que tinha atacado o pobre Roger e até lhe mostrei cartas comprometedoras. Ele ficou chocado.

“Você deve afastar-se dele o mais cedo que puder,” disse-me.

“Isso poderá trazê-lo à razão.”

“Mas, como poderei afastar-me?” perguntei.

O médico disse que me ajudaria o mais que pudesse, conversando com o meu marido e encarecendo o meu estado de saúde.

Tudo isso era óptimo — pensei comigo própria. Mas, de onde viria o dinheiro?

Foi esse exacto momento que a vovó escolheu para virar-se para mim, desde o lugar que ocupava na eternidade; e tudo aquilo aconteceu de certo modo tão estranho que eu mal posso acreditar que a velha matriarca tenha sido um instrumento de um Plano que está além de tudo o que podemos compreender.

Eu não tinha o hábito de consultar leitores da buena-dicha, mas agora estava desesperada. Como se iria resolver tudo isso?

Repentinamente, lembrei-me de uma boa amiga, Jean Webster. Ela costumava assistir a sessões espíritas, em penumbrosas salas de visitas, e em certas ocasiões contara-me a respeito das 'mensagens.' Eu nunca acreditara nelas. Espíritas são charlatães, dizia eu. Como os mortos poderiam voltar, mesmo que quisessem?

Lembro-me de que a Jean olhou para mim com expressão meditativa.

“Você não quer uma 'mensagem,' Lena,” disse ela. “O que você quer é saber o futuro.”

“Sim,” disse eu, “se é que alguém pode revelá-lo.”

“Bem, há a Madame K. . .” começou a Jean. “Ela não é uma espiritualista. Mas ela é psíquica. É meio índia. . . e, como você sabe, os peles-vermelhas foram uma raça clarividente.”

“Li a respeito,” admiti. “Se esta Madame K. me puder dizer qualquer coisa. . .”

Jean deu-me o endereço e no dia seguinte saí no meu carro a procurar a mulher. Ela morava no outro extremo da cidade. Creio que se a Jean me tivesse contado que a Madame K. era uma criatura meio maluca, que vivia com um bando de gatos malcheirosos numa choça no extremo leste da cidade, certamente eu nunca teria ido lá e talvez a minha história tivesse tido um desenvolvimento diferente. Talvez!

Lembro-me de que gastei quase três quartos de hora para chegar ao bairro de casas pequenas e humildes. Por fim, deram-me a indicação de uma rua de casas de madeira, bastante arruinadas e pouco melhores do que choças, rua essa que se estendia até um terreno inculto, acima dos pântanos do vale. A casa de Madame K ficava exactamente no fim, uma cabana de madeira com um apêndice de sarrafos e papel alcatroado que era como uma excrescência na beleza do matagal. Arbustos de sabugueiro e rebentos de bordo invadiam o caminho de entrada, mas um abrunheiro de nobre porte, coberto de estrelas brancas, erguia-se em frente às janelas e escondia um pouco da fealdade.

Apertei o pedal do freio e parei o carro. Uma mulher estava em pé, à porta.

“Veio para me ver, hein?” Ela carregava um gato cinzento nos braços. A manquejar, veio até o carro, colocou uma das mãos na porta e disse: “Eles' disseram-me que a senhora viria! Entre.”

Fiquei por demais surpreendida diante do que ela disse e encontrei-me numa sala atravancada, que cheirava a gatos e a comida azeda. A janela estava imunda e havia muitas plantas apinhadas no peitoril, de modo que a luz que entrava era pouca. Tropecei num gato.

O animal deu um guincho, arqueou o dorso e cuspiu na minha direção. Eu teria fugido, mas a estrutura ossuda de Madame bloqueava a porta de saída. Eu estava assustada. O grande nariz adunco daquela mulher, a pele morena e os olhos negros, que me olhavam na oblíqua, eram por demais aterradores.

A mulher fez um gesto na direção de uma estropiada cadeira de ráfia. Sentei-me. A Madame colocou o gato numa cesta e então reparei que havia, pelo menos, quatro gatos mais. Eles dormiam em caixas forradas com trapos sujos; um gato preto, um gato cor de doce de laranja, um 'mestiço' vagabundo e um lindo gato siamês. As minhas narinas contraíram-se e levei alguns minutos a acostumar-me ao cheiro e a prestar atenção à dona desse zoológico.

Então, de repente, percebi que a Madame K. estava a caminhar arrastadamente, de um lado para o outro, entre as caixas dos gatos, a cantarolando consigo própria numa estranha linguagem gutural. Dava safanões com os braços e fazia sinais afirmativos com a cabeça, como se estivesse a conversar com alguém. Aguardei, cheia de assombro. E então, um nome prendeu-me a atenção; um nome muito lembrado; todavia, um “nome que estivera fora dos meus pensamentos havia muitos anos.

“Sarah-Ann! Avozinha!” A mulher interrompeu as suas caminhadas, postou-se diante de mim e ficou parada, de braços cruzados, como um antigo chefe de tribo da sua raça. “A pequenina avó da mulher Inglesa! Sarah-Ann!”

Fiquei com a boca seca. Sarah-Ann? Vovó?

Ela repetiu o nome, lentamente.

“Sarah-Ann.” Agora, a aspereza desaparecera da voz da Madame. Ela cantarolou com uma cadência ritmada e oscilou um pouco, para a frente e para trás. “A pequenina vovó! Bonita! Rosada e branca como

uma flor. Mas, velha. Muito velha. Olhos azuis, cabelos brancos, queixo pontiagudo. E miúda! Mãos e pés muito pequeninos. Corpo pequeno, também! Mas, o espírito. . . grande espírito dentro! Ela diz que é a cabeça da casa; a neta não gosta disso! Você!” A mulher sacudiu um dedo ossudo bem perto do meu rosto. “A 'velha'. . . ela diz que você gosta de fazer as coisas à sua própria maneira. Você nunca quer dar ouvidos, hein? De modo que você se meteu numa grande enrascada, hein?”

Não respondi palavra. O meu coração batia como um tambor. A sala estava tão quieta que eu conseguia ouvir a respiração dos gatos.

“A vovó pequenina. . . ela diz que você está toda emaranhada em preocupação. Não tem felicidade com o homem que é o marido. Ele não é um homem ruim. Apenas, é fraco. E agora ele está numa atrapalhão terrível! E a senhora precisa ir embora. Sim, atravessar a água e ir para o lugar onde respirou o seu primeiro alento. Sarah-Ann diz que a senhora precisa fazer isso. Muito para aprender na terra das ilhas. A senhora vai logo. A senhora pergunta como?” A mulher pareceu dar ouvidos a alguma voz silenciosa. “Não pode ir, hein? Então, venda a casa grande!”

Estremeci.

“Vender. . .?” gaguejei. “Mas, eu não posso!”

A índia esticou o corpo. Pareceu muito mais alta, muito mais imponente do que quando eu a vira logo à minha chegada.

“Você não vende casa!” exclamou para mim, com desprezo. “Espírito vende casa. Sarah-Ann. . . ela ajuda neta insensata. Ela abre seus olhos. Tão cega! Você, tão voluntariosa! Ela diz. . .” — ouvindo — “Em dez dias duas pessoas vêm. Elas gostam casa, gostam ver montanhas e mar. Elas compram casa. Não pagam tudo o que casa vale. Não importa. A senhora vende tudo! Pronto!” De novo, a mão ossuda passou perto do meu rosto. “A senhora não olha para trás. Nada de lamentações. A 'velha' diz, esqueça tudo o que passou. Antes da luz nova, senhora atravessa as águas. Vida nova! Melhor para vocês dois.

A mulher fez um movimento espasmódico, com a cabeça: os olhos arregalaram-se.

“A senhora conhece a sua avó?” perguntou ela. Fiz um aceno afirmativo.

“Bom. Ela ajuda. Agora ela ajuda sempre.” A voz da Madame voltara a mostrar-se gutural; a nobreza abandonara-a. “Mas ela diz que a senhora não dá ouvidos. E não acredita. Ela volta de novo. . . para dizer a mesma coisa! Talvez, então, a senhora acredita. . . hein?”

Um momento mais tarde, Madame K. apanhou o gato preto. “A senhora pode ir agora.”

Levantei-me apressadamente, enfiei uma nota de um dólar na mão dela e fugi.

O doce ar do rio, lá fora, encheu-me de satisfação. Contudo, eu tremia de tal modo que mal pude apertar o pedal do freio quando dirigi o carro para casa. Queria chorar. Isto não era uma ajuda. Era somente mais confusão.

Como é que uma velha senhora, que tinha estado longe deste mundo havia mais de quinze anos, podia saber alguma coisa a respeito deste mesmo mundo? Como é que uma índia meio maluca podia saber qualquer coisa a respeito da minha avó impertinente e dominadora? E como eu teria possibilidade de vender uma casa, quando havia rumores de guerra na Europa e no Pacífico? E quando o Roger, com toda a certeza, faria oposição a qualquer ideia de venda?

A resposta a essas minhas perguntas iria ser dada de uma forma ainda mais dramática.

Sarah-Ann ia provar a sua presença para mim, de uma vez por todas, e ia provar que podia realmente ajudar a neta!

Mas, mais uma vez, essa prova deveria vir por intermédio de uma pessoa estranha.

CAPÍTULO IV

A VOLTA DE SARAH-ANN

“Sarah-Ann,” disse a voz da minha falecida avó, através da boca de uma mulher que eu jamais vira antes na minha vida. “Sim. Eu sou Sarah-Ann. Sou a sua avó, Lena. Não estou morta, criança. Uma coisa morta não poderia falar contigo. . . ou ouvir-te chorar a pedir ajuda. Os mortos podem falar, Lena. E eles não dizem asneiras!”

As palavras eram de Millie Watkins, uma médium Canadense, mas a voz, a pronúncia e a entonação eram da minha avó. Era a voz da vovó, e o modo como ela teria falado; até mesmo as inflexões, finas e cortantes, eram dela.

Eu estava pasmada. O que aconteceu foi que esta mulher, Millie Watkins, estava de visita ao oeste, vinda de Toronto. Jean Webster sugerira que eu tivesse uma sessão de 'leitura' com ela. Jean insistira em dizer que Millie Watkins era uma das melhores médiuns do Canadá. Tinha certeza de que, através dos dons de Millie, eu seria auxiliada da maneira correta. Talvez eu recebesse uma 'mensagem.'

Relutante, concordei em falar com a mulher e pedir-lhe que viesse à minha casa. Telefonei para o hotel, na cidade, onde ela estava hospedada.

“Na verdade, eu estou de férias,” disse a senhora Watkins. “Mas você está com problemas, não é, meu bem?”

“Falaram-lhe a meu respeito?” rebati, imediatamente suspeitosa.

Ela riu. “Nunca ouvi o seu nome na minha vida. Contudo, posso 'sentir' os problemas. Irei vê-la.”

Veio uma mulher pequena e de aparência simples, com um rosto sem rugas, cabelos que já iam ficando grisalhos e grandes óculos de aro de tartaruga, que lhe davam uma aparência de coruja sábia. Seu vestido cor de violeta era por demais espalhafatoso para o seu porte e ela usava uma grande cruz de granadas sobre o peito; quando ela se movimentava, a cruz balançava como um sino a badalar. A senhora

Watkins trouxe o marido; por certo, ele era confortavelmente material, pensei eu, imaginando se ela iria decolar e flutuar pela sala. A mulher, porém, sentou-se comodamente numa poltrona e começou por admirar a casa e a vista.

Através da janela aberta, os grilos faziam coro na calma noite de junho. Na encosta atrás da casa, os grupos de pinheiros pareciam sombras negras contra o tremeluzir do mar. O sol estava a descambar e colocava riscas de luz dourada através do céu e do oceano. A linha distante das colinas da Ilha Vancouver apagavam-se numa bruma azul. A luz foi se transformando de dourado para vermelho-sangue e depois desapareceu rapidamente, deixando cinzentos o céu e o mar. Não há crepúsculos no oeste; escurece imediatamente. Uma luz brilhou na rua. Levantei-me para acender as lâmpadas, mas a senhora Watkins deteve-me.

“Há força aqui, na semi-obscuridade. . .” murmurou ela.

Sentei-me. Ficamos em silêncio. As silhuetas dos meus visitantes, sentados nas grandes poltronas, mostravam-se indistintas. O som da respiração deles era como uma pulsação e misturava-se com os batimentos fortes do meu coração. Tinha as palmas das mãos molhadas da transpiração. Fixei os olhos no tapete, que traçava desenhos cor de prata e imaginei por quanto tempo conseguiria suportar aquele silêncio.

De repente, um suspiro semelhante ao vento a soprar num vale correu pela sala. Senti a pele ficar arrepiada. Olhei para a mulherzinha de Toronto, que se erguera lentamente da poltrona que ocupava. Percebi as cintilações da cruz de granadas e o brilho dos óculos dela. Esta era Millie Watkins, eu sabia. . . mas ali também havia mais alguém! Eu tinha certeza disso.

Foi por esse motivo, talvez, que não gritei quando ouvi a voz da minha avó.

“És muito parecida comigo, Lena,” disse a voz. “A mesma cor de pele, o mesmo mês de aniversário, a mesma independência. Não conseguíamos viver em acordo. Lembras-te? Parecida demais, disse o teu avô.” Houve uma pausa. “Vim até ti por intermédio de um outro canal! Mas tu desdenhaste do canal, Lena. Ah, sim, eu sei. Nunca acrediteste

facilmente em coisa nenhuma, não é? Ah, esta talvez seja uma boa característica. “Como é que uma pessoa morta pode vender uma casa?” foi a pergunta que você fez a si própria. E, de qualquer modo, ‘como poderia a vovó conversar com uma mulher louca’?”

Com que então, a vovó sabia a respeito de Madame K.?

Aguardei, não ousando falar.

“Não me podes contradizer agora, minha querida Lena, como antigamente o terias feito,” prosseguiu a voz. “Fizeste uma trapalhada da tua vida, minha filha. Estás desiludida e infeliz. Nós sabemos tudo sobre isso. Também sabemos a respeito do Teu marido. Ele deve ser salvo da sua loucura. Agora só há um meio. Um corte limpo. A faca do cirurgião deve ser aplicada ao padecimento dele. . . ele deve ser abalado até o ponto de poder perceber a insensatez. . . e dominá-la. Precisas sair de junto dele. . .”

“Devo ir embora?” ecoei, e era estranho que eu, uma mulher adulta, esposa e mãe, estivesse a responder como se ainda vivesse sob o controlo da vovó. “Mas. . .”

“É o remédio,” continuou a vovó, calmamente. “As vezes, para sermos bondosos temos que ser cruéis. Deves abandonar tudo isto,” com um abanar da mão, “vender todas estas quinquilharias. Ah, eu sei o quanto estimas tudo isto! Quando todas as outras coisas falharam, isto foi como manteiga para o teu orgulho. Mas o que é o orgulho? Apenas um obstáculo. Tens que aprender a ser humilde. Tens que caminhar sozinha. Tens que te encontrar a ti própria. . . aquela Tu genuína, que até o momento tu mal conheces. E o Roger deve ser posto frente a frente com a realidade. Ele precisa aprender a dominar-se, e não a ser dominado. Há lobos que rondam em torno dos incautos. . . aqueles que se intrometem no obscuro mundo das ilusões são apanhados. . . e ele tem sido excessivamente imprudente.”

Aquilo era tudo o que ela diria a respeito do Roger. . . uma alusão velada, mas confirmou o que eu já sabia, ou pelo menos suspeitava. Isto porque o Roger jamais admitiria que tinha ficado preso na armadilha de uma obsessão pecaminosa: e que agora éramos como estranhos.

“Voltarás para a Inglaterra, minha filha,” prosseguiu a voz da vovó. “Lá há trabalho para ti. . . e muitas lições para aprender. Tomaremos conta de ti,” (eu pensava na guerra iminente) “e do Michael. Colocaremos um manto de proteção em torno de vocês os dois. Mas não poderemos interferir no sofrimento que acarretaste para ti própria com a tua própria obstinação. Isso tu precisarás suportar. Casaste com o teu marido, contra todos os teus próprios instintos interiores. . . e contra o conselho dos teus pais e dos teus amigos.

Fizeste a tua cama, Lena, e tens que te deitar nela, conforme eu costumava prevenir-te. Mas, nós que te amamos faremos o que pudermos para te ajudar,” terminou ela, e a vergonha golpeou-me quando me lembrei de que apenas tolerara aquela velhinha rígida e exigente. “Estaremos ao teu lado em todas as dificuldades e te ajudaremos a encontrar o teu caminho. Sempre te amaremos. . . mesmo que tenhas que sofrer punições. . .”

Como este retrato, do carácter da minha avó, estava absolutamente correto!

A vovó em espírito era a vovó em vida! Não perdia tempo a compadecer-se. Era prática e sem sentimentalismos. Como sempre, a vovó espancava primeiro e aplicava unguento depois.

Durante algum tempo, ela ainda pôde comunicar. Deu-me instruções referentes a vender a casa e a regressar para o meu próprio país. Tudo seria simples, disse-me ela, e depois disso eu já não poderia duvidar dela. (Não obstante, mesmo depois disso fui assaltada pelo medo de ter sido demasiadamente crédula; e foi só depois de muitas e muitas demonstrações de carinho espiritual que acreditei realmente.) Ela também me contou que tinha encontrado Jim, o meu avô.

E então, a voz da médium foi morrendo num sussurro.

“A força foi-se,” murmurou o marido dela. “Deixe-a sozinha por uns instantes. Ela ficará bem.”

Fiquei sentada ali, a chorar silenciosamente. Tinha a mente num torvelinho. De súbito, a vida tinha sido virada do avesso. O irreal tornara-se real. Repentinamente, eu me via frente a frente com o facto de que a

vida subsistia; que este mundo, pequeno e desconfortante, não era a única coisa que existia, para vivermos. Sarah-Ann vivia em algum outro lugar! Sarah-Ann parecia até mesmo muito mais viva do que quando estava na terra. Era uma coisa extraordinária demais para ser aceite.

E Sarah-Ann amava-me e ia-me ajudar!

Era quase impossível acreditar nisto.

“A senhora pode acender as luzes,” o arrastado sotaque Canadense, de Millie Watkins, intrometeu-se na minha confusão. Agora ela parecia absolutamente calma e normal.

“Você teve aqui a presença de alguém que conheceu, benzinho?” perguntou ela, bebericando água.

“A minha avó,” disse eu. Depois, deixei escapar: “Exactamente como ela costumava ser!”

Marido e mulher sorriram um para o outro.

“Eles não mudam muito, benzinho. Não se transformam em santos nem anjos, assim como que da noite para o dia. Se o fizessem, não os reconheceríamos, não é?”

Depois que os meus visitantes foram embora, voltei para a minha sala de estar. Uma solitária lanterna japonesa, cor de laranja, estava acesa. A tranquila noite de Junho estava além das janelas e uma lasca de lua percorria o céu.

Apenas a sala estava diferente. Parecia viva! Uma força vibrava dentro dela; havia ali uma presença, uma presença além daquela da minha avozinha. Era um espírito de amor e de beleza, tal como eu jamais conhecera antes. Senti-me envolvida por aqueles braços amorosos.

“Em baixo estão os braços eternos,” pensei. E senti-me confortada.

Sentei-me e fiquei inteiramente imóvel, banhada pela beleza deste amor; e um profundo processo de cura da mente e do espírito pareceu

ter lugar dentro de mim. Senti um novo sentimento de gratidão e uma grande humildade.

Mais tarde, muito tempo depois, eu iria experimentar esta humildade, por causa de alguém que se inclinou para mim e veio do mundo contíguo ao nosso, para me ajudar quando a vida me pareceu penosa demais.

“O amor sofre longamente e é bondoso,” murmurei nesta ocasião, como depois, anos mais tarde, tornaria a dizer para mim própria.

Só fui para a cama muitas horas depois. O céu oriental tornou-se cor-de-rosa antes que eu pudesse apartar-me da beleza daquela sala impregnada por uma presença espiritual.

Senti que também fora “capturada no espírito.”

CAPÍTULO V

A FUGA

Os dias que se seguiram à sessão passaram numa paz igual a um sonho. Embora uma parte da minha mente ainda continuasse cética, eu não podia livrar-me da certeza da sensação de que este comunicador, vindo de um outro mundo, tinha que ter sido a minha avó.

Então, o navio de Roger atracou no porto. Fiquei estarecida e amedrontada ao ver como ele estava estranho; a aparência dele era a de um homem fora de si; já não era nem mesmo o Roger jovial e irresponsável; o rosto dele parecia uma máscara. Era um homem impelido por forças que iam além do seu controlo, um homem possuído.

Aquela semana foi um inferno. Ele entregou-se a acessos de cólera. Gastou dinheiro loucamente. Não quis dar ouvidos aos meus pedidos para que fosse mais comedido. Parecia que, embora já estivéssemos profundamente endividados, ele queria mergulhar ainda mais fundo. Sofrera um acidente com o carro, num cruzamento, batendo num outro veículo e escapando, por pouco, de atingir uma mulher, com um bebé nos braços, que vinha sentada no banco da frente. O nosso seguro

pagou apenas uma parte dos danos; uma soma de noventa dólares, de que mal podíamos dispor, saiu da nossa receita insuficiente.

Contudo, ele começava a perceber que alguma coisa estava a ser preparada; certa vez apanhei-o a olhar para mim, com um olhar intrigado; estava a perceber a minha calma renovada. E então, certa noite aconteceu uma coisa terrível. Tudo começou por causa de uma insignificante diferença de opinião, que foi crescendo, crescendo. Ele esbravejou comigo, como se fosse um louco.

Eu sempre tivera medo dos seus acessos de cólera; portanto, para o pacificar, dava-me por vencida. Ou entregava-me às lágrimas. Ele parecia ficar satisfeito quando eu chorava. Agora, porém, eu tinha uma nova esperança e uma nova força; a força da vovó.

Alguém estava a guiar-nos para fora do atoleiro em que havíamos transformado as nossas vidas. Este casamento, que agora já não era mais um casamento, tinha ido muito longe na estrada da extravagância, do medo e do sadismo. A angústia desta situação estava a solapar as nossas próprias almas.

E vovó não tinha censurado igualmente a maneira de viver do Roger? Ele estava a perder tudo o que torna a vida agradável. Não acreditava em nada, não respeitava coisa alguma e não tinha âncora com que firmar-se contra as correntezas para as quais os remoinhos dos excessos o estavam a impelir. Se a Sarah-Ann estava certa (e eu não tinha motivos para pensar que qualquer médium pudesse ter a ousadia de inventar aquela história), então a cirurgia da separação era absolutamente necessária. Somente um corte decisivo poderia trazê-lo de volta à razão. Perder a sua esposa, o seu filho e a sua casa, perder o prestígio ante os companheiros. . . somente por meio disto este homem, que eu amara e que estava sendo obcecado por um desejo mórbido de excitação física, poderia ser salvo de si próprio.

Quando, nesta determinada noite, a sua cólera se gastou e eu não me dissolvi em lágrimas, ele encarou-me com ferocidade. Serviu-se de uma grande dose de uísque. Repentinamente, com misteriosa percepção, exclamou:

“Estás a preparar-te para me abandonar, não é?”

Não dei resposta.

“Não podes ir!”

“Posso sim,” retruquei.

A cólera recrudesceu nele. Ele deu um salto e ficou de pé.

“Não deixarei que vás!”

Pela primeira vez, desde que esta coisa medonha se colocara entre nós, olhei-o bem nos olhos, com firmeza.

“Se isso é uma promessa,” lembro-me de ter dito calmamente, “não preciso dar qualquer atenção a ela. Tu nunca sustentaste nenhuma das promessas que me fizeste durante toda a nossa vida de casados!”

Durante um momento terrível, pensei que ele me fosse bater. Os olhos chamejavam. Ele tremia de raiva.

Então, os braços penderam ao longo do corpo. Voltando as costas para mim, ele tornou a encher o copo.

“De qualquer modo, não poderás ir,” disse, com escárnio.

“Não tens dinheiro nenhum.”

Não contei que já planeava vender a casa. Desejava presenteá-lo como um *fait accompli*; essa era a única maneira de levar a melhor sobre ele. Eu sabia disso. Como todos os homens do seu tipo, Roger encolher-se-ia diante de uma demonstração de força.

Antes mesmo do navio deixar o porto, eu já colocara a casa nas mãos de um corretor. Foi-me dito que a ocasião era deveras imprópria para vender uma propriedade; a guerra estava na iminência de estourar na Europa, e ninguém sabia para que lado o Japão se voltaria: e esta era a vulnerável costa oeste do Canadá. Todos os obstáculos possíveis foram colocados no meu caminho.

Agora, porém, eu me agarrava às palavras da vovó, vindas por intermédio das duas médiuns que conhecera. Poderia ser tudo um embuste? Recusei-me a dar ouvidos a essa ideia. A velha Madame K insistira em que 'o espírito venderá a casa.' Muito bem, concluí. Deixemos, então, que os espíritos superem os obstáculos.

O corretor era um homenzinho dinâmico, com um passo corrido e um permanente bombardeio de perguntas. Quando viu a casa, mostrou-se interessado, trouxe um fotógrafo e ambos fotografaram o lugar, de todos os ângulos. Ele era um bom vendedor, isso eu podia ver. Mas estava sempre alguns pulos à minha frente, tanto mental como fisicamente. Quase nunca ficava parado tempo suficiente para explicações; um simples sim ou não era o bastante para ele. Se eu queria manter qualquer espécie de conversação coerente, tinha que segui-lo de aposento em aposento, ou então sair para o jardim. Ele era um fumador escravizado. Cinzas caíam-lhe pelo casaco abaixo; uma trilha de pontas de cigarro marcava a passagem dele pela casa. Todavia, a sua vitalidade e o fluxo incessante da sua conversa venderiam qualquer coisa a qualquer um. Disso eu tinha a certeza.

Uma semana depois do Roger ter partido, acordei, pela manhã, com uma dor de cabeça enjoativa. O calor era opressivo: eu sentia-se sufocada. Comecei a imaginar por quanto tempo os meus nervos ainda aguentariam. Envergonho-me de dizer que estava absolutamente deprimida e irritada. Toda esta pretensa 'comunicação,' recebida da minha avó, não teria sido apenas um estratagema do demónio, para me atormentar? Qual seria o fim de tudo aquilo? Supondo que eu não consiga vender a casa? Como poderemos continuar a viver juntos? O que acontecerá ao Roger, ao Michael, a mim?

Na cozinha, reduzi a cacos algumas das minhas melhores porcelanas e explodi numa torrente de lágrimas. Voltei para a sala de estar, atirei-me no sofá e chorei amargamente. Afinal de contas, ao casar com o Roger a despeito das advertências de todos, eu não me metera numa via de sentido único? Não haveria ajuda para mim?

Ainda estava a chorar quando vozes soaram lá fora e pude ouvir o ruído de um automóvel a parar. A nossa casa ficava no fim de uma estrada nova; além dela havia uma plataforma de vigas para a construção de mais um prolongamento, e não havia passagens através

dela, de modo que aquelas pessoas deviam estar a dirigir-se para a minha casa. Espiei por entre as aberturas da persiana. E, de repente, fui tomada por uma atividade frenética; corri a lavar o rosto e pentear o cabelo.

Isto porque o corretor estava no relvado, com o cigarro a balançar entre os lábios e o chapéu de feltro mole colocado num angulo janota. Ele estava a apontar, a gesticular, a trotar e a exhibir toda a sua habilidade de vendedor.

E duas pessoas estavam ao lado dele; um homem idoso e uma mulher de cabelos claros.

As duas pessoas que, segundo Madame K. previra, viriam a mim!

Eu mal terminara de colocar pó no rosto e o corretor já estava a bater à porta da frente. Ele deteve-se apenas um minuto, para me apresentar às visitas; depois levou os clientes de aposento em aposento, num ritmo dinâmico, o jorro persuasivo da sua eloquência a ecoar atrás da sua passagem. A mulher era a parte prática da dupla; ela espiou dentro dos armários da cozinha, testou os pavimentos, bateu nas paredes e insistiu em inspecionar o porão e as traves de sustentação do soalho.

Desisti de tentar segui-los. Dentro em pouco os três saíram para o jardim. Nessa altura eu também já estava a fumar.

Subitamente, a porta de trás abriu-se.

“Eles fizeram uma oferta,” bradou energicamente o corretor. “Talvez não seja aquilo que a senhora esteja à espera. Talvez não seja aquilo que o lugar poderia valer. . . em épocas normais. . . mas agora não é fácil vender, conforme eu já disse à senhora! E eles estão a oferecer pagamento à vista! Pagamento à vista!” Ele recitou as palavras, com doçura.

“Dinheiro em caixa, imediatamente!”

“Quanto?” perguntei, ofegante.

Ele mencionou uma quantia. Era muito menor do que a que eu antecipara. Todavia, pensando com rapidez, compreendi que essa soma cobriria as hipotecas e ainda sobrariam algumas centenas de dólares.

“Não terá uma outra oportunidade igual a esta, senhora. Nada de prestações. Vai se livrar do negócio de vez. Ele é importante na Universidade. Tem o dinheiro, isso tem. O que acha?”

“O meu marido. . .” gaguejei, agora assustada diante daquilo que estava a fazer por minha própria conta.

Os olhos do homem ficaram nublados. Ele puxou de um cigarro de um maço amarrotado.

“Se a senhora está satisfeita, Madame?”

Eu mal sabia o que estava a dizer.

“Estou satisfeita.”

O homem acendeu o isqueiro a gasolina, aplicou-o ao cigarro e soprou a fumaça.

“Então, são favas contadas, Madame. Agrade às senhoras. É isso que eu digo sempre.” Ele viu o medo estampado no meu rosto. Com rápida intuição, aduziu: “Gostaria que eu telegrafasse ao seu marido, Madame? Talvez eu possa explicar de uma forma mais conveniente na vez da senhora. . .”

Eu não tinha escondido muita coisa. Este homem astuto provavelmente sabia que eu estava a deixar o meu marido; sem dúvida, ele estava bastante familiarizado com o que era preciso fazer em casos semelhantes.

“Fará isso, por favor?” disse eu.

Um instante depois ele descia correndo os degraus da porta de trás; uma fina névoa de fumaça seguia no seu encalço.

Depois que tudo terminou, voltei para a sala de estar.

Agora que sabia que podia ir; agora que tinha comprovado que a vovó estava certa; agora que o caminho estava aberto para a minha partida, e que o dinheiro estava ao alcance da minha mão, experimentei a reação habitual.

Este era o meu lar. . . o único lar verdadeiro, desde o nosso casamento. . . a minha linda casa; e eu estava a perdê-la. A estrada esboroava-se sob os meus pés. Desejara ter segurança com tanta intensidade e agora estava a privar-me até mesmo daquela que tinha, e estava a partir por uma estrada longa e solitária, rumo a um país que a guerra já ameaçava.

Andei ao redor da sala, toquei o sofá, as mesas laqueadas com botões de cerejeira, a lanterna chinesa, cor de laranja, a pender do suporte de teca entalhada, os vasos e taças orientais que o Roger comprara barato no Oriente e trouxera para casa.

Isto era um adeus! Isto era amargura, realmente!

Se, ao menos, todas essas coisas lindas tivessem sido suficientes! Se, ao menos, tivéssemos sido bem-sucedidos. . . se, ao menos. . .

Poucos dias depois, o corretor telefonou. O meu marido tinha telegrafado a dar o seu consentimento.

Isso foi tudo. Dessa maneira sóbria, e através de um estranho, o ato da separação tivera lugar. Se, ao menos, o Roger não tivesse desistido do seu direito de não me deixar vender nossa casa — pensei.

Isto era o fim definitivo? Nunca mais tornaríamos a estar juntos? O choque, provocado pelas minhas ações, ajudá-lo-ia a retomar o controle de si próprio? O despreocupado Roger de antigamente teria desaparecido para sempre, apagado pelos falsos encantos do Oriente?

Estas eram perguntas que eu não podia responder. Somente o tempo as responderia.

Nesse ínterim, sentindo-me muito infeliz, fiz os arranjos para partir. Um negociante comprou a mobília. O nosso carro já se fora. Passagens

para a Inglaterra foram reservadas. Escrevi ao Roger, a contar-lhe que aquilo que ele previra tinha acontecido. O nosso médico também confirmou que era imperativo que eu partisse imediatamente; disse que não responderia pela minha sanidade se eu permanecesse ali.

Foi tão simples quanto a maioria das tragédias!

Conforme a Madame K. tinha previsto, antes que uma luz nova aparecesse, o Michael e eu estávamos de viagem num comboio transcontinental que corria para Montreal e para o navio que devia levar-nos para uma vida nova na Inglaterra.

CAPÍTULO VI

DE VOLTA À INGLATERRA

Numa época ou outra das nossas vidas, chega, para todos nós, um momento em que tudo de bom nos acontece sem nenhum esforço aparente. Encontramo-nos no lugar certo, conhecemos as pessoas certas, fazemos aquilo que tínhamos sonhado fazer e experimentamos a vida em toda a sua plenitude.

Tais períodos são o “veludo” na urdidura da roupagem da nossa vida, cores brilhantes na tapeçaria que nos compete criar; esses intervalos abençoados frequentemente acontecem depois de um trecho de desolação; eles são uma espécie de compensação pelas tristezas por que passamos.

Quando chegamos à Inglaterra, os acontecimentos modelaram-se dessa forma.

Descobrimos que a guerra estava a chegar, decididamente, e isso causou-me uma certa surpresa porque nunca acreditara realmente que a Inglaterra e a Alemanha tivessem uma segunda guerra. Os preparativos para ela pareciam assustadores: apagões, guardas na ponte, hostes de homens uniformizados; e se acontecesse alguma coisa ao Michael? Ele tinha apenas catorze anos de idade.

Todavia, a vovó prometera que seríamos protegidos. Essa era a única estrela de esperança. Não podíamos voltar atrás. Eu tinha queimado todas as pontes.

Ou será que não? —

O Roger ficara terrivelmente abalado com a nossa briga. Escreveu a suplicar-me que voltasse; prometeu fazer tudo o que eu quisesse; escreveu a dizer que compreendia que tudo acontecera por sua própria culpa. Eu não poderia perdoá-lo e voltar? Lembrei-me, porém, de todas as outras promessas rompidas. Pobre Roger! No seu presente estado de saúde mental jamais seria capaz de manter aquelas promessas; a vovó tinha razão: ele teria que lutar para conquistar o seu caminho para a normalidade.

Aqueles dias de estadia no porto devem ter sido um inferno para ele. Enviou-me uma barragem de cartas e de telegramas. Volta para o Canadá antes que seja tarde, ordenou. Respondi dizendo que íamos ficar na nossa própria terra, viesse o que viesse.

No começo de Setembro o navio dele zarpou para destino desconhecido. A guerra tinha sido declarada. A guerra resolvera a situação, para o Roger e para mim. Lenta e inexoravelmente, o destino parecia estar a trabalhar com ele e comigo.

Para meu grande espanto, o Michael foi aceite como interno numa boa escola. Encontrei um lar temporário, como hóspede de arrendamento, numa casa de campo situada exactamente no extremo de Guildford; e ali vivi sossegadamente, a tentar restaurar os nervos abalados e a saúde danificada. Lembro-me de como passeava sobre as dunas durante horas, e dentro em pouco recuperei um bocadinho de calma e de força. Aquela vida agradava-me. A minha saúde começou a melhorar; eu dormia bem e estava a readquirir o peso que perdera.

A minha aparência, porém, estava diferente! A parte da frente do meu cabelo embranquecera completamente; eu ainda não chegara aos quarenta anos, mas sabia que a juventude tinha desaparecido para sempre. Eu era uma mulher madura.

Evidentemente, aceitei com naturalidade o facto de ter ficado curiosa a respeito do sobrenatural! Li tudo o que pude encontrar sobre o tema da comunicação dos espíritos, e conheci pessoas que estavam dispostas a discutir o tema comigo. . . a favor e contra!

Quanto mais eu aprendia, mais percebia que o 'retorno' da vovó não tinha sido nem mesmo excepcional; havia registos de fenómenos ainda mais extraordinários.

E, então, tive uma 'sessão' com um médium muito conhecido em Londres, o senhor Arthur Bhaduri. E ele confirmou, sem quaisquer sugestões da minha parte, tudo o que tinha acontecido por intermédio da Millie Watkins e da Madame K. Deu-me conforto e garantia, provenientes da minha avó, de que o Michael e eu seríamos protegidos e de que nenhum mal nos iria atingir. Reafirmou as promessas que a vovó fizera; disse-me, até mesmo, que o meu marido estava a ser ajudado de todas as maneiras possíveis: e que o meu retorno à Inglaterra não tinha sido realizado apenas para romper um laço entre nós. Havia, disse ele, um Propósito, muito mais profundo, por trás de tudo o que tinha acontecido. Um dia, no futuro, isso ser-nos-ia revelado aos dois, de uma forma maravilhosa.

Enquanto isso, eu precisava procurar um trabalho; ele aconselhou-me a não manter o meu interesse apenas no nível psíquico, mas a estudar as leis espirituais da vida, muito mais profundas. A verdade era o único estudo, disse ele; havia tantas coisas mais, além dos simples fatos de uma existência futura; e era isso que estes espíritos, que tinham retornado, desejavam que aprendêssemos.

Saí daquela sessão animada e revigorada. Agora, as minhas leituras seriam de um tipo diferente; naquele momento eu soube que me ia sentir muito atraída pela filosofia e pelo misticismo. Sempre serei grata a um livro que me deixou uma impressão permanente. Refiro-me ao “Modern Man in Search of a Soul” [Homem Moderno em Busca de uma Alma] de C. J. Jung. Li esse livro com avidez e copiei muitas passagens que são maravilhosamente aplicáveis à vida.

O fracasso de chegar a uma velhice feliz, sugeriu o autor, era devido ao facto de que a maioria das “pessoas não compreendesse que não podiam levar para a idade madura os ideais, pensamentos e desejos que tinham tido como certos entre as faixas dos vinte e dos trinta anos. O

homem precisa compreender, disse Jung, que é um cidadão de ambos os mundos, o mundo físico e o mundo espiritual. Com a moderação da velocidade do ritmo de vida, depois dos quarenta anos, o homem deveria ser orientado para as necessidades mais profundas da alma; cabe a ele descobrir, até certo ponto, quem ele é, por que está aqui e para onde está a dirigir-se. A partir do momento em que li esse livro, uma vela pareceu ter sido acesa no meu caminho. Por meio da sua débil cintilação, eu estava e encontrar um caminho que até então me fora desconhecido.

Li e estudei zelosamente. Descobri os livros de Evelyn Underhill, Paul Brunton, Jung. Estava sempre a vasculhar em estantes de bibliotecas, a procurar o conhecimento; li sobre outras religiões, Budismo, Sufismo; e li algo dos Upanishads, da Índia, e adorei especialmente a tradução da Canção Celestial, de Sir Edwin Arnold. Li vidas de Santos — aquele maravilhoso 'Dark Night of the Soul' [Negra Noite da Alma] e o livro, pequenino e simples, escrito pelo Irmão Lawrence, "The Practice of the Presence of God" [A Prática da Presença de Deus]. E reservei determinados momentos do dia para ficar em silêncio e meditar.

Penso que aquele primeiro ano de guerra, passado em Guildford, foi a época mentalmente mais reveladora para mim; todo um mundo novo e prodigioso estava a abrir-se. E, o que é bastante estranho, eu começava a ter "percepção" da presença daqueles que vinham de um outro mundo; sabia quando eles estavam perto de mim e podia 'sentir' o seu afeto; descobri que estava a desenvolver uma espécie de audição interior, de modo que quase podia seguir uma 'segunda' faixa de audição. E isso sem nenhum "desenvolvimento" prolongado, realizado em círculos, como é comum entre os Espiritualistas. Esta segunda camada, por assim dizer, de consciência, veio sem nenhum esforço da minha parte; eu podia ligar-me e desligar-me; havia ocasiões em que ouvia distintamente outras vozes; e havia ocasiões em que tentava ouvir e não ouvia nada.

Eu não estava nem um pouco satisfeita com este novo sentido. Não tinha nenhuma vontade de ser psíquica nem tinha nenhuma vontade de ser médium. Queria ter saúde, tranquilidade de espírito e segurança; e, por estranho que pareça, na Inglaterra então ameaçada por incursões aéreas e invasões, eu estava a encontrar tudo isso.

As cartas do Roger continuavam a chegar; cartas angustiadas, cheias de recriminação pessoal. O navio dele estava ao serviço de guerra. Ele estava a fazer um trabalho perigoso; eu ficava a imaginar se jamais nos encontraríamos de novo, mas estava claro que, à parte de quaisquer ideias de segurança pessoal, não haveria razão para a minha permanência no Canadá. Depois daquela primeira visita, ele não voltou lá. Contudo, insistiu em que a nossa vida em comum não tivesse um fim; e pagou as taxas escolares do Michael.

Todavia, eu sabia que, tão logo a minha saúde estivesse perfeita, eu também precisava trabalhar. E então, mais uma outra vela foi acesa no meu caminho e a sua luz guiou-me, como um farol, no momento em que, mais tarde, cheguei a outra bifurcação na estrada.

CAPÍTULO VII

“COM AMIGOS”

Em 1940, num lindo dia de primavera, mudei-me para um novo lar temporário, exactamente no extremo de Guildford; e bem perto das dunas. A casa era adorável e pertencia a uma mulher adorável. Irradiava beleza. Havia nela uma qualidade que acalmava e elevava o espírito, além de ser uma delícia para os olhos. Não era tanto pelo gosto excelente na escolha do mobiliário, nem pelos tons pastel dos azuis, rosa e verdes dos tapetes e das cortinas, nem pelas massas de flores que havia por todas as partes, nem pelas prateleiras e prateleiras cheias de livros; não era tanto por isso como pela paz que impregnava tudo e enchia a casa. A guerra parecia distante — pois estes eram “Amigos.”

Não obstante, foi desta casa que saí para me juntar ao esforço de guerra!

Eu ia ser uma hóspede de aluguer. Na minha primeira visita, olhei para tudo o que me rodeava e olhei para os vasos de flores na sala de estar; quase todas elas de flores campestres; prímulas, violetas, grandes ramos com botões de flores de castanheiro, galhos de espinheiro branco. A dona da casa devia ser uma pessoa amável e devia amar a natureza, segundo pensei.

A senhora Vernon imediatamente esclareceu que era membro da Sociedade dos Amigos (Quacres).

“Creio que a senhora deve saber que nós somos Quacres,” disse ela, nessa entrevista preliminar. “Naturalmente, somos pacifistas. Contudo, dois dos meus filhos estão a servir no estrangeiro, com o Corpo de Ambulâncias dos Amigos.”

Quacres? A minha pulsação acelerou. Aqui estava um novo ângulo para a vida do espírito. Senti que tinha sido conduzida para lá, e a minha decisão foi tomada logo de imediato. Se ela me aceitasse, eu me sentiria feliz em viver ali, como hóspede.

“Levamos uma vida simples,” prosseguiu Mary Vernon. “Apreciamos a vida no campo. Lemos muito; geralmente, as nossas noites são gastas em debates e leitura de poesias. E aos Domingos assistimos às Assembleias votadas ao culto. Naturalmente, a senhora não precisa ir.”

“Mas eu gostaria muito!” exclamei. “É exactamente isso que tenho procurado!”

Mary Vernon sorriu. Discutimos os preços da hospedagem: descobri que estavam absolutamente dentro das minhas posses. Mary Vernon era viúva, mas era evidente que não estava a tentar fazer comigo, desta transação, um negócio financeiro; ela queria partilhar a sua linda casa. Levou-me a conhecer a residência inteira; mas não tomou uma decisão apressada. Antes da minha partida, ela fez uma coisa estranha e comovente. Tomou ambas as minhas mãos entre as suas.

“Você conheceu o sofrimento, filha” falou docemente. “Talvez esteja planeado que você encontre paz aqui, por algum tempo. Telefone-me amanhã, depois de nós as duas termos meditado sobre este passo. Não!” — quando comecei a falar, “não devemos ser precipitadas.

Ambas poderemos orar por isto, não?”

Eu estava muito comovida.

“Obrigada,” murmurei, sentindo as lágrimas a acumular-se nos meus olhos. “A senhora é muito linda! Muito linda, interiormente!”

Caminhei descendo a estrada, num passo apressado, sentindo-me uma tola por ter deixado escapar aquelas palavras. Mary Vernon tinha uma beleza profusa, que era mais grandiosa do que a beleza física. Naquela ocasião não compreendi — e, na verdade, só vim a compreender muito tempo depois, quando, uma vez mais, tive um vislumbre da beleza da alma, numa outra mulher — que estava a ver por baixo da superfície.

Depois que mudei para a casa de Mary Vernon, descobri que ali se vivia no meio da beleza material, mental e espiritualmente. Havia uma simplicidade ordenada nas nossas vidas. Logo percebi que estava a esquecer todos os sofrimentos do meu casamento e começava a descontraír na atmosfera suave que a senhora Vernon criara. Mary tinha aquela percepção intuitiva que, frequentemente se revelava perturbadora, e logo compreendeu os meus problemas. Contudo, não criticava nem condenava, nem ao meu marido nem a mim. Mary não era fingida. Ela procurava viver de acordo com os princípios e os esclarecimentos dos Quacres; mas, jamais esperava encontrar perfeição em quem quer que fosse.

“Não se pode ter o céu na terra,” costumava ela dizer. “Nós todos somos humanos; caso contrário, não estaríamos aqui.”

Mary carregava a sua espiritualidade como um estandarte; e nas manhãs de Domingo aquele estandarte era de ouro puro.

A Assembleia era realizada numa sala quadrada e sem mais nada além de bancos e cadeiras; não havia ninguém para conduzir o serviço religioso, no sentido costumeiro. Os frequentadores do culto entravam, tomavam os seus lugares calmamente e ficavam em silêncio. Isso era tudo. O Eu da matéria ficava literalmente atento, emocional e mentalmente, às inspirações do espírito que residia dentro.

Mais tarde descobri que quando havia um discurso ele era pronunciado por alguém da congregação, que se sentia impelido a partilhar daquilo que tinha experimentado, na humilde esperança de que nós também pudéssemos ser enriquecidos; ou por esse alguém ter uma 'preocupação' com respeito a algum problema de desenvolvimento.

Charles Lamb, no seu ensaio sobre 'Uma Assembleia Quacre' [A Quaker Meeting], escreveu: “Na Assembleia deles eu tenho visto rostos sobre os quais a pomba está pousada, visivelmente a cismar.”

“Por que não há sermões na Assembleia dos Amigos?” perguntei a Mary, um dia, quando íamos em passeio juntas, pelo bosque.

“Ah, minha cara, mas há sermões; sermões além das palavras,” respondeu ela. “Esses sermões devem alcançar o nosso eu interior. Por vezes, a Assembleia fica muito animada e o Espírito parece passar de um para o outro, inspirando e exaltando. Nós deixamos que o Espírito interior nos induza a falar. Contudo, se a Assembleia está silenciosa, esse não é o silêncio da estupidez ou da depressão. O silêncio criativo é mais prodigioso do que o discurso. A Natureza cria em silêncio. O dia amanhece e anoitece em silêncio. O homem vem

do Silêncio e, depois da morte, o homem volta para o Silêncio. Um sábio disse, certa vez: “O silêncio é a ponte entre o homem e o seu Criador. Deus é o Centro Silencioso do nosso ser.” Mary cortou um ramo de rosas selvagens. Acima dele, o seu cabelo brilhava e o seu rosto fulgia, cheio de paz e serenidade. “Depois de ter experimentado a proximidade Dele, seguimos adiante com graça suficiente para as nossas necessidades.

Graça, pensei; que palavra linda.

Naquela ocasião eu não sabia que a Mary não tinha muito tempo de vida — e que ela sabia disso. E também não sabia que uma mulher, que tinha falado com tal doçura e com tal compreensão simples e pura, na Assembleia, e cujo rosto fulgira cheio de luz, tinha perdido o seu filho único, um rapaz brilhante que servira no Corpo de Ambulâncias, na França, pouco tempo atrás.

Mas o que eu sabia é que estava a aprender tolerância e perdão, e que um dia essas qualidades iriam ser postas à prova: mas como ou quando, permanecia oculto.

Logo depois que fui viver com a senhora Vernon, visitei uma amiga que fizera em Guildford. Eu tinha sido convidada para o chá, mas quando cheguei descobri que Wendy Leathers não estava sozinha. Uma mulher pequena e loura levantou-se para me cumprimentar e, quando

apertamos as mãos, senti tal onda de rancor, a jorrar dela, que fui colhida de surpresa. Ela era uma mulher de idade madura, de cabelos claros e desbotados e com uma expressão severa e dura no rosto. Fiquei a saber que ela se retirara, vinda de Londres. Logo de início, por suas primeiras palavras, a mulher se revelou.

“Não, não gosto disto aqui,” falou, secamente. “Quieto demais! Dá-me nos nervos. E, também, não consigo arranjar trabalho.”

“Mas eu pensei que o país estivesse a implorar por trabalhadores!”

Ela fez uma careta.

“Munições! Bem, eu não vou para uma fábrica. Sou auxiliar de loja; e é isso que eu quero fazer. Mas, alguém me quer? Pode apostar que não!” Fiquei com os olhos cravados nela.

“Está muito bem para o meu filho. . . deixar-se matar a lutar pelas pessoas!” Ela tropeçou nas palavras. Meu filho único, além do mais. Mas, de mim ninguém quer saber. É isso que está errado com as pessoas. . . elas não fazem a menor conta do que acontece com os outros. . .” a voz dela foi minguando.

Ficamos sentadas, em silêncio, enquanto ela vociferava sobre o mundo e as pessoas que viviam nele. A injustiça que perseguira toda a sua vida; a estupidez do seu menino, inclusive por ele querer lutar; e agora, possivelmente, acabar com a própria vida.

O rancor manifesto, daquela mulher, era esmagador. Ela destilava ódio e ressentimento, do mesmo modo como a mãe Quacre, igualmente enlutada, derramava serenidade. Ela é como uma árvore estéril — lembro-me de que este pensamento me passou pela mente qual relâmpago; a lutar desesperadamente numa floresta sem sol; nem mesmo as suas raízes têm profundidade. A sua alma está a morrer. Pobrezinha, pensei; pobre alma no seu inferno de amargura.

“O que foi que a senhora disse?” Ela virou-se para mim.

O sangue subiu-me ao rosto. Eu não percebera que tinha falado.

“A senhora 'sabe' as coisas, não sabe? A senhora Leathers diz que a senhora é psíquica. Muito bem. Diga-me se o meu menino está vivo,” inquiriu ela, em voz aguda. “Conte-me. 'Eles' só dizem 'Desaparecido.' Não me contam nada. 'Eles' se esquecem que a gente é mãe.”

Sacudi a cabeça, na negativa. “Receio não ser tão psíquica assim. Todavia, se o seu filho morreu pela sua pátria, ele não se importará muito com isso, realmente. É a senhora, de facto, é a senhora. . . Esse rancor está a envenenar-lhe a alma!”

A sala ficou extremamente silenciosa. Pude sentir o meu coração a bater com força. O que é que me tinha levado a dizer tal coisa?

“Eu, envenenada?” guinchou ela. “A senhora também estaria, se passasse pelo que eu passei! Enganos, traições, pobreza. A minha vida tem sido um inferno. Um inferno, eu digo-lhe! A senhora não sabe o que é a tragédia de um lar desfeito, sabe?”

Fiquei calada.

“É claro que não sabe. Não sabe o que é criar um filho, lutar para o alimentar, sem ter nenhum pai para ajudar; nada além daquilo que a senhora ganha sozinha. Foi embora com outra mulher, foi isso que o meu marido fez; e também levou o meu dinheiro, as nossas economias! Gastou tudo com ela, o porco! Eu odeio-o! Sempre o odiarei! Mas aquilo que ele fez não lhe valeu de muito. . .”

“Por quê?” perguntou Wendy Leathers.

*Ele' morreu. Acho que foi vítima da sua própria brincadeira. Só teve a mulher dois anos. . .”

“A senhora quer dizer,” arquejei, “que o seu marido está morto? E fala dele dessa maneira?”

“Bem, por que não?” a mulher empinou a cabeça. “Ele pregou-me um golpe sujo, não foi? Ah, certo, já faz quase dez anos que morreu.”

“E a senhora ainda o odeia?”

“Sempre o odiarei.”

“Mas a senhora está a manter o seu marido no inferno,” quase vociferei para ela. “O espírito de um homem não morre, quando o seu corpo perece. E a senhora está a forjar uma corrente de ódio, que o mantém numa prisão de remorso!” Eu mal sabia o que estava a dizer. “A senhora não pode fazer isso! Está a liquidar a sua própria alma. É uma coisa horrível. . . Não pode perdoar. . . agora?”

Ela lançou-me um olhar chamejante.

“A senhora poderia?”*

(Nota do Editor: Aqui, a autora ficou aterrada ao se ver no espelho da outra. Não haveria necessidade de tal confronto, caso ela não receasse aquilo que viu fora, nela própria.)

Não tive resposta para aquilo. Pois compreendi, de repente, que estava numa posição muito semelhante; supondo-se que algo acontecesse ao Roger; supondo-se que ele morresse. Aí, como eu me iria sentir a respeito dele?

Naquela noite, fiquei acabrunhada e silenciosa. Mas, naturalmente, Mary Vernon percebeu isso.

“O que é que há de errado?” indagou ela, agregando rapidamente.

“Não me conte, se não quiser.”

“É a respeito do meu marido,” respondi. “Nós estamos separados, você sabe. E isso me aflige. Se alguma coisa lhe acontecesse. . .”

“Você quer dizer que está a pensar se deve, ou não, perdoar e voltar?” inquiriu Mary.

Sacudi a cabeça, negativamente.

“Não quero fazer isso. Somente que. . . somente que, algo me deixou abalada, hoje; e eu não sei como devo agir.”

“O amor perdoa,” murmurou Mary.

Baixei a cabeça. “Então, não aprendi a amar,” redargui.

Mary ficou calada um instante. Depois, disse: “O dever?”

“Não. O dever não é bastante forte.”

Após um momento, impulsivamente. “Terei que fazer alguma coisa, Mary. . . quero dizer, arranjar um trabalho para afastar o pensamento deste problema. Adoro estar aqui consigo, mas. . .”

“Mas você se sente insegura e está incerta sobre si própria, Lena. Eu compreendo. Você diz que o dever não é uma razão bastante forte para fazê-la voltar; eu gostaria de assinalar justamente isto. A Sociedade dos Amigos dir-lhe-ia que o homem tem três deveres; para com o seu Deus, para com o seu semelhante e para consigo próprio. Somente você solucionará o seu problema. Você pode fugir dele, minha querida; pode perder-se no trabalho. Um dia, porém, terá que olhá-lo de frente.” Mary inclinou-se e me beijou-me. “Reze a pedir ajuda, querida Lena,” murmurou.

Depois, deixou-me sozinha.

Todavia, os dias que se seguiram tornaram cada vez mais claro, para mim, que este delicioso interlúdio terminara. A minha salvação estava no trabalho. Havia uma guerra em curso; O Roger estava lá fora, no Pacífico distante, a dar sua contribuição. O épico de Dunquerque ocorrera. O meu país estava ameaçado; o futuro parecia sombrio. Eu também devia fazer o que me fosse possível. Somente sentindo que eu podia ser de alguma utilidade, mesmo que pequena, é que conseguiria pôr um fim nos temores que agora me assediavam; temores de que Roger pudesse morrer e nós não tivéssemos voltado um para o outro. Havia, porém, um medo ainda maior, que me aterrorava ainda mais; o que eu deveria fazer, quando e se nos encontrássemos novamente?

Eu mal ousava pensar nisso!

CAPÍTULO VIII

O SONHO

A Londres do tempo de guerra era corajosa, triste e estranhamente estimulante.

Eu gostava de trabalhar na Censura Postal. Era um trabalho exaustivo e concentrado, penoso para a vista, com longas horas de cuidadosa decifração de cartas. Muitas e muitas dessas cartas eram enfadonhas, mas havia momento de "excitação, em que imaginávamos ter "descoberto algo." Contudo, essa foi uma parte útil do esforço de guerra e também foi um recurso que me impediu de pensar demasiadamente nos meus próprios problemas.

O Michael passou as férias de Natal comigo, no hotel onde eu morava. O meu coração esmoreceu quando olhei para ele. Michael estava a crescer; logo teria dezassete anos. No fim de tudo, a guerra acabaria por o alcançar.

Ele falou-me sobre o pai.

"A senhora realmente separou-se do pai?" perguntou.

"Creio que passamos a viver vidas diferentes, Michael. Afinal de contas, já faz mais de dois anos que nos separamos. . ."

"A senhora quer dizer que a senhora se separou dele, mamãe! O pai sempre escreve a dizer que quer voltar."

Não pude responder àquilo. Tive a sensação, curiosamente depressiva, de que o meu filho me estava a culpar pela separação; de que ele se afastara de mim. Todavia, eu não estava preparada para fazer coisa alguma. A única esperança que podia alimentar era que o problema se resolvesse por si próprio, de algum modo.

Por volta da Páscoa eu estava tão feliz e satisfeita no meu emprego que já esquecera grande parte das tristezas da minha vida passada e da angústia de tornar a encontrar o Roger. O Michael veio durante esses feriados; já era um jovem sério e calado, que me beijou com sobriedade,

sem a costumeira exuberância de menino. Fiquei a imaginar se alguma coisa o estaria a deixar preocupado.

Tão logo ficamos sozinhos no meu quarto, ele contou-me:

“O pai está aqui,” disse, “ou melhor, na Escócia. O navio dele está atracado no porto.”

Desajeitadamente, tentou apanhar uma carta no bolso. “Recebi isto, quase no momento em que ia sair da escola,” disse.

Recuei. Com que então, acontecera. Agora, o problema alcançara-me.

“Ele quer vir até aqui, ver-nos,” prosseguiu o Michael. Mãe, a senhora o deixá-lo vir, não vai?”

“Eu. . . eu não posso tomar uma decisão assim tão depressa,” resmunguei, assustada.

O Michael voltou-me as costas.

“Vou tirar as minhas coisas da mala,” disse, evitando encarar-me.

O Roger escreveu a dizer que, se as coisas se desenrolassem conforme esperava, a tripulação logo estaria “em casa,” durante alguns dias. Ele poderia vir, para conversarmos? Fora uma injustiça, da minha parte, não ter respondido às suas cartas; não ter contado onde estava a viver. Michael dissera-lhe que eu estava a trabalhar numa repartição. Ele esperava que o meu trabalho me agradasse.

Era uma carta curta e desconexa, obviamente escrita com grande emoção. E ela deixou-me aterrada. Poderia eu recomeçar toda a aflição de antes? O Roger estaria melhor do que quando eu o deixara? Ele nunca cumprira as suas promessas, lembrei a mim própria. Teria ele mudado, poderia ter-se transformado?

Quando o Michael se reuniu a mim para o jantar, eu sabia que não suportaria ver o Roger. Para começar, eu não confiava em mim própria; a velha 'atração' não tinha fenecido por completo; suponhamos que ele

tentasse fascinar-me,” levando-me a voltar? Além do mais, tinham-se passado tantas coisas entre nós; poderia eu esquecer tudo aquilo, quando nos encontrássemos?

Eu estava a fugir, e sabia disso.

“A senhora não vai ver o pai,” disse Michael.

Voltei a cara. “De nada adiantaria.”

Vi a garganta do Michael latejar.

“Mamãe, isso não é justo Não é justo!” disse-me ele, impetuosamente. “O pai não é um homem ruim. Ele só é fraco. Ah, eu sei muito mais do que a senhora imagina,” exclamou, quando arregalei os olhos, cheia de espanto. “Ele não fez nada horrível. . . nada que não possa ser perdoado.” Michael acendeu um cigarro e eu não pude repreendê-lo. “Ele ama-a; ele contou-me. E a senhora gosta dele. Além do mais, agora ele está diferente. . . daquilo que. . . que foi. Está mudado. Ele. . . escreveu a dizer que tinha. . .”

“Há alguma prova disso, Michael?” falei, defendendo-me.

Não obstante, eu estava preocupada e sentia-me culpada. Deveria ter consentido em ver Roger?

Desejei poder saber o que a minha velha avó teria aconselhado. Antes ela me ajudara a sair de junto de Roger. E disse que isso o traria à razão. Como poderia eu saber se ela tinha dito a verdade?

Eu estava amedrontada demais para descobrir por mim própria. Apesar de tudo, uma parte de mim ansiava vê-lo. Eu estava dividida em duas, emocionalmente, e a lembrança daqueles últimos dias no Canadá tornou a voltar. Sentia que agora tinha encontrado uma certa dose de paz. Não poderia atravessar tudo aquilo de novo.

Ao dar-me um beijo de boa noite, Michael mostrou-se constrangido. Todavia, não me disse nada.

Na noite seguinte nós saímos, tivemos um jantar tão satisfatório quanto qualquer um poderia conseguir na Londres dos tempos de guerra, e fomos a um cinema. Eu creio que foi aquele cinema que me provocou o sonho que tive. O filme foi horrível; um assassino caça um homem, que é perseguido até o navio no qual estava a pretender escapar. Ele tenta fugir, salta para fora do navio e nada por baixo d'água, em direção a uma ilha. Quase consegue alcança-la. Mas acontece que fica embaraçado numa rede de pesca, lançada por uma traineira que estava de passagem; e, engolfado e indefeso, é sugado sob o barco. O corpo dele, na rede, era como o de um peixe afogado, prostrado e inerte. Fui para casa atormentada com o horror daquilo.

E, caindo no sono rapidamente, sonhei.

Só que, desta vez, o homem que nadava para salvar a vida era o Roger! Eu estava numa ilha e podia observar a luta dele. Vi quando ele foi lentamente sugado para baixo, pela maré, em direção ao barco e à rede. Lembro-me de que fiquei parada na praia, sem fazer nada, mal sentindo qualquer emoção. Apenas a observar e a esperar. Então, ouvi o grito dele.

“Lena! Lena!” O nome correu por sobre a água e voltou para mim, como um eco, de novo e de novo. “Lena! Socorro! Socorro!”

No terrível significado do sonho, vi o rosto do Roger com absoluta nitidez, branco como a morte, a olhar para mim, petrificado de medo.

De repente, não pude aguentar mais aquilo.

“Roger!” gritei. “Está tudo bem. Eu estou voltando para ti. Está tudo bem!”

As palavras deixaram-me assustada. Foi o sonho mais real que já tivera, e o mais assustador.

Durante todo o dia seguinte, o rosto de Roger interpôs-se entre mim e o meu trabalho. Eu não conseguia tirar o sonho da minha mente. Não fui directamente para casa, porque sabia que o Michael estava a passar o dia com um amigo, em Hampstead. Em vez disso, fui a um Teatro de

Novidades; sentei-me e assisti ao programa por duas vezes, mal tendo consciência daquilo que via.

Quando me encaminhei para o hotel, houve um ataque aéreo; mas o aviso de 'Tudo Claro' soou assim que entrei no saguão. No meu quarto, encontrei um envelope encostado contra o espelho da cômoda. A carta era do Roger. No verso havia uma anotação a lápis, escrita pelo Michael. “Chegou esta carta do pai esta manhã, fechada dentro da minha.”

Durante algum tempo, fiquei olhando para a carta. Tinha as minhas mãos a tremer. Por fim, rasguei o envelope e li a única folha de papel que continha.

“Não creio que tu me recebas,” li. “Não posso culpar-te por não me queres ver. Há coisas, no nosso passado que eu também quero esquecer; coisas horríveis, que cometi contra ti e a mim próprio. Não esqueço isso. Agora eu compreendo. A minha insensatez quase nos destróçou aos dois. Tenho sido um idiota. Mas agora está tudo acabado. Tu não queres acreditar, mas durante este ano que passou eu lutei comigo próprio. . . e com algo mais do que eu próprio! Em certas ocasiões senti que estava a lutar com uma serpente. . . uma coisa grande e terrível, que se enroscava e que estava a espremer a minha vontade. . . e a minha vida! Creio que sabes o que quero dizer; e creio que compreendes. Deus me ajude, confio em que, finalmente, estou livre! A minha rebelião, contra seja lá o que for que me dominava, começou naquele momento terrível em que percebi que me tinhas deixado! Não obstante, foram necessários estes longos anos, duros e solitários, para que eu me livrasse daquilo. Aprendi uma lição terrível.”

As lágrimas toldaram-me os olhos.

Com que então, a velha Sarah-Ann tinha tido razão? O Roger precisava daquele corte cirúrgico. A drástica separação das nossas vidas dera-lhe o incentivo e a energia para lutar contra a sua obsessão. De repente, as palavras da carta dançaram diante de mim. Enquanto prosseguia a leitura, percebi que tremia.

“Sonhei contigo, Lena, há duas noites atrás. Foi o sonho mais real que jamais tive. Sonhei que o meu navio tinha sido torpedeado, mas eu fora jogado na água, sem ferimentos, e estava a tentar nadar para sair

dali. Acontece, porém, que eu não conseguia avançar contra as ondas. Elas atiravam-me continuamente para trás, para junto no navio. E eu sabia que, quando o navio afundasse, seria sugado para o fundo, com ele. Estava aterrado e paralisado.

Não podia fazer nada. E então, repentinamente, encontrei-me a chamar por ti. Parecias estar parada numa praia, à minha frente. Tentei, a duras penas, chegar àquela ilha. Chamei por ti duas vezes. Gritei o teu nome. . . E então, tu respondeste-me. Ouvi a tua resposta, Lena! Gritou: "Eu estou a ir, Roger! Está tudo bem! Estou a dirigir-me para ti! Está tudo bem!" Creio que acordei nesse momento. Mas, senti-me tão calmo. Senti que agora nos entendíamos um ao outro; que toda a raiva, que tinha havido entre nós, desaparecera. Ficara o amor. Porquanto eu te amo, Lena. Sempre amei, mesmo quando estava na pior das situações. . . Se este é o nosso adeus, Lena, penso que agora é um adeus sem malevolência, sem rancor ou ressentimento."

Durante algum tempo, fiquei enroscada na minha cadeira.

O sonho tinha sido real, disse eu a mim própria. Nós os dois tínhamo-nos encontrado em algum lugar no tempo e no espaço. As nossas vidas pertenciam uma à outra. A amargura do passado tinha desaparecido. O amor estava a fluir de volta. . . o amor era mais forte do que o ódio. O espírito da minha avozinha dissera a verdade. Fora necessário demolir aquilo que construíramos entre nós, com a nossa ignorância e a nossa estupidez. Agora precisávamos reconstruir. Naquela ocasião eu não sabia que havia um propósito, muito mais profundo, nessas experiências. Eu não podia prever o futuro. Sabia, apenas, que a culpa e o ressentimento tinham desaparecido. Eu também me sentia purificada, do mesmo modo que o Roger. Antes de ir para a cama, rabisquei uma mensagem num pedaço de papel e deixei-a no quarto do Michael, onde ele pudesse vê-la quando voltasse para casa.

À mensagem dizia:

"Querido Michael.

"Manda este telegrama amanhã bem cedo, com este endereço, ao teu pai.

“SERÁS BEM-VINDO AQUI, NO MOMENTO EM QUE
CONSEGUIRES UMA LICENÇA. AMOR DA LENA E DO MICHAEL.”

CAPÍTULO IX

MORTE

Os anos de guerra mundial foram muito bondosos para mim e para os meus. Conforme a vovó prometera, fomos protegidos. O Dia-D encontrou-nos uma família feliz e unida. O Roger tinha passado, em segurança, por todos os perigos da guerra no mar; o Michael diplomara-se, tendo-se transferido da escola para o exército, e, como jovem oficial de modesta patente, tomara parte nos desembarques da Segunda Frente. Tinha sido miraculosamente protegido. Eu tinha trabalhado em Londres, contudo, jamais estivera a menos de meia milha de distância da explosão de uma bomba!

A vovó cumprira a sua promessa, realmente. O Roger estava uma pessoa diferente; o Michael estava feliz e a sua vida corria muito bem. Eu tinha encontrado paz. A barca da nossa família parecia rumar para águas calmas, de um porto aprazível.

E, então, deu-se a explosão. Ela despedaçou o nosso pequenino barco; e nós afundamos em águas profundas. Depois que o Michael foi desmobilizado, retornamos a Montreal e lá passamos algum tempo. Ali, o Michael fez os estudos para uma carreira civil, na universidade McGill. O Roger continuava no mar, porém agora navegava pelo Atlântico.

Não tardou para que eu sentisse o chamado de Londres. Quis voltar. Quando o Michael casou, vendemos a nossa casa e voltamos para a Inglaterra. Tivemos sorte, pois alguns amigos, que tínhamos feito durante a guerra, ofereceram-nos a sua hospitalidade. Laura era escritora e Canadense de nascimento; o marido aposentara-se do Exército da Índia. Eles alugaram-nos uma parte da sua encantadora residência em Kensington, um apartamento pequeno e atraente. Aqui nós acomodamos-nos. O Roger podia vir para casa facilmente, durante a sua estadia num porto inglês, e eu tinha companhia durante a sua ausência. Os primeiros seis meses, que passamos no nosso pequeno apartamento, foram os mais felizes de toda a minha vida de casada. O Roger conseguiu uma

licença especial. Saboreamos cada minuto e exploramos Londres como os Ingleses raramente o fazem.

Justamente antes do Natal, Roger teve que voltar para o navio.

Lembro-me de que fiquei desapontada por ele não ir estar em casa nos feriados natalinos. Roger, porém, fez notar que se reuniria a mim para o dia de Ano Novo e, de qualquer modo, isso seria divertido. Além do mais, ele poderia visitar o Michael e a esposa, em Montreal, durante o Natal.

“Será esplêndido ver o rapaz,” disse ele. E depois falou algo que desde então sempre relembro: “Mas eu daria tudo para estar contigo neste Natal, Bub!”

Eu ri. “Mentira! Tu sabes que vais apreciar muito o teu Natal. E que vais voltar!”

Não obstante, fiquei um pouco perturbada. Não era próprio de Roger falar daquela maneira.

Depois que ele partiu, fiquei muito absorvida em todas as minúcias dos preparos para o Natal. Remeti cartões, rebusquei lojas à procura de presentes de última hora, e saboreei, completamente todos os ruídos e cintilações de Londres. A Laura e eu geralmente reuníamos-nos todas as noites, para tagarelar. Entre nós havia, e ainda há, um profundo laço de afeição. A Laura possui uma mente clara e analítica; ela diverte-se imenso a procurar manter-me com os pés assentes na terra: isto porque, segundo diz frequentemente, eu deixo a minha imaginação lançar-se numa correria desenfreada. Apesar disso, e embora ciente de que ela desprezaria o meu relato e o classificaria de fantasia, contei-lhe os meus sonhos.

Isto porque, na noite do Domingo da semana que antecedeu o Natal, tive outro daqueles sonhos reais, igual àquele sonho que, dramaticamente, trouxera o Roger de volta para mim, depois da nossa separação. Contei-o à Laura.

“Tem-se se movimentado demais,” foi a resposta característica que me deu. “Precisa fazer as coisas com mais calma.”

Intimamente, porém, senti que o sonho tinha um significado. Contudo, não sabia qual.

No meu sonho, eu encontrava-me numa cidade desconhecida. As ruas eram antigas e muito estreitas. Quase se poderia tocar o lado oposto da rua. Era uma noite de tempestade e a chuva lavava-me o rosto. Subitamente, tive consciência de que um homem estava abrigado sob a parede alta de uma casa, no extremo contrário da rua. Não lhe prestei muita atenção, e estava a forçar o meu caminho contra o vento, quando um estrondo violento cortou o ar.

Lembro-me que me virei rapidamente, a tempo de ver a parede, atrás do homem, oscilar, rachar-se e ruir. Tijolos amarelos e vermelhos desprenderam-se e desceram a rolar, carregando consigo o homem. Ele caiu, com o rosto virado para baixo. Um instante depois, tinha o corpo oculto pelos escombros. Nesse momento eu acordei, a tremer. Aquele tinha sido um pesadelo horrível. Creio que teria esquecido tudo, mas acontece que na noite seguinte tornei a sonhar. Este sonho foi ainda mais cheio de presságios. Acordei com uma sensação de tristeza.

Não obstante, no meu estado de sonho eu estivera a observar uma cena, numa atitude quase indiferente. Ou, pelo menos, só fiquei pessoalmente ligada aos atores quando o reconhecimento pareceu saltar sobre mim. Então, fui violentamente arremessada para a consciência, com os nervos esticados e tensos. Alguns sonhos são pura insensatez; outros são precognitivos. Alguns são tão reais quanto os acontecimentos da vida quotidiana. Este foi um desses.

No meu sonho, encontrei-me num aposento de forma retangular. O piso de pedra, muito lavado, fez-me pensar num departamento para atendimento de acidentados, num hospital. Havia apenas luz suficiente para mostrar-me o corpo de um homem, no chão. Uma névoa amarelada parecia envolvê-lo. Este era, claramente, um caso de acidente; o homem gemia e por vezes lutava para respirar. De vez em quando os lábios crispavam-se-lhe e ele bradava um pedido sem nexos. Eu estava impotente. Nem mesmo me conseguia mover. Era forçada a desempenhar o horrível papel de espectadora, neste drama de morte. Pois eu tinha certeza de que aquilo era morte.

Não sei quando foi que tomei consciência da presença de um outro personagem. Num momento eu estava com a respiração convulsa, ante a visão do homem em sofrimento; no momento seguinte vi que uma mulher se curvava sobre ele. Embora as feições do homem se mostrassem estranhamente obscuras, vi o rosto dela com absoluta nitidez. A mulher tinha o cabelo adorável e a pele macia de uma Inglesa. No lugar onde a manga do vestido azul dela pendia, a pele do braço brilhava com uma espécie de luz translúcida. Vi que ela segurava, junto aos lábios do homem, uma taça com água.

“O que aconteceu, Kit?” perguntei.

Ela voltou-se para mim. Na sua expressão havia a doçura e a suavidade de uma santa.

“Ele vai ficar bem, Chick (Franguinha),” disse ela. Embora não possa jurar que ouvi as palavras, elas foram claramente registadas pela minha mente. “Nós vamos cuidar dele.”

E então, de súbito, abriu-se uma cortina com um estalo, na minha mente. Adiantei-me, impetuosamente.

E, tão depressa quanto viera, tudo ficou escuro. A sala tinha desaparecido; o homem e a mulher que cuidava dele também tinham sumido. Eu estava sozinha, num lugar imenso, onde não havia pessoa alguma. Acordei com os dentes a bater. O que era tudo aquilo? O que tinha eu visto? Quem era o homem agonizante, deitado no chão? Quem era a mulher que me tratara por ‘Chick’? Pouco a pouco, fui-me acalmando. E então, lembrei-me da Kit. Ela tinha sido uma boa amiga para mim, anos atrás, naquela primeira vez em que eu fora para o Canadá. Kit tinha cabelos claros e olhos azuis, e era meiga. E a Kit sempre me tratara por ‘Chick.’ Tinha sido uma amiga muito querida de todos nós: e amara o Michael ternamente, nos tempos em que ele ainda era um garotinho.

Mas, a Kit já estava morta há mais de cinco anos!

Lembro-me de que um suor frio brotou da minha pele. Quem era o homem agonizante, deitado no chão, que estava com ela? Um viscoso dedo premonitório arrastou-se pela minha consciência.

Não falei à Laura sobre esse sonho; de algum modo, ele parecia significativo demais para ser comentado.

O dia vinte de Dezembro foi um dia monótono. A chuva caía: havia pouca luz lá fora, de modo que mantive uma lâmpada acesa na minha sala de estar. Durante a manhã inteira embrulhei pacotes de Natal, amarrei cordões vistosos sobre papel vermelho, coleí selos de Natal; mas a alegria do Natal desaparecera. Senti que estava à espera. . . espera de algo que eu não sabia o que era.

Em cima da arca de mogno estava o cartão do Roger, colocado no correio em Liverpool, antes do navio dele ter zarpado. O cartão mostrava uma cena da “Canção de Natal,” de Charles Dickens. Tiny Tim estava a dizer, solenemente: “Deus nos abençoe a todos.”

Olhei para o cartão. Os ricos vermelhos, verdes e azuis, e a paz sedativa da Inglaterra Vitoriana, eram coisa do passado. Duas guerras mundiais tinham alterado aquilo. Isso é passado. Tudo passa, pensei. Coloquei o cartão de volta no seu lugar. Tudo passa. Isto também passará.

Semanas mais tarde essas palavras voltaram a mim, numa carta enviada por um amigo; só que num contexto diferente. “Tudo passa. Isto também passará.”

Saí depois do almoço. Esperando, no habitual congestionamento de tráfego da esquina da Church Street, eu estava a observar ociosamente um enorme caminhão de carga, que passava muito devagar, quando uma sentença de estranho significado, me veio à mente. Foi como ouvir uma voz a falar comigo, de modo que me volvei para ver se alguém me dirigira a palavra. Mas, ninguém falara comigo.

As palavras foram assustadoras.

“Se você recebesse uma pancada na cabeça e morresse,” disse a voz desconhecida, no meu cérebro, “não saberia realmente que estava morta, não é?”

Fiquei imóvel. Por um momento, julguei que fosse desmaiar.

O que estava a acontecer comigo? Eu estaria a enlouquecer? Ou estava apenas a ficar mórbida? Alguma coisa teria acontecido ao Michael. . . ao Roger?

Voltei para casa às pressas e senti-me melhor após tomar uma chávena de chá. Naquela noite fui visitar uma amiga, no seu apartamento perto de Kensington. Ela era jornalista e nós tínhamos muitas coisas em comum. Normalmente eu gostava de conversar com ela.

Naquela noite, porém, eu mostrara-me vaga e desconexa. Às nove horas estava aflita por voltar para casa e, por fim, saí de lá com tanta pressa que esqueci os meus óculos, uma coisa que jamais fizera antes. Eu não sabia quanto iria precisar daqueles óculos. Fui para a cama e caí num sono profundo. Todavia, fui despertada pouco tempo depois, segundo me pareceu, por batidas ruidosas, à minha porta. Era a Laura.

“Lena! Lena! Acorde!” Arrastei-me de volta para a consciência. A porta do meu quarto rangeu ao ser aberta. A Laura, vestida com uma bata, estava delineada contra a luz do saguão. “Você precisa vir, Lena. É um telefonema do Canadá!”

Tinha os pensamentos estavam encalhados numa terra de ninguém, entre o sono e a vigília. Meio a dormir, resmunguei: “A esta hora da noite?” e saí da cama, agarrando o meu roupão.

A Laura acompanhou-me até à sua sala de visitas. Nós partilhávamos o telefone e o aparelho ficava lá, na sala. Apanhei o receptor e ouvi a voz do Michael, quase como se ele estivesse ali, e não a três mil milhas de distância.

“Mãe?”

“Sim.” Imediatamente, fiquei vigilante. “Sim, o que é?”

“É o pai. Ele sofreu um acidente.”

“O pai?”

A voz de Michael enfraqueceu. “É grave. Ah, mamãe, é terrível!”

Creio que então eu já sabia.

“Ele está. . .?”

“Mantenha-se calma, mãe. o pai foi-se. . . Ele está morto, mãe. Morreu esta tarde.”

Não sei o que disse ou o que fiz. Tudo o que me recordo é que o Michael me disse para apanhar um avião e voar para lá imediatamente; que todos os arranjos seriam providenciados. Eu deveria partir na tarde seguinte.

Quando Laura pôs um braço em torno de mim, eu estava aturdida demais para falar.

Tudo o que podia lembrar era que não tinha os meus óculos comigo e iria precisar deles, porque não podia ler ou escrever sem eles.

CAPÍTULO X

O SEXTO SENTIDO

O dia foi um pesadelo. À tarde eu estava a caminho do aeroporto, a preparar-me para iniciar a viagem para o Canadá. A visibilidade estava ruim e havia algumas dúvidas com respeito a se um avião decolaria para o vôo sobre o Atlântico. Já estava a nevar fora do saguão onde aguardei durante quase uma hora, enquanto decisões eram tomadas; eu era uma figura encolhida, ainda atordoada pelo choque, entre toda aquela alegre multidão que partia para os feriados natalinos.

Roger estava morto, dizia eu continuamente a mim própria, como se não conseguisse acreditar naquilo. Morto? O feliz e jovial Roger. . . morto? Não era possível.

No avião, permaneci sentada, sem sentir sono e sem derramar lágrimas. Eu não conseguia chorar. Contudo, também não conseguia parar de pensar nos últimos dias.

Então, tinha visto o Roger, no meu sonho. . . o homem em baixo da parede; o homem deitado no chão de pedra; o homem a quem a Kit

estava a dar um copo d'água. Querida Kit! Graças a Deus, ela viera ao encontro do Roger.

E então, lembrei-me da 'voz' que ouvira em Kensington High Street.

Poderia ter sido a voz do Roger? O espírito de Roger a esvoaçar ao acaso, desorientado com o que lhe acontecera?

Ao pensar nisso, chorei um pouco. Pobre Roger; orei para que ele não ficasse demasiado assustado. Não conseguia parar de pensar que ele ia ficar perdido. . . perdido porque não sabia e nem acreditava em coisa alguma após a morte.

Ou será que acreditava?

As minhas ideias saltaram de volta para uma tarde daquele Outono que acabara de terminar e que fora tão feliz.

Lembrei-me daquela tarde em que Roger tinha colocado diante de mim exactamente essa questão, uma interrogação surpreendente tratando-se do Roger; uma pergunta a respeito de uma Vida após a Morte.

Aquele fora um alegre dia de outono e nós estávamos fora, no campo, perto de Guildford, a passear por entre as árvores de Chantry Woods. O Roger mostrara-se surpreendentemente preocupado durante o dia inteiro. De repente, ele disse:

“Estes momentos, que temos passado juntos, têm sido adoráveis, Lena. Nunca os esquecerei. Que tolos nós fomos, por não termos sabido que a vida poderia ter sido sempre assim!”

“Nós éramos apenas ignorantes, creio eu,” disse, lentamente.

“Talvez. Mas eu era fraco.” Lembro-me de que naquele momento ele parou e olhou para mim. “Sabes, tu mudaste, Lena. Estás diferente. Serena.”

“Já te contei que vivi com Quacres,” respondi. “Eles mudaram um bocado a minha maneira de pensar.”

“E o que foi que conseguiste, Lena?” perguntou ele.

Hesitei.

“Fé, creio eu.”

“Religião?”

“Podes chama-lhe isso, se quiseres. Eu acredito no Deus Supremo, nos Planos de um Espírito Supremo, na Presença desse Espírito em mim. . . em todos nós.”

Ele acendeu um cigarro. “É muita coisa para se acreditar.”

Ficamos ambos em silêncio. Achei que tinha falado um pouco mais do que devia.

O Roger quebrou um galho seco e ficou a retorcê-lo na mão.

“Vi muitas coisas medonhas durante a guerra. . . navios torpedeados. . . homens abandonados ao afogamento certo, enquanto o comboio prosseguia. E certa vez o mar estava pilhado de tubarões. Isso faz-me vomitar. . . e também as histórias que tenho escutado!”

Ele deixou o galho cair; os dedos dele apertaram-se em torno do meu braço. “Lena, acreditas que existe alguma coisa após a morte? Não estou a falar daquela antiga ideia de dormir até o Dia do Juízo Final. Quero dizer, achas que alguma coisa nos acontece?

Quero dizer, que não vamos simplesmente para um buraco na terra, vai?”

Ele parecia um homem arrebatado por uma correnteza. “Acreditas que existe um futuro? Acreditas? Em alguma espécie de sobrevivência? E se existe. . . ela é. . . horrível?”

Era difícil formular uma resposta simples, mas eu precisava enfrentar este seu desafio.

“Acredito na Sobrevivência,” disse. “A Morte é o mesmo que atravessar uma porta e penetrar numa outra vida.”

“Uma porta? Parece fácil demais!” exclamou ele, impetuosamente. “Mas como é que sabes, Lena? Não pode estar certa disso. Não podes prova-lo!”

Tentei manter a minha voz calma.

“Mas eu acho que tenho uma prova, querido.” Com que então, o momento chegara!

Eu precisava contar-lhe a respeito do retorno da vovó. Ia ser difícil. Mas precisava ser feito. O Roger costumava rir das minhas ideias malucas, conforme ele lhes chamava. Agora era ele quem fazia as perguntas, de um modo muito diferente. Porquê?

“Lembras-te da minha velha avó? Que viva connosco?”

“Vagamente.”

“Sabes que ela morreu logo depois que nos casamos. Bem," prossegui, cautelosa, “a vovó retornou de 'entre os mortos' e conversou comigo. Foi no Canadá. Através de uma médium Canadense. . . não obstante, falando com o sotaque Inglês da vovó.”

Vi a expressão do rosto dele. Ele não acredita em mim, pensei; e apressei-me a prosseguir, receosa de que ele me ridicularizasse. Contei-lhe a história toda. . . sobre a pobre Madame K.; sobre a Millie Watkins; sobre as promessas que me tinham sido feitas e que tinham sido tão maravilhosamente cumpridas; sobre a venda da casa; sobre o nosso casamento e sobre o problema que ele próprio enfrentara: contei-lhe de como “eles” me tinham dito que somente por meio de métodos drásticos ele seria levado a lutar contra a sua fraqueza e a dominá-la; de como todos nós tínhamos sido protegidos, conforme fora prognosticado; falei-lhe sobre outras provas recebidas através de diversos médiuns; sobre esta nova 'percepção' que se desenvolvera em mim, de modo que agora eu era capaz de ouvir mensagens vindas do Outro Mundo; sobre Mary Vernon e tudo o que eu tinha aprendido por intermédio da Sociedade dos Amigos.

Durante uns momentos, ele não disse palavra. Caminhamos através daqueles bosques tranquilos; eu estava a tremer. Isto é importante, lembro-me de ter pensado, embora, na ocasião, não soubesse porquê!

Naquele instante, não tive o menor aviso, nem mesmo remoto, de que a morte estava bem perto do meu marido. De que muito breve ele seria chamado a transpor aquela porta que conduz, do nosso mundo, ao mundo futuro.

Finalmente, ele exclamou: "Se ao menos eu pudesse acreditar em ti, Lena! Quero dizer, acreditar na sobrevivência após a morte!" Encarou-me com um olhar firme. "Então, não acreditas num inferno de chamas, Lena? E em todas essas coisas?"

Essa era uma pergunta desconcertante.

"Não num inferno de chamas, igual àquele de que ouvimos falar," respondi, com a maior franqueza possível. "Contudo, penso que, de algum modo, temos que 'repassar' os erros que cometemos aqui. Temos que tentar concertar aquilo que arruinamos. Isso poderá representar uma espécie de purgatório. Mas quando compreendemos que podemos ajudar e que o amor é a mais poderosa força do espírito, então eu creio que progredimos para uma vida muito mais bela e elevada do que qualquer coisa que poderíamos ter conhecido aqui."

"Nesse caso, algumas dessas chamadas 'assombrações,' e algumas dessas aparições de espíritos acorrentados à terra, podem ser de criaturas que se recusaram a reparar os seus erros?"

"Ou que, talvez, não tenham compreendido onde estão, ou que não se tenham libertado dos seus ódios, dos seus temores e das suas culpas."

Ele apertou-me o braço.

"Ou que não descobriram que o amor é a força mais poderosa, não é, Lena?"

Caminhamos em silêncio, durante algum tempo. Então, ele disse: "Sempre tive medo de morrer, Lena. Durante a guerra, senti-me

apavorado. Agora. . . bem, pelo menos isso dá-me esperança. . . ouvir-te falar desse modo. Tens algo. . . fé. serenidade. . . paz. . . eu não sei. . ."

E logo em seguida: "Vou tentar fazer alguma coisa com o que sobrou da minha vida, Bubbles (Borbulhas). Não é tarde demais, é?"

"Naturalmente que não!", lembro-me de ter assegurado, cheia de confiança. "Naturalmente que não, querido Roger."

Mas era tarde demais!

Depois disso ele mal chegara a viver mais dois meses na terra. Contudo, pelo menos ele saberá alguma coisa a respeito da morte e não ficará com medo, tentei dizer a mim própria. Ah, Deus murmurei interiormente, encolhendo-me na poltrona do avião, não deixes que o Roger sinta medo! Permite que ele encontre amigos. . . um rosto familiar. . . uma mão que o ajude!

E então, lembrei-me do meu sonho. A Kit?

A nossa querida amiga Kit, que, qual anjo auxiliador, estivera ao lado do Roger naqueles momentos de escuridão, a oferecer-lhe uma taça com água; era ela o rosto familiar? Era dela a mão que iria orientá-lo, levá-lo a atravessar a ponte que conduzia da vida terrena para a vida espiritual?

Uma taça com água! Não era a água o símbolo da corrente da Vida, que flui eternamente?

"Tereis que ser batizados pela água e pelo espírito," citei, silenciosamente. Era esse o batismo do Roger? Senti um pouco de conforto. Aquela viagem por sobre o Atlântico, que teve prosseguimento num outro avião, através de vastidões selvagens, cobertas de neve, até alcançarmos o pequeno porto onde o corpo de Roger estava, foi um pesadelo. O Michael aguardava-me e levou-me para um hotel. Tinha o rosto branco e marcado pelo cansaço, como o meu devia estar. Embora ainda um jovem, ele parecia um homem maduro.

"Conta-me o que aconteceu," disse eu, um pouco mais tarde, depois que tínhamos tomado café e eu já me sentia mais revigorada.

"O . . acidente aconteceu no navio; um cabo rompeu-se. Tijolos e pedaços de pedra atingiram a cabeça do pai. Ele caiu, inconsciente. Jamais tornou a . . recobrar a consciência. Tomei um avião e voei de Montreal para cá. Os médicos disseram que ele tinha cinquenta por cento de probabilidades. Eu estava com ele quando. . . ele se foi. . . Sofreu uma hemorragia cerebral."

Com a voz embargada, Michael desviou os olhos. "Ele não chegou a reconhecer-te?" perguntei. Michael sacudiu a cabeça, negativamente. "É. . . é terrível. Pobre pai" murmurou ele.

A cerimónia fúnebre foi realizada no dia seguinte. Teve que ser assim porque era véspera de Natal e não podíamos manter o corpo num salão funerário (conforme eles são designados no Canadá), durante o feriado inteiro. Foi uma sensação macabra, aquela de assistir à singela cerimónia fúnebre, enquanto um ar de festa e de jovialidade pairava sobre a cidade. Não havia muita gente a prantear connosco; aquela era uma cidade estranha e todos os amigos que viviam em Montreal estavam a preparar-se para o Natal, razão por que não puderam fazer a viagem para comparecer à cerimónia. Apesar de tudo, a pequena capela estava cheia de flores e a cerimónia, conduzida pelo Capelão do porto, foi muito linda.

Escutei, mergulhada numa espécie de mutismo e de insensibilidade. As palavras não pareciam fazer sentido, até que. . .

". . . é semeado um corpo natural; e é criado um corpo espiritual. Há um corpo natural. E há um corpo espiritual. . ." entoou a voz do Capelão. "A morte é engolida na sua vitória. Ah Morte, onde está o teu ferrão? Ah tumba, onde está a tua vitória. . ."

De repente, esqueci todas as lindas palavras que pronunciara sobre a morte, antes que ela me tocasse. Fiquei com medo. O futuro agigantava-se à minha frente, desconhecido, sem ninguém para ser partilhado. Os assuntos materiais precisavam ser encarados como realmente eram. Sempre vivêramos de uma forma pouco prática. O Roger tinha sido extravagante. Descuidadamente, ele não fizera nenhum seguro contra a sua morte. O dinheiro que havia no banco era pouco. O Michael ainda frequentava a Universidade e estava casado. Estava

quente dentro da capela; o perfume das rosas e dos cravos oprimia-me. Depois do longo vôo sobre o Atlântico, eu estava à beira de um colapso. Estava sozinha, disse a mim própria, sozinha e sem meios para me manter.

"Lembra-te de que estaremos ao teu lado em todas as tuas dificuldades, a ajudar-te e a amar-te, mesmo que esse amor possa trazer castigos. . ."

Palavras da Sarah-Ann! O castigo estava a ser aplicado. Mas, e quanto à promessa? "Sê perseverante, Bubbles! Tudo vai dar certo, para ti." —

A voz, bastante conhecida, atravessou-me qual relâmpago o cérebro cansado, assim como o apelido, carinhoso. Contudo, eu não queria dar ouvidos. Isto era fantasia, era o trabalho tolo de uma imaginação demasiadamente sensível. "Ouve-me, Lena," aquilo era quase uma ordem, "tu vais ser amparada. Vais ter meios para te manteres. . ."

Cruelmente, o meu 'sexto sentido' estava a trocar de mim. O zumbido das preces prosseguiu. As pessoas fungavam. Os companheiros e colegas do meu marido, embaraçados pela emoção, tossiam. Lá fora, no atarefado mundo natalino, carros passavam a zunir pelas ruas cobertas de neve. Em algum lugar, um cão ganiu. Todos os meus sentidos se tinham estirado até atingir uma percepção aguda. Atrás de mim, a esposa de um Oficial da companhia, subjugada pela emoção da cerimónia, soluçava. A minha mente, porém, estava tão insensível quanto o corpo que jazia diante de nós, no seu esquife. Acontece, porém, que esse zombeteiro 'sexto sentido' parecia esticar-se, muito retesado, como uma espécie de antena fina. "Ouve-me, Lena. . ."

De repente, foi como se o Roger estivesse parado ao meu lado, vivo e cheio de energia, só que agora um Roger ansioso, preocupado, a tentar, com todas as suas forças, atrair a minha atenção. Mas, como poderia o Roger estar aqui, agora? Ele estava morto. No meu sonho eu tinha 'visto' o seu espírito, em choque e arremessado para fora do corpo. Roger devia estar perdido no seu novo plano de existência. Como estas 'faculdades' podem enganar cruelmente, pensei, cheia de amargura. Depois da cerimónia, uma amiga insistiu em que eu não devia

acompanhar o cortejo fúnebre, juntamente com os homens. Levou-me, de carro, para o seu apartamento aquecido.

"Deite-se e descanse, Lena," insistiu ela.

"Você deve estar completamente arrasada." Recusei. Pela primeira vez na minha vida, eu tinha medo de ficar realmente sozinha. A minha amiga trouxe chá, pegou num fósforo e acendeu as achas de lenha da lareira. Conversou comigo mas, passado um tempo, obviamente percebendo que os meus pensamentos me escravizavam a ponto de excluírem qualquer outra pessoa, foi para a cozinha, que ficava ao lado da sala, a fim de preparar uma refeição para os homens, quando eles voltassem do enterro. Fiquei a olhar para as chamas saltitantes, mas a minha mente seguia o cortejo fúnebre através das ruas cobertas de neve. Eu nem mesmo sabia onde a sepultura ia ficar situada; só sabia que a nesga de terra ficava situada num cemitério localizado no alto de uma colina, com vista para o mar. O Roger seria enterrado junto ao mar que ele tinha amado e seguido. Imaginei, mentalmente, a neve que já começava a cair, fina e persistente, a cobrir, que nem um véu branco, o buraco recém- cavado. Imaginei o pequeno grupo de acompanhantes, o esquife cinza, coberto de coroas de flores, o zumbido da voz do sacerdote, paramentado com a sua sobrepeliz.

"Cinzas para as cinzas. . ."

As chamas, que brotavam das achas de abeto, saltaram e dançaram. Formaram figuras para mim, figuras assustadoras.

"Fala-me a respeito da tua avó e da fé que adquiriste, Bub. . ."

Eu podia recordar a maneira como o Roger tinha dito essas palavras, podia recordar a expressão dos olhos dele. Naquela ocasião, eu tinha-lhe contado. Agora ele devia saber e podia contar-me a mim. Permaneci quieta, com o olhar cravado no fogo; e as imagens surgiam e desapareciam. Eram figuras distorcidas, como se alguém estivesse a olhar num espelho e a ver a própria imagem atarracada ou afrontosamente alta, magra e desproporcionada. Eu estava a olhar no espelho do medo e estava a ver a vida distorcida por aquele medo.

"Fala-me a respeito da tua fé," dissera o Roger. Agora, porém, onde estava a fé? Na hora da minha necessidade, ela parecia ter fracassado. "Lena, eu estou realmente aqui, sabes!"

As palavras tornaram a ecoar, e atravessaram-me a consciência. Estaria eu a imaginar aquele terno cinza, aquela personalidade tão cheia de vida, a cabeça de cabelos escuros, que ainda não tinham embranquecido, os buliçosos olhos de águia? Por um momento, a minha atenção ficou focalizada.

"Eu estou aqui! Olha, vê estes papéis que tenho na mão! Eles são uma pensão para ti. Tu vais ficar amparada, Lena. Eu prometo-te!"

O tom urgente, o olhar insistente, os ombros levemente inclinados para a frente, eram tão característicos do Roger.

"Lena. . ." Calor e amor irradiaram em torno de mim. Então, a tensão dos últimos dias foi relaxada. Os meus nervos em desordem foram amortecidos com chumaços de algodão. Tomei consciência de uma grande onda de amor, que se debruçou sobre mim como um pálio. Quando o meu filho entrou, e trouxe consigo uma rajada de ar de temperatura abaixo de zero, eu estava calma de novo, pronta para enfrentar o mundo.

"Conta-me a respeito da fé que adquiriste, Lena!" dissera Roger, mais de uma vez, depois da conversa memorável que tivemos nos bosques de outono. "Conta-me, de novo, a respeito da volta da tua velha avó. . ."

Agora, o Roger sabia! Ele se fora; e eu tinha ficado. O futuro iria trazer os maiores testes de toda a minha vida, testes aos quais eu seria submetida, muito mais penosos do que aqueles que atravessava quando a vovó Sarah-Ann tinha, por assim dizer, vindo do céu para guiar a sua neta perdida. O Roger conseguiria comunicar? O Roger teria 'encontrado a si próprio? O que acontecera a todas as minhas grandiosas conversas a respeito de 'provas'? E esta 'sensação,' recém-descoberta, de conseguir 'perceber' habitantes de um outro mundo? Isto seria apenas uma ilusão? Somente o futuro me podia dar uma resposta.

CAPÍTULO XI

O COFRE

O incidente do cofre, destinado à guarda de papéis, foi, para mim, uma das provas mais concretas da sobrevivência do meu marido; e uma confortável afirmação do seu cuidado e do seu amor. Foi um incidente trivial, certamente; mas a vida é feita de coisas triviais. O resultado da 'comunicação' do Roger foi importante, tanto material quanto comprovativa. Fiquei no Canadá durante oito meses, enquanto os trâmites legais, concernentes aos negócios do meu marido, se arrastavam lentamente. O Michael e a esposa moravam perto de mim, mas eu fiquei hospedada no apartamento de uma amiga muito bondosa. Conforme o tempo foi passando, fui ficando cada vez mais deprimida e desanimada.

Ansiava voltar para a Inglaterra, embora já devesse estar acostumada às tempestades de neve de Montereal, com as suas temperaturas abaixo de zero e com as suas casas exageradamente aquecidas. Mas não podia partir antes que todos os negócios estivessem resolvidos. O meu filho cuidou dos bens do meu marido, mas entre eles havia um pequeno cofre, para guardar papéis, que me foi enviado porque somente eu poderia lidar com ele. E eu sabia que não poderia! O cofre tinha sido uma das mais queridas posses do Roger. E tinha sido a sua pequenina brincadeira privada. Era uma caixa de folha de flandres pintada de preto, prática e forte, e nela Roger guardara os seus papéis particulares. Havia um pequeno cadeado pendente, cuja chave o Roger sempre mantinha no seu chaveiro.

Contudo (e a dificuldade era esta!), havia também uma fechadura de combinação, com uma roda e um mostrador, muito parecida com o controlo de forno de um moderno fogão a gás. A mola ligada a essa fechadura somente se abria se conhecêssemos a série correta de quatro números que deviam ser indicados pelo ponteiro do mostrador. E eu não conhecia a série de números! O Roger tinha comprado o cofre, em primeiro lugar como uma brincadeira, quando viajava pelo Oriente. Mas ele sempre tivera um certo amor jovial pelo mistério. E não quisera revelar-me a sua combinação secreta. Relembro o dia em que ele, chegado do Japão, trouxe a caixa para casa.

"A tua lição de curiosidade, Bub!" dissera ele com um amplo sorriso ao colocar o cofre diante de mim, uma caixa pouco menor que uma máquina de escrever, portátil. "Tu não vais adivinhar esta combinação. Isto é, simplesmente, um bolso de calça onde você jamais irás meter a mão!"

Quando protestei, dizendo que nunca me rebaixaria a revistar os bolsos dele, ele riu. "Aqueles Japoneses sabem uma ou duas coisinhas a respeito das mulheres. Fechadura dupla, vês?" E ele sempre tinha feito um grande espalhafato com este seu joguinho. Tirava o cofre da mala, protegia-se e escondia o que estava fazer, abria a fechadura e fazia uma exagerada demonstração de estar a remexer lá dentro. Quando eu tentava espiar, o que fazia invariavelmente, ele me vaiava com as suas risadas e me enxotava para longe. Agora, a pequena brincadeira de Roger saíra pela culatra. Se Roger estava morto. O cofre estava comigo. Dentro dele havia muitos papéis importantes. E eu não conseguia abri-lo. O Michael sugeriu que eu mandasse o cofre a um serralheiro, a fim de que fosse aberto à força.

Mas eu detestava a ideia de fazer isso. "Não deve ser sentimental, querida," disse o Michael. Não obstante, senti que havia mais do que sentimento em tudo aquilo. De qualquer modo, guardei o cofre; e embora nós os dois, o Michael e eu, tentássemos toda a sorte de combinações de números, para tentar fazer com que a mola funcionasse, a tampa permaneceu obstinadamente fechada. O cofre já estava comigo há quase duas semanas quando uma coisa estranha aconteceu; uma ocorrência tão espantosa que ainda a tenho fresca na memória.

Eu estava sozinha no apartamento, pois a minha amiga tinha ido para Toronto. Lá fora, Montreal estava a sofrer uma verdadeira nevasca de Março, mas dentro de casa a temperatura estava bem acima dos setenta graus. Eu sentia-me inquieta e desanimada. Comecei a ficar cheia de autocomiseração, devido à minha situação; e deitei-me no sofá, a relembrar o feliz período de companheirismo que terminara tragicamente pelo acidente ocorrido com o Roger. O que estaria a acontecer com o Roger? — perguntei a mim própria. Onde se encontraria ele? Por que não tinha tentado voltar para mim?

Certo. Eu não tinha estabelecido nenhum contacto com médiuns profissionais. Mas então, se eu era uma 'sensitiva' (como os

acontecimentos ocorridos na Inglaterra me tinham levado a pensar), por que não conseguia “encontrar” o Roger por mim própria? Por que ele não fizera um pouco de esforço para voltar para mim?

Era igualmente verdade que eu estava a viver inteiramente no nível material. Parecia ter sido afastada do espírito. Sentia-me tão desesperançada que acho que não teria dado ouvidos à voz do espírito. Estava preocupada com o futuro, também.

Passado um pouco de tempo, parei de especular a respeito de Roger. De que adiantava? Ele estava morto; estava perdido para mim. Toda a minha fé recém-encontrada, sobre a qual eu conversara com ele, tão triunfante, justamente antes do acidente, estava a evaporar-se.

Mecanicamente, apanhei o pulôver que estava a tricotar. Liguei o rádio e dele jorraram sons de música enlatada. A morte é tão definitiva, pensei. Por que esta coisa tivera que acontecer agora, quando havíamos encontrado a felicidade? Eu não me sentia tão segura quanto me sentira depois do retorno da vovó. Tudo aquilo teria sido uma ilusão? — imaginei. Os ‘mortos’ voltam?

Sem pensar no que estava a fazer, comecei a caminhar pela sala. Não queria tricotar e não queria ouvir aquela música enjoativa, pelo que desliguei o rádio. Não sabia realmente o que queria; a única coisa que sabia é que estava a sentir-me demasiado inquieta.

O cofre jazia sobre a arca de carvalho, a zombar de mim. Caminhei até ele, tentei, mais uma vez, encontrar uma solução correta para o seu mistério, e decidi que não esperaria mais. No dia seguinte, telefonaria para um serralheiro.

Quando voltei para o meu lugar no sofá, a minha manga ficou presa num narciso silvestre e retirou-o do ramo que me tinha sido dado por uma amiga. Eram flores adoráveis e proporcionavam um espetáculo esplêndido. Quando parei para recolocar o narciso no vaso, de repente fiquei fascinada com a sua beleza pura.

Eles não vão durar muito neste calor, pensei, penalizada; e comecei a fazer um movimento para voltar-me. E então, a minha imaginação ficou presa. A ponta dos estames carregados de pólen, no centro da trombeta,

estavam voltadas para trás, de modo a formar uma cruz bem nítida. Isto seria apenas um truque de iluminação? Curvei-me e cheguei bem perto, para examinar. As pétalas amarelas refulgiam em torno da cruz, como um halo de ouro.

“A luz está atrás da cruz!”

Tive um sobressalto. As palavras soaram muito claras e distintas. Foi exactamente como se alguém as tivesse enunciado em voz alta. A luz está perto da cruz. Que palavras estranhamente simbólicas. Que significado teriam elas para mim? Durante algum tempo, fiquei a olhar aquele narciso. Caminhei pela sala, mas sempre voltava até ele. Sim, era uma cruz.

Finalmente, forcei-me a sentar e procurei mergulhar no silêncio, conforme os Quacres me tinham ensinado. Pedi por ajuda, compreendendo que, até então, tinha tentado apressar-me — como eles tinham dito — sem o auxílio do “óleo do espírito.” Tinha lutado penosamente para manter as minhas ideias afastadas de mim própria, e de novo tivera que arrastá-las de volta, por autocomiseração. Orei por mim própria e orei pelo Roger, e passado um tempo tive a sensação de que as minhas insignificantes orações estavam combinadas com uma Palavra muito mais grandiosa. A paz penetrou dentro de mim; o medo passou. Fiquei focalizada num Centro calmo.

“Antes de teres chamado, eu respondi!”

Permaneci muito quieta durante um longo período, e foi como se o amor jorrasse sobre mim e ao meu redor. Fui erguida em Braços eternos. Fiquei unida com o Amor universal. O Roger não tinha ido embora. Não sei, exactamente, como foi que soube que ele não tinha ido para longe de mim; que fora eu que me afastara dele, com lamentações e autocomiseração. Não tenho certeza de como, ou quando, o véu que havia entre nós se abriu.

Contudo, de repente ele se abriu!

Encontrei-me a olhar para o pequeno cofre.

E então ouvi a voz do Roger! E as palavras características!

“Com que então, apanhaste aquele último bolso de calça, Bub!”

Assim, deste modo tão simples e natural! Somente o Roger, para fazer uma pilhéria a respeito daquilo! Carreguei o cofre para uma mesa ao lado do sofá e, sem pensar no que estava a fazer, coloquei a minha mão no mostrador da fechadura de segredo. De repente, comecei a girar o botão. Os meus dedos torceram a roda.

Sem qualquer volição proposital, girei o botão até determinados Algarismos, e parei. Naquele momento sem compreender, embora compreendesse imediatamente depois, que o conhecimento estava na minha mão, e não no meu cérebro consciente!

Aparentemente por sua própria vontade, ou talvez dirigidos por uma inteligência que não tinha no pensamento, os meus dedos giraram a roda, dirigindo-a para uma determinada combinação. O mostrador rodou e parou. Parou em determinados números.

E durante todo esse período, em ritmo com os movimentos, eu murmurava, em voz alta, os Algarismos diante dos quais o mostrador ia passando. Foi a mais estranha das sensações.

Um. Oito. Seis. Nove.

Um, oito, seis, nove — repeti, em voz alta.

Então, ergui a mão.

Respirei de modo convulsivo. E no espanto que me invadiu, quase derrubei o cofre. Fiquei a olhar para ele, com os olhos arregalados. A tampa abria-se, de um salto! O impossível acontecera!

O sangue martelava-me os ouvidos. O que acontecera? Teria sido simplesmente o acaso, que me fizera acertar com esta determinada combinação de Algarismos, que abria o cofre? Ou teria sido alguma inteligência vinda de um outro mundo? Ou teria sido o Roger? Lembro-me de que fiquei imóvel durante algum tempo, demasiadamente atordoada para examinar os papéis.

“Roger,” falei, suavemente, “és mesmo tu que voltaste a ajudar-me?”

Não obtive resposta, mas senti uma espécie de 'fulgor,' como se o Roger realmente tivesse feito algo. O meu marido estava comigo. Eu sabia disso, por mais desconsolada que me sentisse. Eu não estava sozinha na minha aflição.

Passados alguns momentos, examinei os papéis ordenadamente empilhados no cofre. Recibos de imposto de renda, documentos, uma cópia do testamento do Roger, cartas de negócios e uma carta minha, antiga, dos nossos tempos de noivado.

Por fim, o cofre ficou vazio. Coloquei os papéis sobre a mesa e dei toda a atenção ao milagre da caixa. Tornei a fechar a tampa, girei o mostrador, para fechar a combinação, e aguardei.

“Um-oito-seis-nove,” falei, em voz alta, ao girar o botão para que o pequenino ponteiro assinalasse os algarismos, à medida que eu os ia dizendo. Tirei a mão da tampa. E a tampa abriu-se, de um salto! Agarrei o cofre e apertei-o contra o peito.

“Obrigado,” arquejei, com profunda gratidão. “Agradeço a Deus por me ter aberto os olhos e os ouvidos!”

Mal pude esperar para ver o Michael. Telefonei-lhe a pedir que viesse conversar comigo. Ele chegou, logo depois que saiu das aulas na Universidade.

“Há algo de errado, mãe?” perguntou.

“De errado?” o meu eco foi praticamente um grito. “Nada de errado, Mike. Algo de muito certo!”

Ele olhou-me com espanto. Imediatamente, passei a contar o milagre do cofre.

“Estás a ver, o pai ainda está vivo, Mike! Ele sabia que eu estava preocupada por causa dos papéis dele. Ele voltou, para me revelar o segredo da fechadura!”

Os olhos escuros do meu filho, tão iguais aos de Roger, fixaram-se em mim, interrogativamente.

“Mãe, querida!” Pude perceber a expressão de descrença.

“Posso demonstrar!” Eu estava preparada para discussões.

O Michael foi até o cofre e examinou-o atentamente. Mexeu no botão, girou-o de um lado para o outro.

“Agora,” disse eu, excitada, inclinando-me sobre a mesa. “Gira o botão. Eu vou-te ditar os números. Pronto? Um-oito-seis-nove.”

Com gestos deliberados, e parando a cada número assinalado pelo ponteiro, o Michael manipulou o botão do mostrador. Depois do último número, manteve a mão sobre o mostrador durante alguns instantes e olhou para mim com expressão zombeteira. E então, soltou o botão.

Livre da pressão, a tampa abriu-se de súbito, exactamente como acontecera comigo.

O rosto do Michael ficou pálido. Ele olhou fixamente para o cofre. De repente, ficou de olhos tão arregalados que as pupilas pareceram enormes.

“Estás a ver?” Eu estava emocionada com o sucesso. “Sabes que antes eu não tinha a combinação?”

O Michael olhou para mim. Depois, determinada, como se não desse crédito aos seus próprios olhos, tornou a tentar a experiência. Mais uma vez a tampa saltou-se e abriu-se.

“Você podia ter esquecido os algarismos, mãe, e agora foi buscá-los à sua mente subconsciente,” disse ele, falando lentamente.

“Eu podia, é claro! Só que” — triunfante — “eu jamais soube quais eram esses algarismos. Somente seu pai sabia. Esta sempre foi a sua pequena pilhéria!”

O Michael ficou em silêncio.

Por fim, resmungou: “É muito estranho.” Ergueu os olhos para mim. “Onde estão os papéis?”

Retirei os papéis da gaveta onde os escondera. Cuidadosamente, o Michael examinou-os do princípio ao fim.

“Eles são aquilo que você desejava,” concordou. Tinha os lábios rígidos e as palavras saíam-lhe lentamente. Ele acendeu um cigarro. “Você quer mesmo dizer que o pai lhe revelou aquela combinação?”

O cigarro apagara-se. O Michael apanhou seu isqueiro e tornou a acendê-lo.

À luz da chama, o rosto dele estava muito pálido.

“Você quer dizer que o pai lhe revelou?” inquiriu, ofegante.

“Quem mais?” respondi. “Ah, Michael, quem mais?”

CAPÍTULO XII

CONSCIÊNCIA NO LEITO DA MORTE

O Roger voltara para me contar um segredo que conservara consigo durante a sua vida inteira. A porta tinha sido aberta e por um rápido instante a mente dele tinha entrado em contacto com a minha, no momento em que eu mais necessitava do seu apoio. E não houvera qualquer terceira pessoa envolvida, nenhum médium, nenhuma sessão de 'pancadinhas de mesa.’’ Tão simplesmente como se ele tivesse estado no aposento contíguo e, conhecedor das minhas dificuldades, viesse ajudar-me. Durante um segundo, a mente dele estivera em harmonia com a minha. Este era o milagre mais extraordinário que já me acontecera, muito mais inspirador do que a aproximação da velha matriarca, pois ela estabelecera contacto comigo por intermédio da mente de uma outra pessoa. Com o Roger eu iria conhecer uma camaradagem íntima, até mesmo mais íntima do que aquela que tínhamos partilhado ao se aproximar o fim da sua vida na terra. Não

havia limites para a consolação e para a beleza dessa unidade que me tinha sido revelada de forma tão jubilosa.

Apesar disso, procurei não 'chamar' o Roger. Pensava nele diariamente, enviava preces para que pudesse ser auxiliado e orientado no seu caminho. Lembrei-me de que ele sempre fora independente, gostara de ser livre e detestara 'saltar através de arcos,' conforme costumava classificar a sujeição da vida doméstica. Agora eu também precisava aprender a deixá-lo em liberdade no mundo contíguo, como aprendera a deixá-lo neste. Não devia tentar sujeitá-lo.

Pelo facto de haver compreendido isto, não procurei médiuns, nem mesmo para obter uma confirmação da volta do Roger para mim. Contentei-me em guardar estas coisas no meu coração e esperar pelo momento em que Roger quisesse voltar. E ele voltou! Com provas, tão emocionantes, de uma mente clara e concisa, e com tais revelações a respeito da sua passagem através do Vale das Trevas, que fiquei agradecida por ter resistido à tentação de consultar médiuns.

Uma noite eu estava, de novo, sozinha no apartamento. Passara um dia exaustivo, a lidar com advogados. A pensão, de que o Roger falara no seu breve retorno, no dia do seu enterro, estava a ser providenciada. Todavia, a lei é vagarosa e minuciosa, e as cartas interestaduais, os papéis de cidadania e as reuniões com os comités estavam a avançar com toda a lentidão costumeira. Eu ainda era obrigada a permanecer no Canadá.

Março chegara e fora-se. A neve ainda estava empilhada nas sarjetas. Ainda nos agasalhávamos com casacos de pele e botas forradas, quando nos aventurávamos a sair. Aquele tinha sido um inverno rigoroso. E ainda não tinha terminado. Enquanto isso, na Inglaterra, pensava eu, as violetas estarão a brotar por todos os cantos, as prímulas a abrir-se e os botões de narciso a florescer muito viçosos. Na parte oriental do Canadá, quando a primavera chega, ela surge da noite para o dia, numa grande torrente de calor e de luz solar, e em poucos dias as folhas estão verdes e as flores a desabrochar. Entre o inverno e o verão as estações são curtas, não havendo a diluição gradual de uma dentro da outra. Passamos do inverno para o verão em pouco mais de uma semana.

Nessa noite eu tinha aberto as janelas duplas, que ainda não tinham sido mudadas para o verão, e estava a avançar, com dificuldade, através do colossal jornal de Domingo, que em Montreal sai aos sábados à noite. Eu estava deitada no sofá de encosto alto. Li as notícias e a 'página feminina,' saltei as 'histórias em quadrinhos' e virei a folha para ver quais seriam as ofertas que as lojas estavam a anunciar para a manhã da segunda-feira, Dia do Dólar.

Repentinamente, uma voz cortou através da minha linha de atenção.

"Morrer é uma experiência estranha, é verdade," disse a voz.

Roger! As folhas do jornal caíram no chão, como um vagalhão.

Fechei os olhos e tentei manter a mente relaxada. "Podes contar-me a respeito?" perguntei, mentalmente.

"Sabes, ouvi cada palavra que aquele interno disse ao Mike, no hospital, Lena."

"Que interno?"

"O Mike não te contou? Penso que ele não quis falar sobre isso. Mas está certo. Eu falo! Agora estou bem, sabes, Bub. Não me lembro de nada do que aconteceu comigo depois que aquele cabo se rompeu e o peso caiu sobre a minha cabeça. Mas, de algum modo, tive conhecimento de que estava no hospital. Percebi que o Mike estava sentado ao meu lado. Eu estava num pequeno quarto particular. Sabias disso?"

Sabia. O Michael contara-me, sem grandes pormenores. Contudo, ele insistia em que o Roger jamais chegara a recuperar a consciência. Como, então, o Roger poderia saber?

Aguardei.

"A Irmã veio e conversou com o Mike. Ela mostrou ser uma velhota confortadora, e foi muito bondosa com o garoto. Ele estava extraordinariamente abalado, sabes. Mais tarde ele não deixou que percebesses isso, mas eu podia ver como se sentia. Passado um tempo,

a Irmã foi embora. O Mike ficou sozinho comigo. Tentei conversar com ele, Lena. Ah, Deus, tentei com tanto empenho! Não pude mover a boca nem nenhuma outra coisa. Pensei que estava paralisado, e isso pregou-me um susto!”

“Pobre Roger!”

“Pobre não, de modo algum, Bub!” (O velho temperamento irrefreável!)

“O que sucedeu com o interno?”

Tão clara e limpidamente, como se ele estivesse sentado diante de mim, a contar-me a respeito de um dia numa das suas viagens, o Roger continuou a falar, só que a voz soava dentro da minha cabeça, uma espécie de telepatia de mente para mente.

“Sabes,” prosseguiu ele, como se eu não tivesse feito a pergunta (e isto era característico do Roger, cujos pensamentos sempre tinham corrido à frente da língua!) — “foi a mais estranha das sensações. Eu estava ali e não estava ali, se é que compreendes o que quero dizer. Eu não parecia estar na cama, de modo nenhum. Nem mesmo estava dentro do meu corpo. Eu podia ver o meu corpo sobre a cama. Estava deitado acima dele, Lena! Igual a um helicóptero a pairar no ar. Não conseguia mexer-me. Não me conseguia afastar daquele corpo, e também não podia voltar para dentro dele. Uma sensação muito esquisita. Fiquei intrigado com aquilo. E fiquei preocupado, também, por pensar que tinha perdido o segredo de voltar. Antes eu já tinha feito essa espécie de coisa, em sonhos, só que sempre saltava para dentro do meu corpo, quando acordava. Mas agora parecia que eu não ia acordar. Contudo, pior do que aquilo, eu ainda conseguia ouvir e ver, embora não com os meus olhos, de modo nenhum. E eu não conseguia falar! Isso me deixou confuso, Lena. Eu queria conversar com o Mike.”

As palavras pararam de se formar na minha mente. Fiquei com medo de que o Roger tivesse ido embora.

“E o interno?” insisti.

“Oh, ele era um sujeito jovem, um dos médicos da casa. Diplomara-se poucos meses antes. Estudara na Universidade Dalhousie. Usava um avental branco e tinha uma aparência muito jovem. Ele sentou e conversou com o Mike durante muito tempo. Os dois trocaram ideias. O Mike falou-lhe sobre a Universidade McGill. Lena, eu ouvi cada palavra daquela conversa!” Pausa longa. “Mike é um bom garoto, Lena!”

Sim, pensei, nós tínhamos um filho excelente: ele fora de muita ajuda na questão do funeral.

“O Mike disse algo a meu respeito. Isso deixou-me orgulhoso. Sabes, foi esquisito ouvir de modo furtivo. Mas eu pude sentir a afeição dele, Lena! Isso ajudou. Ah, sim, isso ajudou um bocado!” Tensa e concentrada, a fim de não perder uma só palavra dessa evidência maravilhosa, permaneci absolutamente imóvel, à escuta. Tinha os olhos fechados. O ar da noite começava a trazer frio pelas janelas abertas, mas, com medo de romper o contacto, não ousei levantar-me e fechá-las. Embora os aquecedores irradiassem calor, estremeci ligeiramente. E então, foi como se o Roger respondesse ao pensamento que eu não tinha expressado.

“Eu sabia que tu não ias poder estar presente, Lena. Mas fiquei satisfeito pelo facto do Mike estar. E também muito feliz por ouvir as palavras dele. Ele disse: 'É uma coisa abominável! O meu velho andou pelo mundo inteiro e atravessou duas guerras mundiais, no mar, sem receber um arranhão! E agora um cabo rompe-se e ele é atingido desta maneira.

Mas que coisa abominável é isto!”

“E então, Lena, o Mike chorou um pouco. Tinha lágrimas nos olhos. Aquele rapaz gostava de mim, Lena. . .”

Houve uma pausa. Eu estava contente porque a passagem do Roger fora suavizada pela presença do filho.

“É uma ajuda saber que o nosso garoto nos respeita, Lena. . .”

“E te ama, Roger.”

“Diz-lhe que eu lhe falei sobre isto. Agradece-lhe por ter ficado ao meu lado. Não imaginas o quanto isso me fez bem. Ele é um bom menino. . .”

“E quanto a ti? O que estás a fazer agora, Roger?”

“Eu? Estou mais forte. Estou a passar por uma espécie de repouso.”

“Fala-me sobre isso.”

“Agora não. O tempo acabou. . .”

Percebi que Roger tinha ido embora, tão claramente como se ele tivesse caminhado para fora da sala e fechado a porta. E eu nem sequer agradecera quanto ao cofre! Que estupidez a minha. Desejara dizer-lhe como aquilo tinha sido maravilhoso. E agora, com toda aquela outra conversa maravilhosa, a ideia escapara-se-me.

Fiquei deitada no sofá durante algum tempo, a relembrar tudo o que Roger tinha comunicado. Então, morrer era assim? Pairar no ar, conforme o Roger dissera? Como num sonho.

Não havia nada de aterrador nisso.

Mas, e depois?

O que virá depois? — pensei. E quanto ao 'espírito' traumatizado, que eu tinha visto no meu sonho, deitado no chão de uma espécie de pavilhão de emergência, de um hospital? O Roger não tinha tido o preparo de uma doença prolongada nem de uma idade avançada. Não tivera preparo algum. Tão de repente quanto uma geada que estiola as flores nos seus ramos, um vento furioso viera e carregara o Roger, arremessando-o num outro plano de existência. Um empurrão precipitado, para dentro da Eternidade. Como se terá sentido o Roger, ao encontrar-se na Eternidade? — tive vontade de saber.

Mas eu também ia apurar isso, muito mais tarde. E esse conhecimento haveria de se transformar em mais uma prova e num auxílio constante quando outras curvas abruptas surgissem no caminho da minha vida.

Durante alguns dias não pude conversar com o Michael sobre a extraordinária revelação. Ele estava muito ocupado, a estudar para os exames. E assim, tive que me contentar e ponderar sobre aquelas coisas, no meu íntimo.

Quase quatro dias se passaram antes que eu pudesse ter um momento a sós com ele.

Então, o meu filho veio jantar connosco. Depois do jantar, a minha amiga saiu para visitar uma vizinha. A esposa do Michael ficara a trabalhar até tarde, no escritório, e por isso não tinha vindo. Nós dois estávamos sozinhos, como se aquilo tivesse sido planeado.

“Mike,” comecei, recorrendo ao nome que o Roger sempre usara para ele, embora geralmente preferisse a forma não abreviada. “Gostaria de te fazer uma pergunta.”

“Sim?” Pude notar que o Michael estava constrangido. Depressa, ele olhou para mim. “Andou a escutar o pai, de novo?”

Fiz um aceno afirmativo. Depois, bem depressa, avancei.

“Mike, quando estavas com o teu pai, no hospital, veio algum jovem interno e conversou contigo?”

De sobranceiras arqueadas, quase chegando até a raiz dos cabelos, ele respondeu. “Sim.”

“E, antes dele, uma Irmã, do hospital?”

“Mãe!”

“Como era ela? Formal?”

“De maneira alguma! Era uma pessoa confortadora. Bondosa.”

Uma velhota confortadora, não tinha dito o Roger? Senti maior confiança no terreno que estava a pisar.

“Contaste-me que o teu pai estava sozinho, num quarto pequeno. É verdade, não é?”

O Michael acenou afirmativamente.

“O que significa tudo isso, mãe?”

“Explicarei num minuto. Só mais uma pergunta. Conversaste com aquele interno, sobre a faculdade de medicina de McGill? Vocês compararam notas concernentes às aulas?”

O Michael tornou a fazer um aceno afirmativo. Levou a chama do isqueiro ao cigarro. Depois, levantou-se e ficou de pé diante de mim, alto e galante, com uma das mãos enfiada no bolso do paletó. Tinha os olhos castanhos sérios e graves.

“Sim.”

Desviei o meu olhar. Seria mais fácil dizer o que tinha a dizer, sem encarar a gravidade daqueles olhos límpidos e jovens.

“O teu pai contou-me tudo isso, Mike. Ele descreveu-me tudo isso.”

Ouvi um súbito arquejo de espanto dele.

“Espera,” disse eu, apressadamente, porquanto ele estava a preparar-se para me interromper, “o pai disse que ouviu cada palavra que pronunciaste Mike.”

“Mas, ele estava inconsciente, mãe!” O treino médico outorgava-lhe autoridade e punha em dúvida a minha afirmação. Senti que estava a ser reprovada.

“O pai estava a morrer, querido.” Eu não podia olhar para o Michael. “O teu pai estava fora do corpo. Estava justamente a abandonar esse corpo. Não podia mexer-se nem falar. Mas podia ouvir e ver, Michael. E ele ouviu o que tu disseste.”

“Mãe!”

Espicaçada pela descrença que a sua voz denotava, voltei-me e encarei-o de frente.

“Juro que isto é verdade, Michael.” Os nossos olhares encontraram-se e se mantiveram-se unidos. No dele havia ansiedade pelo estado da minha mente, que era capaz de aceitar tais impossibilidades. Eu podia ver que ele estava preocupado comigo. Obriguei-me a prosseguir. Isto tinha que ser dito, e precisava ser dito agora.

“Ouve, querido. O teu pai repetiu, para mim as palavras exactas que tu usaste. O que ele me contou que tu disseste ao interno, foi o seguinte: 'É uma coisa abominável! O meu pai atravessou duas guerras mundiais e também viajou pelo mundo todo. E agora acontece um acidente com um cabo e ele é atingido desta maneira. Mas que coisa abominável que isso é. . .' Fiz uma pausa para tomar fôlego. “Michael, disseste isso?”

Ele caminhou até a janela. Afastou a cortina e ficou olhando a rua, lá em baixo. Depois do que me pareceu um século, a voz dele chegou até mim.

“Falei exactamente isso, mãe.”

O alívio quase me levou a desmaiar.

Logo em seguida, o Michael perguntou: “Mãe, a senhora tem procurado médiuns?”

Como poderia eu dizer ao meu filho que eu própria 'ouvira' o pai? O que ele iria pensar se eu contasse que também desenvolvera esta percepção extra-sensorial? Que também podia perceber as entidades vindas de um outro mundo?

Estremeci, mas, quando respondi, procurei manter a voz livre de toda emoção.

“Não, não tenho. Eu própria ouvi o teu pai. Não precisamos procurar médiuns quando alguém é muito ligado a nós, mesmo que esse alguém esteja naquela condição que o mundo chama de “morto.” Mesmo assim ainda existe aquele laço de afeição que é necessário para confortar aqueles que ficaram para trás. Michael, o teu pai contou-me muitas

coisas referentes ao período em que ele ficou no “hospital, quando tu estavas junto dele. Ele quer que saibas o quanto foi auxiliado pelo teu amor e pelo teu respeito. Ele tentou falar-te. Queria dizer o quanto se orgulhava de ti. Pediu-me que te dissesse que. . .”

Durante um longo período, o Michael não disse nada. Ficou de costas voltadas para mim. Quando, por fim, respondeu, as palavras dele estavam carregadas de uma preocupação de menino que fiquei comovida.

“O pai não podia falar! Se aquilo que a senhora diz é verdade, então ele podia-me ouvir. E não podia falar comigo!” exclamou o meu filho, com voz embargada. “Pobre pai!”

Quando recobrou a calma, Michael sentou-se ao meu lado e relatei, mais pormenorizadamente, tudo aquilo que o Roger tinha comunicado. O meu menino não fez muitos comentários. Ouviu com uma compreensão cheia de gravidade. Fiquei surpreendida porque nunca tinha falado muito a respeito destas coisas, embora o Michael já soubesse, há muito tempo, que eu me interessava pelas pesquisas psíquicas.

Depois que terminei, ele disse, calmamente. “Não duvido do que a senhora me contou, mãe. Não posso duvidar. A verdade foi essa, exactamente. Eu próprio gostaria de estudar esses assuntos, mas, primeiro tenho que abrir o meu caminho no mundo. Contudo, estou contente por o pai estar bem. E por ele saber a respeito. . . daquelas horas passadas no hospital. . .”

Depois disso ficamos sentados, um junto ao outro e em silêncio, cada qual preso em pensamentos profundos.

Tive a impressão de que a figura nebulosa de uma terceira pessoa partilhou desses pensamentos, e partilhou, também, o afeto que fluía entre nós; e ficou em paz.

E era assim que devia ser.

CAPÍTULO XIII

NOVAS COMUNICAÇÕES

“Tenho repousado,” dissera Roger.

O que queria ele dizer com isso? Qual seria a natureza desse repouso? Teria querido, na verdade, referir-se a 'dormir no Senhor'? Fiquei intrigada. Mas não havia meios de saber, a menos que o próprio Roger me dissesse. E eu não queria chamá-lo de volta.

Quando estivesse preparado, Roger viria ao meu encontro. Como sempre, quando retornava das suas viagens ao estrangeiro vinha cheio de histórias sobre as suas aventuras, os seus triunfos, os seus fracassos. E o Roger adorara falar sobre o mundo, conforme ele o tinha visto. Eu estava certa de que agora ele não tinha mudado. Um dia, estaria aqui, a recontar as coisas que tinham acontecido, tornando-as reais para mim, como eram para ele. O Roger era assim. Sempre tivera essa faculdade. E foi isso, exactamente, que aconteceu!

Esta parte do caminho foi muito difícil. Eu defrontava-me com surpresas que estavam longe de ser agradáveis; havia a sempre presente preocupação a respeito do meu futuro assim como as providências que precisavam ser tomadas, relativas a ele; havia a enfadonha sensação de frustração e, acima de tudo, a saudade que sentia da Inglaterra. Um dia — costumava dizer para me animar — um dia estarei novamente em Londres, no gracioso apartamento da Laura, e esta interminável aflição será apenas uma lembrança. Um dia.

Como poderia eu adivinhar que o “fim da jornada” traria a sua própria marca de dificuldades?

Subindo uma montanha na vida, viajamos cheios de esperança, somente para descobrirmos ao alcançarmos o pico, que uma estrada nova, talvez mais juncada de penhascos, surge à nossa frente. “A vida é assim,” dizemos, encolhendo os ombros. E no nosso interior o espírito cresce em força, para iniciar a nova ascensão.

“A estrada estende-se encosta acima, em toda a sua extensão?”

Sim, até o fim.

Cada etapa da jornada tomará todo o longo dia?

Da manhã até a noite, meu amigo.”

Assim escreve Christina Rosseti, no seu poema “Encosta Acima” (Up-hill).

Mas há luzes ao longo da estrada. Há amigos e companheiros de viagem. Há palavras de encorajamento e há a mão de um guia. Há cartazes de sinalização e as pequenas cintilações das velas daqueles que também viajam pelo mesmo caminho que nós.

Nesta ocasião, uma destas cintilações de luz alcançou-me, uma carta que chegou muito atrasada porque andou a seguir-me por todos os lados, nas minhas peregrinações. Não obstante, como sempre, ela chegou na hora em que a necessidade era maior.

Vinha de uma amiga e era uma carta que respirava solidariedade e compreensão.

Uma linha prendeu o meu olhar.

“Isto há de passar.”

As minhas lembranças fugiram de volta para aquele dia anterior ao Natal, no apartamento da Laura. Recordei aquelas palavras. “Tudo passará,” pensara eu, porque tinha andado preocupada por causa da vaga impressão de desgraça que me saturava. “Isto também há de passar.”

As palavras tinham voltado, como um eco vindo de um vale.

Naturalmente, tudo isto passaria. Todas as frustrações, dúvidas e demoras, todos os temores e todo o sentimento por estar longe de casa. Tudo isto haveria de passar. E em pouco tempo, com todos os assuntos materiais esclarecidos e assentados, eu voltaria para a vida em Londres, com os seus interesses e as suas amizades; voltaria para os meus dias

dedicados à escrita. O oásis no deserto, que prova ser uma ilusão! Mas o oásis fortaleceu a alma, dentro de mim.

Um dia, tão inesperadamente como da vez anterior, o espírito de Roger visitou-me.

“Aqui estou, Bub!” Assim, com esta simplicidade, a sua saudação chegou e cortou com velocidade de metralhadora as perguntas espirituosas de um programa, da American Broadcasting, que eu estava a escutar.

Automaticamente, estendi a mão e desliguei o rádio.

As vozes humanas calaram e o quarto ficou em silêncio. Era uma suave noite de Maio e eu estava sozinha na casa de uma amiga de Montreal, onde agora me hospedava. A casa dava para um parque. Dos balancés e dos escorregões, vinham as vozes estridentes das crianças. No fim da rua, um trem da Canadian Pacific movia-se rapidamente pelos trilhos do caminho-de-ferro, o sino da locomotiva a badalar e as grandes rodas a martelar ruidosamente sobre o metal. Carros trafegavam ao longo da avenida do parque e eu podia ouvir um zunido peculiar quando eles passavam diante das janelas abertas. Não obstante, era como se estivesse sozinha com o espírito do meu marido. Nada mais era registado. O Roger estava presente. O Roger de antigamente, 'vivo' e ardente!

“Não se deve desprezar um bom rapaz,” ele poderia encontrar-se parado à porta, a pronunciar estas palavras, depois de retornar de alguma viagem perigosa.

Imediatamente, a minha mente emitiu a pergunta: “O que tens feito?” Acomodei-me com todo o conforto, preparada para uma sessão.

“É uma longa história, Bub. Não me entenderias!”

O desapontamento dominou-me.

Tão rápida quanto o vôo de um pássaro, veio a reação do Roger.

“Oh, não precisas importar-te, Bub! As coisas são. . . diferentes.”

Diferentes? Naturalmente que eram diferentes. Como a minha mente finita poderia ter esperanças de compreender aquelas experiências que estão além do véu, ocultas para nós?

As palavras seguintes fizeram com que um arrepio me percorresse o corpo.

“Apesar disso, dir-te-ei o que aconteceu quando vim para cá. Acordei num hospital.”

Num hospital? Agora, pensei, deve vir o 'sonho' concernente à Kit.

Perversamente, tentei fingir que entendera mal. “Queres dizer, no hospital, com o Michael?”

“Não, eu não quero dizer lá. Eu quero dizer aqui, num outro hospital. E isso também não pareceu nem um pouco estranho, apenas pensei que eles deviam ter-me transferido enquanto eu dormia. Contudo, sentia-me muito mais vivo — isso surpreende-te, Bub?

Lembro-me de que comecei a olhar bem para todo aquele lugar; eu estava melhor, sabes. E descobri que agora podia mexer-me, ver, ouvir e falar, se quisesse. Já não estava paralisado. Esta foi a primeira coisa.

“Dei um beliscão, para ter certeza de que podia mexer os meus braços. Singular, aquilo. . . eu estava tão excitado que tinha vontade de gritar a novidade. Então, olhei ao redor, à procura do Michael, mas ele desvanecera-se. Suponho que voltou para a Faculdade, disse a mim próprio. O lugar era muito vasto, muito maior do que o quartinho para onde eles me levaram inicialmente. Espaçoso, se é que me faço entender. Havia muitas e muitas camas, com homens deitados nelas; uma grande enfermaria, realmente, embora não parecesse existir nenhuma parede. A luz do sol penetrava directamente através dela! Nunca vira uma coisa como esta antes, Bub! Fiquei a olhar durante um tempo interminável. Torrentes e torrentes de luz solar mais brilhante do que a luz do sol do Mediterrâneo. E cores! Foi isso que me fascinou mais. Raios coloridos, a brincar qual fonte. Só que os raios eram dirigidos para as camas. Azuis, rosa, ouro, verdes. Eles refulgiam como arcos de luz. Acho que fiquei a olhar até que voltei a adormecer.

“Sim, sim.” Nada devia quebrar esse contacto. Aqui estavam informações emocionantes, muito mais excitantes do que eu jamais poderia ter imaginado.

“Sabes, havia energia naqueles raios. Um deles parecia envolver-me, azul como o céu, a tonalidade mais rica que eu jamais tinha visto, com cintilações de safira e cobalto. Quando acordei, fiquei quieto durante muito tempo, a apreciar a sensação daqueles raios. Alguma vez sentiste as cores, Lena? Posso dizer-te que isso é realmente qualquer coisa. Não haverias de o esquecer. Pouco depois, olhei para os outros companheiros. Todos estavam a receber o mesmo tratamento, só que com cores diferentes. Um sujeito, no lado oposto ao meu, estava a receber um raio cor-de-rosa, e mais adiante um outro recebia um que era verde como uma árvore de Natal.

“No início aquilo foi um pouco engraçado. Mas certamente levava-nos a sentir-nos uma pessoa fina. Foi assim que me senti, como se tivesse acabado de tomar um banho de chuveiro, de fazer a barba e de ser massageado. Ótimo e pronto para sair, como costumávamos dizer! Ah, e eu adorei estar aqui. Deliciei-me com a estadia aqui. Já não estar paralisado! Afinado como um violino! Pensei em ti e fiquei a imaginar quando virias visitar-me. Fiquei com vontade de saber se o Mike tinha voltado para Montreal. Então, de repente, algo me pareceu muito estranho. Diabolicamente estranho! Levantei a mão e toquei a minha cabeça, onde tinha sido ferido, sabes. E ali nela nenhuma atadura, Lena. Não havia dor nem havia sangue em lugar algum. Fiquei deitado durante um longo tempo, a tentar decifrar o enigma. . .”

A minha atenção estava tão dirigida para o meu interior que não percebi a entrada do irmão da minha hospedeira na sala e a saída subsequente, sem fazer ruído. Depois ele disse-me que eu estava a dormir!

“Creio que aquilo me levou a olhar para os outros. Aquele lugar era igual a qualquer outro hospital, com médicos e enfermeiras, contudo, era diferente. Nenhum vestígio de ataduras, nem de remédios, nenhuma aparelhagem. Isso deu-se uma sensação regelante, desanimadora. Onde é que eu estava? Que espécie de lugar estranho era este?

E então, vi dois assistentes a carregar uma padiola. Nela havia um homem de aspecto fantasmagórico, assim como se ele fosse duplo! Como se houvessem dois dele, só que não havia. Lena, eu sabia que aquele homem tinha sido destroçado num acidente, do mesmo modo que eu. Eu sabia! O facto deixou-me aterrado. Isto porque não havia sangue. Nem uma única mancha. E ele parecia estranho, irreal. . . Então, acho que entrei em pânico, entrei em pânico como se fosse um garoto. . .”

A transpiração deixava-me as raízes dos cabelos pegajosas. Eu estava a sentir tudo aquilo, com o Roger.

“Tranquei-me dentro de mim mesmo. Eu estava apavorado, mas não sabia o que é que me apavorava, estava com um medo mortal, como que emparedado nas trevas. Pior do que aquela vez em que me perdi nas florestas das ilhas Vancouver, lembras-te? Quando acabei descendo a correnteza, a vau, até que ela me conduziu para o espaço aberto? Naquela ocasião tive a esperança de encontrar um caminho para sair dali. Desta vez eu sabia que estava aqui para sempre. Foi horrível, Bub. . .”

Houve uma pausa. Ah, prossegue, prossegue — rezei; conta-me o que aconteceu. Não pares agora. Encontraste a Kit? Reconheceste-a? Conta-me. . .

“Aquele foi o meu pior momento. Então, sabes o que aconteceu? Alguém falou comigo. Uma voz disse: 'Olá, Rog, seu velho veterano!'

Eu não queria olhar, Bub. E não olhei, durante muito tempo. Mas eu conhecia aquela voz. Conhecia. 'Rog,' disse a voz, 'é o Doutor, lembra-se?' Abri os olhos. E ali estava um homem, enfiado num avental branco. 'Lembra-se daquela ocasião em que lancetei aquele seu furúnculo, quando estávamos no Oriente? Lembra-se da festa na Churrascaria Espanhola? A sua esposa usava um chale espanhol, preto, lembra-se?' Aquilo abalou-me. Arregalei os olhos. No princípio, não consegui focá-los. Tive um trabalhão danado para ver claramente aquele homem. 'Rog,' disse ele, 'é o Robbie. Robbie, o seu velho companheiro de bordo!' E então, eu soube. Creio que soubera o tempo todo. Era o Robbie! O velho doutor Roberts, que nos tempos passados, antes da guerra, costumava viajar connosco. Morreu de febre, no Oriente, quando Mike era pequenino. . .”

Lágrimas rolavam-me pelo rosto. Ele não se lembrava de nada concernente à Kit. Aquele devia ter sido um período intermediário. Todavia, lembrava-se do Robbie — um antigo companheiro de bordo e um velho amigo.

“O velho veterano estava com uma aparência esplêndida! Passamos momentos maravilhosos a conversar sobre os dias passados. Creio que ele me contou onde eu estava. De algum modo, fez com que a sua revelação parecesse uma coisa natural, nada assustadora. Suponho que foi aí que eu soube, realmente — quero dizer, acerca de ter morrido. Que eu soube que já não estava mais a sonhar. . .”

Tão simples aquelas palavras. . . não obstante, tão decisivas.

“Eu já não estava mais a sonhar.”

(Então, a morte é simplesmente um sonho, que se prolonga até que despertamos para a Realidade?)

“Agora estou muito bem, sabes.”

A afirmação veio orgulhosamente.

“Melhor do que nunca, é assim que eu estou! A princípio senti-me péssimo, a pensar em ti, Lena. Mas tu vais ficar bem, fica sabendo. Vais ser amparada. Tenho absoluta certeza.”

Houve uma pausa. Depois:

“Foi bom ter-me falado sobre — sabes, sobre a tua velha avó. Isso ajudou — fez com que ficasse mais fácil entender e aceitar as coisas. . .”

Ajudou?

Então, Sarah-Ann tinha feito um bom trabalho. As suas reprimendas severas tinham posto em movimento um novo caminho para nós os dois. Por efeito do sofrimento provocado pela nossa separação, o Roger tinha recuperado o seu bom senso. Ele reencontrara-se e tinha sido preparado para ir ao encontro da Eternidade.

Todavia, ainda era o mesmo Roger, com o mesmo senso de humor, e agora a demonstrar um profundo interesse por mim, o que era consolador e reconfortante.

Logo depois desta experiência, aquele amor iria estarrecer-me com a sua ternura e surpreender-me com a sua força.

Nesta ocasião eu frequentava a pequena igreja de Santa Columba, em Montreal, onde um certo leitor leigo, um evangelista, Albert Cliffe, estava a atrair multidões, com as suas palestras, para os serviços religiosos. Dando início a uma Aula de Bíblia, que se tornou uma grande característica do seu trabalho, o doutor Cliffe ajudou o Reitor. Logo Albert Cliffe foi insistentemente procurado por outras igrejas e, eventualmente, apresentou-se num programa de rádio, de uma cadeia de emissoras, numa transmissão de costa-a-costa. A missão que recebeu de Deus agora já terminou aqui na terra, pois já faz algum tempo que ele passou para o serviço, mais elevado, do Senhor. Nesta época, porém, ele era muito procurado, por causa dos seus conselhos e da eficácia da sua prece.

Naquela manhã de Páscoa a igreja ficou repleta em todos os serviços religiosos. Eu fui ao Culto da Comunhão, realizado às onze horas. Todos os assentos foram ocupados, cadeiras foram postas nos corredores de passagem, entre os bancos, e um microfone irradiou o culto para o salão da paróquia, onde mais pessoas se tinham reunido. Foi a Comunhão mais comovente a que já assisti, e eu sabia que nunca tinha visto nada mais lindo do que o altar daquela manhã de Páscoa. A Mesa da Comunhão estava colocada no centro de um grande crescente de flores brancas. Havia lírios, cravos, narcisos e hidrângeas, a formar um conjunto de sólida alvura. As luzes colocadas sobre o altar brilhavam acima das flores. Aquilo era uma imagem da realidade da Ressurreição da Vida em todas as coisas.

Quando o vigário começou o sermão, disse: “Primeiro preciso agradecer a todos aqueles que trouxeram para o nosso altar todos estes gloriosos tributos florais.” Ele fez uma pausa. “Cada flor que aqui está neste santuário, foi oferecida em grata e amável memória de um ser amado, que passou para a Vida Eterna. Estou certo de que estas almas

felizes estão reunidas connosco hoje, nesta Comunhão da Páscoa. Que Deus abençoe todos nós!”

Fiquei cheia de consternação. Pois eu, que tinha recebido tantas provas de amor, tanto da vovó como de Roger, não trouxera nenhum tributo de gratidão.

Embora eu não soubesse que havia esse costume no Leste, censurei-me severamente por não me ter dado ao trabalho de descobrir se ele existia. Disse a mim própria que não tinha desculpa; a minha oferta também devia ter sido colocada naquele altar.

Rezei para que, de algum modo e em alguma ocasião, eu pudesse ter oportunidade de me redimir. E quando a oportunidade surgiu — conforme aconteceu — ela mostrou-me que o meu marido não somente compreendera o sentimento de culpa que quase me tinha arruinado aquele Culto da Páscoa, como também desejava cooperar com generosidade e amor; isso transformou-se em mais uma prova da sua proximidade e união em espírito.

Cerca de quatro dias depois do domingo da Páscoa, recebi um telefonema de uma amiga que vivia em Montreal. Ela cumprimentou-me muito afetuosamente e convidou-me a comparecer numa reunião em sua casa, na sexta-feira, altura em que o doutor Cliffe iria estar lá, para uma palestra informal.

Naturalmente, fiquei emocionada pela oportunidade de estar presente, pois sabia (através de reuniões como esta, realizadas em datas anteriores) que a palestra seria útil e teria um elevado conteúdo espiritual.

De súbito, tive uma inspiração.

“Posso providenciar as flores para esta tarde?” Perguntei. “Por favor, deixe-me fazer isso, em memória do meu marido. . .

A minha amiga ficou encantada.

“Que ideia esplêndida. Certamente que pode. Colocaremos as suas flores na mesa onde o doutor Cliffe se posicionará para nos dirigir a

palavra. Então, todos nós poderemos juntar-nos às bênçãos e pensamentos pelo seu marido.”

Em Montreal as flores são um luxo muito caro, pois nada sobrevive às temperaturas, abaixo de zero do inverno; e as lojas, casas e apartamentos, são mantidos numa temperatura de, no mínimo, vinte e um graus positivos. Desse modo, para conservar frescas as flores, e em condições de serem vendidas, as floristas precisam manter refrigeradores especiais nas lojas; e as flores cortadas, e as plantas que vêm de avião das estufas da Califórnia, ou do Ontário, são guardadas neles todas as noites. As estações propícias para a vida ao ar livre são curtas. As flores são um luxo, excepto no clímax do verão e para aqueles que são suficientemente felizes para possuírem um jardim.

Mas, na tarde de sexta-feira, saí de casa com tempo suficiente para chegar à reunião à hora marcada. Tencionava comprar as minhas flores no caminho, para que estivessem frescas, recém-saídas do refrigerador. Havia uma florista na esquina da minha rua, e fui até ela, a caminho da casa da minha amiga.

As flores devem ser brancas, decidi; isto por causa da Páscoa e da Ressurreição. Não quero outra coisa a não ser flores brancas, disse a mim própria. O Roger compreenderá a significado da simbologia do branco. Nessa ocasião eu estava com pouco dinheiro, mas resolvi que, fosse qual fosse o custo das flores brancas, que as ia pagar de bom grado.

As vitrinas da florista estavam vazias. Geralmente havia uma adorável exposição, nas caixas refrigeradas.

Entrei. Dirigi-me a um jovem que estava a atender e pedi as minhas flores brancas.

Ele abanou a cabeça.

“Lamento. Hoje não temos nenhuma flor branca! O nosso refrigerador avariou esta semana, de modo que não temos quase nada! Olhou para o meu rosto, que o desapontamento tornara inexpressivo.

“Mas nós temos alguns narcisos. Há um ou dois vasos. São lindos.”

Fiquei calada durante uns instantes.

“Mas elas precisam ser brancas,” gaguejei. “Elas precisam ser brancas, por uma razão especial!”

Ele pareceu compreender.

“Lamento. Não tenho nada.”

Apressada, pensei onde poderia encontrar outra florista. Mas sabia que não havia nenhuma, a não ser quando eu já tivesse praticamente alcançado o centro da cidade, e o meu tempo não dava para ir até lá.

Voltei-me para sair da loja, sentindo que tinha perdido, mais uma vez. Devia ter reservado as minhas flores mais cedo.

O jovem seguiu-se até a porta.

De repente, ele deteve-se.

“Espere um momento,” disse. “Eu tenho uma planta branca. Uma hortências. Um pouca grande, porventura. Mas é de um branco imaculado. E, por certo, é linda.” Ele chamou a moça, auxiliar. “Jennie, traz-me aquela hortências.”

Hesitei. Uma hortências branca? Ela devia ser cara; devia custar muitos dólares, e eu realmente não me podia entregar a tal extravagância. De qualquer modo, na verdade ela não era aquilo que eu tinha desejado. Decidi que não a levava. Contudo, quando a moça trouxe o vaso e o colocou sobre o balcão, a admiração fez-me conter o fôlego. Era realmente uma planta belíssima. Ostentava cinco magníficos cachos de flores que se assemelhavam a montes de neve sobre folhas verdes.

“Ela durará muito mais tempo do que as flores cortadas,” recordou o florista.

Nem mesmo perguntei quanto custava aquele vaso. Senti-me arrebatada por um sentimento de felicidade. Isso eu podia fazer agora, pelo Roger.

“Vou ficar com ela,” gaguejei.

O jovem sorriu; evidentemente, ele pensou que eu tinha feito uma escolha sensata.

“A senhora tem um carro?” perguntou, enquanto envolvia papel de seda em torno do vaso. “A planta é pesada.”

Abanei a cabeça. “O ônibus pára quase aqui na frente. Posso arranjar-se.” Desajeitadamente, procurei a minha bolsa. “Quanto custa?”

O florista sorriu. Começou a conduzir-me para a porta. Como se eu fosse uma freguesa muito considerada. Para meu estarrecimento, ele disse: “Por favor, aceite-a como presente. É o melhor que posso fazer em matéria de flores brancas.”

Fiquei parada, de olhos arregalados. “Mas. . . mas. . .”

Ele abriu a porta e olhou para rua.

“A senhora vai apanhar o ônibus, se se apressar. Ele está a virar a esquina agora.” Inclinou a cabeça, num cumprimento. “A senhora vê, o nosso refrigerador não está a funcionar. Na verdade, nós não poderíamos conservar a planta. Ela ia morrer. Quero que a senhora a aceite, por favor. . . como uma lembrança.”

Por cima do papel de seda, os nossos olhares encontraram-se. Senti uma sensação estranha, arrepiante, correr-me pela pele. Pois foi como se eu olhasse dentro dos olhos do meu 'falecido' marido!

Não consigo lembrar-me do que disse. A coisa seguinte de que me recordo com coerência é que estava sentada no ônibus antiquado, que abria ruidosamente o seu caminho sobre os trilhos, e que tinha o presente nos meus braços. “É adorável, pensei,” espreitando por entre as dobras do papel. . . “adorável e muito mais bonita do que as flores que esperara comprar.”

Mas, eu não a comprara!

Aquilo era um presente. . . um presente do Roger.

Por que outra razão um florista me haveria de dar uma planta cara? Mesmo tendo certeza do facto de que ele provavelmente nunca a teria vendido, o que, ou quem, lhe tinha posto na cabeça a ideia de mas dar de presente?

A minha hospedeira proferiu exclamações de prazer e admiração quando viu as flores.

“Você cometeu uma extravagância,” protestou ela, e eu não tive tempo de contar-lhe a estranha história daquelas flores. Ela colocou a planta sobre a mesa, conforme tinha prometido.

A palestra do doutor Cliffe foi inspiradora. Para ilustrar um aspecto, ele tocou os cachos floridos da hortências branca. “Poderemos duvidar da ressurreição?” questionou. “Poderemos duvidar da continuidade da beleza, ou daquele amor que nos sustenta a todos? Estas flores parecem respirar Amor Divino. . .”

Posteriormente, contei ao doutor Cliffe sobre a consternação que sentira na igreja, na manhã de Páscoa, e sobre o subsequente presente das flores. Lembro-me muito bem do que ele disse.

“Ora, isso não mostrará, justamente, que o amor nunca nos abandona?” Sorriu através dos óculos, como uma coruja velha e sábia.

“O amor é de Deus e o amor é Deus. E o amor está sempre entre nós. Sempre pronto,” agregou, “a abençoar-nos. Hoje, estas flores trouxeram uma bênção tripla. Pelo seu desejo de dar, a senhora foi abençoada. Pela força da prece e do Amor Divino, aquele florista foi inspirado a dar sem receber dinheiro em troca. E pelo raio de Amor Divino, que se expressa através destas flores que estão aqui connosco, cada um recebeu uma bênção! Que lição maravilhosa! Realmente, Deus é Amor!”

Senti que Roger concordaria.

CAPÍTULO XIV

DÚVIDAS E TEMORES

Durante todo o caminho de volta para Londres, na viagem de navio e de comboio, fiquei com os olhos pregados nos campos Ingleses. Em casa, exultei; “em casa, finalmente.”

Tinham sido oito longos meses. Agora o calor de Agosto tremeluzia sobre os prédios que eu deixara na obscuridade do inverno, flores desabrochavam nos jardins atrás das casas, duplas a jogar ténis e grupos a jogar críquete formavam desenhos brancos contra os relvados verdes. “Estou em casa,” disse a mim própria. “Finalmente, a jornada terminou e eu terei paz e um novo tipo de vida, na minha própria terra natal.”

A voz de Laura dera-me as boas-vindas quando telefonei, desde a plataforma de desembarque, em Liverpool. “Tudo está conforme deixou, Lena,” dissera ela, “pronto para a receber.”

Eu mal pude esperar o momento da chegada! Até mesmo antes do meu táxi, apanhado em Euston, parasse, a Laura e o marido abriram a porta. Laura e eu abraçámo-nos estreitamente. Depois, empilhamos a bagagem no saguão e fomos para o apartamento. A fresca meia-luz do vestíbulo, com as tapeçarias da Índia, as janelas altas e os degraus polidos, que desciam para o apartamento que o Roger e eu tínhamos ocupado, estavam exactamente como eu sonhara. A sala continuava a mesma, como um adorável quadro antigo.

Depois da minha estadia no moderno mundo ocidental, senti-me como uma freira que tivesse retornado à tranquilidade do claustro, depois de longas viagens pelas estradas públicas. Andei pela sala a tocar em tudo, as pequeninas figuras de porcelana, cheias de movimento, as cortinas novas, de brocado cor de laranja, a madeira brilhante e acetinada da arca e do encosto das cadeiras, os meus livros, muito manuseados e muito estimados.

“O pesadelo terminou!” afirmei a mim própria. “Começaremos de novo!”

A Laura enviou-me um sorriso de compreensão.

“Esta manhã aconteceu uma coisa muito interessante,” disse ela. “Eu estava a fazer uma verificação, a fim de me assegurar que tudo estivesse preparado. Encontrei-me ao lado da estante, a olhar para os seus livros. Ergui a mão para um deles, o seu Tesouro Dourado (Golden Treasury). E a página abriu-se. Que palavras você pensa que eram?” Ela fez uma pausa e eu vi que tinha os olhos humedecidos.

“O marinheiro está em casa, vindo do mar ele está em casa. E o caçador, vindo da colina, está em casa.”

Laura estendeu a mão e apertou a minha. “Roger estava aqui, à espera,” disse ela.

Durante um momento ficamos em silêncio, ambas ocupadas com as nossas próprias recordações. E então, a solenidade passou e nós tomamos chá e conversamos sobre tudo o que tinha acontecido durante estes últimos meses de tristeza. Quando Laura me deixou, já era tarde.

Todavia, não comecei a desfazer as malas, conforme tinha planeado fazer. Talvez estivesse demasiadamente cansada. “Talvez isto seja uma reação” — disse a mim própria. O caso é que, de repente, o aposento ficou cheio de fantasmas. Velhas recordações, antigos risos silenciados. Dias passados e velhas esperanças. O Roger arrumando às pressas a maleta dele, para aquela última e trágica viagem.

O Roger a rir para mim e a desejar-me um Feliz Ano Novo, “só para o caso da velha banheira se atrasar e não chegar no dia 31.” Roger a trazer-me o seu velho relógio de repetição, todo em ouro.

“Fico a pensar, será que ele pode ser consertado?” O Roger suspirara.

“Ele tem sido a minha mascote, sabes, Bub. Antes, nunca saía para uma viagem sem ele. A mola estragou-se. Acho que ele está acabado!”

Olhando melancolicamente para o relógio que jazia na palma da mão dele: “Exausto.”

Rapidamente, o aposento ficou atulhado de fantasmas. Os cartões de Natal, enviados pelo Roger; folhas verdes e vermelhas, de chamativos papéis de embrulho; frutinhas de azevinho. Contudo, o fantasma mais nítido e persistente, entre todos, era aquele quadrado de luz por trás de uma porta aberta e a Laura, vestida com o seu robe:

“É uma chamada do Canadá, Lena. . .”

De repente, não pude suportar aquilo. Corri pela sala a acender as lâmpadas todas. A luz jorrou e aniquilou as sombras. A mobília polida resplandeceu; contra o mogno, as espigas dos gladiolos transformaram-se em incandescências rosa e ouro. Os verdes, marrons e azuis, dos meus livros, realçavam-se claramente nas estantes pintadas de cor creme. Este era o meu lar. Este apartamento devia ser um lar para mim. Eu precisava esquecer os fantasmas.

Na cozinha, fiz café. Mais tarde, com pressa febril, desfiz as malas. Ao pendurar as roupas nos armários, vi uma velha capa de chuva do Roger. Empurrei-a para o fundo e coloquei, por cima dela, os vestidos novos que comprara. A recordação dos tristes acontecimentos ainda estava muito viva. De agora em diante, este quarto agradável iria ser sempre triste para mim?

Antes que conseguisse adormecer, a madrugada dispersou a escuridão da noite. De facto, eu estava em casa, onde tanto desejara estar; estava em casa apenas para me defrontar com os fantasmas dos temores ainda não aquietados.

O fim da jornada tinha um travo de amargura.

Agora, conforme olho para trás, para aquele período passado no apartamento da Laura, fico a pensar como pude ter caído em tal depressão. Ali estava tudo por que eu ansiara durante oito meses de exílio; a proximidade de Kensington Gardens, que eu tanto amava, os azuis e os vermelhos claros das bocas-de-leão e das cravinas de Dutch Garden, o lilás das glicínias a sombrear velhas paredes, os lagos com peixinhos dourados, cujas brincadeiras eu podia observar, o arvoredo de Broad Walk, os perfumes de Flower Walk e os queridos e antiquados ônibus de Londres, a passar velozmente diante dos anjos azuis e dourados do Albert Memorial; havia o mutável caleidoscópio do West

End Londrino; havia amigos para rever, havia conferências, palestras e debates. Tudo estava ali, exactamente como eu imaginara. . . e o contentamento esquivava-se-me.

O meu futuro estava garantido. Uma pensão suficiente fora-me concedida; eu podia viver uma vida moderada e agora dispunha de “tempo e de oportunidade para escrever.

Todavia, não consegui escrever. Um cancro do espírito desenvolveu-se gradualmente e espalhou-se até me contaminar ma saúde e a faculdade de ajustar-me a esta nova fase de vida; chegou mesmo a ameaçar as minhas amizades, profundas e valiosas.

Psicólogos sugeriram que eu estava a chafurdar na autocomiseração e a deixar que as velhas associações envenenassem a beleza do lugar onde eu vivia. Eles acertaram apenas parcialmente. Não era a autocomiseração que me tinha embrutecido a mente e a vontade, mas sim o temor pessoal, que solidificara ambas, transformando-as numa concha dura onde me agachei como um pássaro hipnotizado por uma serpente.

Os fantasmas é que me apavoravam. Não fantasmas de espíritos, na acepção normal da palavra, porém, fantasmas de acontecimentos, particularmente aquele acontecimento petrificante, relacionado com a noite da antevéspera do Natal e o telefonema do Canadá.

Pois era essa noite que eu não conseguia esquecer.

Isto talvez fosse uma reacção ao choque; talvez fosse uma consequência natural do retorno a esta casa, onde eu tinha enfrentado o choque. Fosse qual fosse a causa, caí com uma doença do espírito e, noite após noite, tremi entre as cobertas da cama, a reviver, do princípio ao fim, a noite do telefonema interurbano.

Havia também outra lembrança, assustadora e mórbida, que eu não conseguia esquecer. Muitas vezes, diante da recordação do gélido frio da morte, acordei tremendo. Aquilo tinha acontecido por ocasião do funeral, na manhã após a minha chegada ao Canadá, a manhã da véspera do Natal. Discretamente, o Michael e eu tínhamos ido até o agente funerário, para discutirmos os planos de última hora, para levar mais algumas flores e para dar-mos o nosso verdadeiro adeus ao Roger. Na

morte, ele tinha uma aparência tranquila e serena. Não havia qualquer marca visível do acidente que o abatera, excepto um pano dobrado sobre a coroa da cabeça. Um sorriso parecia adejar nos lábios dele.

“Ele parece estar a dormir,” disse o Michael, em voz entrecortada.

“Parece que vai sentar-se a qualquer momento e vai esboçar um amplo sorriso para nós.”

O rapaz tirou um envelope do bolso.

“É o cartão de Natal que enviei ao pai,” disse. “Eles devolveram-mo, no navio. O pai não o abriu. Também não abriu o pacote com o meu presente. . .”

O Michael enfiou o cartão em baixo da lapela do paletó do Roger. “Creio que ele gostará de tê-lo consigo, mãe,” disse o meu filho. Depois, saiu da sala, deixando-me sozinha junto ao corpo do Roger.

Durante um minuto ou dois eu fiquei parada ali, ao lado dele. Tudo era tão recente, tão irreal, e a viagem de pesadelo apenas acabara de findar.

“Não foste embora de verdade,” disse eu. E inclinei-me para o beijar.

A imobilidade e a algidez causaram-me um tal choque que recuei, cheia de horror. Esta coisa de pedra, imóvel, rígida, derradeira e consumada, abalou os próprios alicerces da esperança. Dentro da minha mente subconsciente, a sensação de morte mergulhou bem fundo, para lá ficar submersa, a apodrecer, até que o tempo e as circunstâncias trouxessem o cancro à consciência.

Agora, nas horas nocturnas, eu recordava aquela frigidez de pedra do rosto do Roger. Agora eu costumava despertar do sono, muito assustada, rígida e gelada ante a recordação da rigidez da morte. E nessa contínua recordação do aspecto físico da partida, eu não conseguia encontrar o espírito dele. A despeito de todas as maravilhosas manifestações ocorridas em Montreal, agora eu não conseguia encontrar o Roger. Estava sozinha, de novo.

Desarmonia interior provoca, inevitavelmente, desarmonia exterior.

Logo fiquei com os meus nervos numa ruína. Eu não conseguia dormir, não conseguia comer e não encontrava paz. O meu corpo foi acometido por uma erupção e as minhas pálpebras incharam visivelmente. O ruído afectava-me. Eu não conseguia suportar o tráfego. Não queria ver os amigos, não queria sair de casa e também não suportava ficar no apartamento.

Comecei a desejar nunca ter-me aventurado a retornar para a agradável casa da Laura. Se, ao menos, eu pudesse ir embora para o campo — pensei. Lá, talvez eu conseguisse encontrar o Roger novamente e esquecer os fantasmas dos acontecimentos.

Um dia, lembrei-me de Arthur Bhaduri, o médium que me tinha ajudado naquela outra vez em que eu retornara à Inglaterra. Fui procurá-lo.

O médium descreveu a morte, trágica e súbita, do Roger.

“O seu marido está entre os curadores,” disse-me ele.

“Está a ser curado do choque da sua morte prematura. Há um período de repouso, durante o qual se verifica o rompimento da concha que o rodeia, a concha das suas crenças e preconceitos terrenos. Ele envia-lhe o seu amor e mais tarde colaborará com a senhora, no seu trabalho. Pois a senhora escreverá as coisas do Espírito, quando tiver comprovado o Espírito.”

(Novamente, o eco das palavras da vovó.)

“Será melhor que a senhora se afaste de Londres durante algum tempo. Há um pequeno lugar fora de Londres, uma casinha sobre uma colina, com um jardim adorável. É apenas a metade de uma casa, para a senhora, mas lá aprenderá a estar em paz e a comunicar-se com o Espírito. . .”

Era uma predição estarrecedora. Como poderia eu me transferir-me para o campo, para lá viver?

Mais uma vez, porém, a minha mente obstinada fez os seus cálculos sem levar em conta os planos do Grande Arquiteto.

Um dia surgiu uma altercação entre a Laura e eu. Foi uma irritação sem sentido, por causa de uma mancha de humidade. Laura, a minha bondosa amiga, ficou atónita ante a maneira como explodi num acesso de mau humor. A indiferença foi crescendo entre nós. As coisas começaram a ir de mal a pior. Eu sabia que precisava deixar o santuário da casa dela, antes que a nossa amizade fosse completamente arruinada. Uma tempestade parecia ter desabado sobre a minha vida e o dilúvio estava a abater aqueles pequeninos grãos de espírito que, desde os dias de convívio com os Quacres, tinham tentado crescer entre o joio e a palha da minha personalidade.

Sem nenhum plano definido, dei início a uma frenética campanha para encontrar uma casa no campo. Anúncios, indagações, agências. Nada de concreto, tudo sem resultado. Fiquei desesperada, com medo que, por causa desta frustração, pudesse sofrer um colapso nervoso igual ao que sofrera em 1939.

E, então, a Mão do Espírito tornou a descer e a alcançar-me.

A nova experiência não me resolveu o problema. Descobri, depois de muitas horas dolorosas de hesitação e de frustração, que a Vontade do Grande Espírito não é de resolver todas as nossas dificuldades. O livre-arbítrio também nos foi concedido. Cabe na nossa vontade criar os nossos próprios problemas, mas, também compete a nós encontrar um meio de sair deles. Dizem-nos que o carácter cria o destino. A maneira pela qual encaramos a vida é que constrói ou arruína a nossa vida. E os nossos amigos queridos, que estão na outra margem, porventura capazes de ver um pouco mais à frente do que nós com a nossa visão limitada, ainda assim não podem interferir com a liberdade da nossa vontade. No seu amor e no Amor do Espírito Divino, eles podem apontar o caminho que, no fim, levar-nos-á à paz e à alegria. Eles não podem obrigar-nos a aceitar os seus conselhos. E também não podem fazer o esforço por nós. Nós precisamos caminhar para a frente, para a Luz da Verdade, da Beleza e da Sabedoria de Deus, mas, para cada um dos passos vacilantes que damos, o Divino Mestre avança e chega cada vez mais perto, vindo ao nosso encontro.

“Eu me levantarei e irei para o meu Pai. . .”

Num dia de outono, quando Setembro sorria, depois dos dias chuvosos de Agosto, fui dar um passeio em Kensington Gardens, conforme gostava de fazer. Um trêmulo reflexo lilás irradiava dos canteiros de ásteres tardios e margaridinhas de São Miguel, e uma fumaça irritante soprava pelos relvados, vinda das fogueiras dos jardineiros. Perto da alta estátua equestre, onde muitos caminhos se encontram, um bando de carneiros, que baliavam amedrontados, corria adiante de um homem acompanhado por um cachorro mestiço, de cor marrom. “Nós somos carneiros, pensei,” amarguradamente, “apascentados por algum Condutor Invisível.” Fiquei a imaginar se teríamos uma aparência tão tristonha e estúpida quanto a daqueles animais tolos.

Desci pela ilha verde e fui para a Serpentine. Perto da estátua de Peter Pan, sentei-me e fiquei a observar as crianças, os patos e os cisnes, que compunham um quadro comovente. O sol da tarde descambou e as asas partiram, levando as crianças que tinham ao seu cuidado. Ao meu lado, uma mulher idosa lia o jornal vespertino. Quando ela também se levantou e foi embora, caminhando através dos relvados, vi que esquecera o jornal. As páginas agitaram-se, na brisa leve. Depois, o jornal abriu-se, de um golpe. Baixei os olhos para ele e, imediatamente, fiquei com a atenção presa.

Na página impressa aberta, havia um artigo, escrito por Lord Dowding que versava sobre alguns aviadores 'mortos.'

Agarrei aquela folha e li avidamente.

“Um Piloto Fala do Seu Despertar.”

O artigo era um relato do Lord Dowding referente a algumas comunicações recebidas de aviadores “mortos, que ele comandara durante a Batalha da Grã-Bretanha. Um rapaz forneceu lúcidos pormenores da sua 'chegada' ao Outro Mundo. . .

“No princípio não compreendi que tinha sido abatido. Acordei num hospital, num quarto claro e arejado, onde havia cerca de seis camas. O

quarto tinha grandes janelas Francesas, completamente escancaradas, e aquela construção tinha sido erguida praticamente na praia.

“Uma enfermeira encantadora cuidava de mim, e ela parecia estar sempre ali, no momento certo.

“Eu tinha ferimentos no peito e nas pernas. Um dia percebi que, embora eles fossem regularmente enfaixados, eu não sentia dor; não parecia haver qualquer vestígio de sangue nas ataduras e também não havia qualquer indicação de que eu precisasse, realmente, delas.

“Comecei a mexer a minha perna; estava ótima. Bati no meu peito; também estava ótimo. Sendo assim, na outra vez em que a minha enfermeira apareceu, agarrei-a; e, de repente, percebi que não tinha visto nenhum médico.

“. . .Fiquei positivamente intrigado e tive uma sensação nauseante na boca do meu estômago.

“De algum modo, eu estava começar a saber, mas, não queria parar para pensar. Pedi à enfermeira que me explicasse o que estava a acontecer. Ela pegou na minha mão entre as dela e simplesmente olhou para mim. Então, eu soube.

“Bem, acho que posso contar-lhe — gemi no ombro dela, como se fosse um garotinho. Isso fez-me bem. . .”

Frases pareceram atirar-se contra mim, saídas da página impressa em negro.

“Acordei num hospital.”

“Um lugar claro e arejado, com cerca de seis camas.”

“Não sentia dor.”

“Não parecia haver qualquer vestígio de sangue nas ataduras, e também não havia qualquer indicação de que eu precisasse delas.”

“Fiquei positivamente intrigado e tive uma sensação nauseante, na boca do meu estômago.”

“Gemi como um garoto.”

Aquilo não seria, exactamente, o que Roger me 'dissera,' com respeito ao seu despertar?

Além disso ele não ficara intrigado e curioso com respeito à ausência de sangue? E não se 'trancara dentro de dele próprio,” quando o significado daquilo começara a surgir?!

Roger!

Isto não é apenas uma coincidência, pensei. Raramente leio o jornal *The Star*! Não obstante, ele tinha sido enfiado directamente sob os meus próprios olhos. Aqui estava uma confirmação de tudo aquilo que o meu marido pudera 'comunicar-me,” durante aquela noite calma, no Canadá. Isto não é uma coincidência, tornei a dizer, a mim própria; nisto há uma intervenção 'sobrenatural.' Se eu não tivesse sentado exactamente naquele banco; se aquela mulher não tivesse comprado o vespertino *The Star*; se ela não tivesse deixado aquele determinado jornal, com o artigo, ao meu lado, no banco; se o vento não tivesse aberto justamente na página que precisava ler. Se. . . Se. . . Se. . .

Era mais do que eu podia explicar. E, além disso, eu não queria explicar nada. Mais uma vez, a fé enfraquecida recebera um estímulo e isso era suficiente. E era perfeitamente característico do Roger enfiar a página em baixo do meu nariz e dizer:

“Eis aqui, lê por ti própria. Eu não tentaria dizer-te, porque tu não dás ouvidos ao que te dizem, Bub!”

E a vovó, que conhecera tão bem a minha obstinação, poderia ter-me censurado, com toda a franqueza:

“Tu nunca escutaste, Lena, e nunca acreditaste verdadeiramente. Por isso precisamos mostrar-te!”

Quão certos ambos estavam! Eu precisava daquele empurrão, para me conduzir de volta ao caminho da fé.

Quando o crepúsculo se abateu sobre o parque, levantei-me do banco, dobrei a folha do jornal e levei-a comigo, para o apartamento da Laura. Durante toda aquela noite, meditei sobre a solicitude e o socorro amoroso do Espírito. De novo, com profunda contrição, pedi perdão a Deus por minha inconstância. A parábola do Filho Pródigo está sempre a repetir-se nas nossas vidas. Assentamos os nossos fundamentos com as cascas do mundo exterior, matamos de fome os nossos corpos, as nossas mentes e os nossos espíritos, dando-lhes comida de porcos, quando poderíamos estar festejando com o nosso Pai, no seu Palácio do Espírito.

“Eu me levantarei, irei para o meu Pai e dir-Lhe-ei. . .”

Mais tarde, quando mergulhei no primeiro sono saudável que tivera naquele apartamento, pareceu-me ouvir o eco da voz do Roger, a repetir a mesma resposta de confiança que ele costumava dar ao Michael, em alguma dificuldade infantil, quando o nosso filho era ainda criança.

“Com que então, queres que isso seja consertado, sim, filho? Bem, dá-o o paizinho. O paizinho consegue, sabes! O paizinho pode consertar!”

Dentro do meu coração, compreendi que a minha saúde despedaçada, as minhas amizades despedaçadas e a minha fé despedaçada também seriam consertadas através da ajuda do paizinho.

“O paizinho pode!” A frase ecoou comigo, ao longo dos corredores do sono.

Antes de adormecer, eu soube que o paizinho faria isso!

CAPÍTULO XV

VISÃO E FÉ

No começo de Outubro, fui passar umas poucas semanas num hotel do campo, próximo de Guildford. Eu sentia-me doente e infeliz e sabia que, se não saísse de Londres, sofreria um colapso total. Tinha o rosto inchado e cheio de manchas e semicírculos profundos sob os meus olhos; não dormia bem e o médico disse-me que eu estava a sofrer de choque retardado. Mas, na tranquilidade do campo encontrei paz e em menos de duas semanas senti-me revigorada, mental e fisicamente, pronta para enfrentar a vida, de novo. Aquele era um hotel pequenino, afastado do caminho; eu era, praticamente, a única hóspede; o tempo estava delicioso e eu podia passear sozinha, o quanto quisesse. E senti que passeava com o amor. Isto porque o Roger estava comigo, e a velha matriarca também estava por perto. Pude sentir que eles procuravam fazer tudo quanto podiam, para me inspirar e ajudar. Todas as minhas dificuldades seriam solucionadas; eles me auxiliariam, conforme me tinham auxiliado antes.

Muito em breve, comecei a sentir-me melhor. Comecei a perceber que precisava construir uma vida nova, e tornei a pensar, com muita frequência, no Caminho que era praticado pela Sociedade dos Amigos. Caminhei, meditei e pedi auxílio, conforme os Amigos me tinham ensinado. E, cheia de expectativa, aguardei que o auxílio viesse. Uma manhã, vários dias depois de estar hospedada no hotel, entrei na pequenina igreja do vilarejo. Era uma igreja de pedra cinzenta e tinha sido mencionada no Domesday Book (Cadastro das Terras Inglesas). Senti que o silêncio dos séculos estava sob aquele teto abobadado e baixo. O altar era novo e demasiadamente moderno para esta construção antiga — decidi — mas tinha um desenho simples e as cortinas de um azul profundo davam-lhe uma aura de beleza calma. Vagueei pela igreja inteira, a observar as placas de bronze, comemorativas, e as efígies dos Senhores, mortos e desaparecidos, daquele feudo. As janelas de vidro colorido, de um intenso azul cerúleo, tinham sobrevivido desde os tempos medievais.

No lado esquerdo da igreja situava-se a Capela da Senhora, recentemente restaurada e acortinada de azul safira. Sobre o altar havia uma singela cruz de bronze e dois vasos com margaridinhas de São

Miguel, de cor lilás. Nada perturbava a profunda santidade que às vezes encontramos nas igrejas dos vilarejos. Sentei-me, para descansar, em uma das cadeiras de assento de palhinha, na Capela da Senhora. Como aquele lugar era silencioso! E como era calmo e se assemelhava a um oásis distante do ritmo apressado da vida. Aqui havia uma paz santificada, uma quietude de Deus. Não sei por quanto tempo fiquei sentada, sozinha, diante daquele altar. Posso ter ficado ali durante meia hora, ou somente por alguns minutos, pois não tinha qualquer noção de tempo nem de espaço, envolta na paz, como uma criança é envolta pelos braços da sua mãe.

Fiquei quieta, com os olhos fechados, a pensar na sabedoria, na beleza e na força do Poder Divino, que nos organiza as vidas. Mergulhei a minha alma inteira na nova Luz de bem-estar, que me envolvia. Então, não posso dizer como, tomei 'consciência' de uma névoa, um fulgor nebuloso, que parecia surgir da frente do altar e que se espalhou até alcançar o teto cinzento da Capela. A luz era bruxuleante, translúcida e sem forma, não obstante, cintilava como se um reflexo de ouro fosse respingado de cores, rosa, azul e água marinha, a irradiar de um Centro que, absorvendo todas as cores e toda a luz, fosse de um puríssimo brilho branco, como uma estrela incandescente.

Imperceptivelmente, uma Forma surgiu nesse Centro, uma Forma que, não obstante, não tinha forma, uma Silhueta desprovida de contornos, uma Pessoa que não tinha personalidade humana, um Anjo sem asas, Beleza que não apresentava simetria familiar, Beleza além da imaginação. Dentro do meu cérebro passou, qual relâmpago, a ideia de uma espada flamejante, erguida bem alta, acima do Centro de Luz; não obstante, não vi nenhuma espada. Dentro da minha mente surgiram as palavras; o “Anjo da Presença” — contudo, não vi anjo nenhum. Diante do milagre, quase insuportável dessa Presença, caí de joelhos e curvei a cabeça. Não havia necessidade de olhar. A Presença estava ali, dentro e fora, e a exultação provocada por ela enchia-me todo o coração. O momento está além da descrição. Durante um segundo sempiterno, a Eternidade penetrara o Véu, e o espírito, a mente e o corpo, estavam unidos com a Beleza do Criador. Tudo era eterno, passado, presente e futuro. Tudo estava a evoluir de acordo com a Ordem e o Ritmo perfeitos de uma Inteligência Suprema.

A Luz estremeceu. Desvaneceu-se lentamente, deixando a Capela resplandecer, novamente, nas tonalidades materiais, de azul e vermelho, dos vidros coloridos das janelas. Eu, porém, permaneci ajoelhada, a sentir-me viva como jamais me sentira antes. Eu estava na posse do conhecimento e da compreensão. O vasto mundo invisível, dos Mensageiros de Deus, interpenetra o nosso mundo. A Presença deles está separada de nós apenas por um véu; jamais isolada. O nosso Caminho é o Caminho do Espírito. As Hostes envolvem-nos e derramam os raios do seu fulgor dentro das trevas do nosso mundo material. A Presença de Deus está no coração do mundo. A Sua Beleza reflete por todo o universo.

E eu também sabia que, na insignificante parte que me dizia respeito, havia um Plano e um Padrão. E que eu não precisava ter medo, pois tudo estava em ordem na Mente de Deus. A Sua sabedoria era infinita. Um pouco mais tarde, quando deixei a Capela, passei por um pilar de pedra e a minha atenção foi atraída por um aviso impresso, muito discreto, que estava pendurado nele. Ao entrar, eu não tinha notado esse aviso.

Agora, as palavras tinham como um sino, na minha mente:

“O PÃO EUCARÍSTICO ESTÁ GUARDADO NA CAPELA DA SENHORA.”

Aquele momento foi o ponto alto daquela semana maravilhosa.

Houve, porém, uma outra 'intuição,' mais pessoal e de natureza material, que me chegou na véspera da minha partida. Eu tinha ido até Guildford, de ônibus, e, como o dia estivesse lindo, vagueara ao longo do caminho de sirga, junto ao pequeno e sinuoso rio Wey. Sentara-me num banco e erguera os olhos para a igreja de Santa Marta, situada sobre a colina que dominava a cidade. Sim, pensei, então; eu preciso voltar para Guildford, voltar para viver aqui. Este é o meu lugar, pelo menos por algum tempo. Aqui estarei em casa e poderei voltar a escrever.

De repente, tive consciência de que a vovó, aquela criatura querida, severa como um velho militar, que eu esquecera parcialmente nestes últimos dias, estava a enviar-me uma forte forma-pensamento.

Um chalé? Sim, eu encontraria um chalé. Seria conduzida até ele. Existia um lugar que iria ser um refúgio para mim. Existia um lugar. O meu lugar. O meu chalé.

Uma imagem daquele chalé brotou e desenvolveu-se na minha mente, como se a vovó tivesse a projetar uma forma-pensamento para que eu pudesse vê-lo. Ele era antigo, feito de pedra cinzenta, e os altos pilares dos canos das chaminés erguiam-se, quais guaritas de sentinela, contra um rico cenário de árvores. 'Vi' uma sala comprida, originalmente duas salas, que agora tinham sido transformadas em uma, com duas janelas de batente, no lado oeste. Outros pormenores juntaram-se ao meu quadro; um jardim espaçoso, árvores frutíferas, uma estrada enladeirada e na grande sala, novamente, um alto arco de mogno feito de uma única e sólida peça de madeira. Havia uma pequena cozinha, cuja entrada era pela sala de estar, e, subindo por uma escada estreita, havia dois quartos de dormir, com janelas altas, e um banheiro. Eu poderia reconhecer aquele chalé em qualquer lugar.

O meu 'quadro' foi tão nítido que tive certeza de que logo seria conduzida a esse lugar, exactamente. Mas então, como sempre, veio a primeira prova de fé. Naquela noite, na hora do jantar, uma hóspede aproximou-se.

“A senhora está à procura de um chalé?” perguntou ela.

Eu disse que estava.

“Há um aqui, na vila,” disse a senhora. “Um lugarzinho encantador. Os proprietários vivem em Londres e só vêm para cá no verão e no outono, para pescar. Eu sei que eles alugam a casa.”

E os proprietários iam estar no chalé, no dia seguinte. Mal pude terminar o meu jantar. Perguntei qual era o caminho para o chalé e, sem esperar pelo café, vesti um casaco e parti na escuridão das primeiras horas daquela noite de Outubro. O chalé destacava-se, isolado, numa fileira de chalés; uma linda casa antiga, solidamente construída de pedra cinzenta. E tinha janelas de água-furtada. E beirais baixos e salientes.

“É ele,” disse a mim própria. “Não tão perto de Guildford quanto eu gostaria, mas, exactamente o que preciso.”

Três vezes passei, andando, diante do pequenino jardim da frente, que, sob a única lâmpada da rua, mostrava manchas coloridas. Três vezes me emocionei com a ideia de que aquele lugar logo seria meu. O dia seguinte era Domingo. Ao meio-dia, abri o trinco do portão, subi o caminho calçado com pedras arredondadas e bati à porta. Ela foi aberta por uma mulher jovem e atraente.

“A senhora quer ver o chalé? Esta manhã, no hotel, ouvi falar a seu respeito. Não quer entrar?”

Ela afastou-se para um lado, enquanto eu passava sob o batente baixo da porta de madeira.

“Receio que ele seja demasiado pequeno. . .”

“É encantador!” A porta de entrada dava directamente para a sala de estar e nós estávamos naquele aposento aconchegante, com ladrilhos vermelhos no chão, tapetes grossos, móveis forrados com chitão e mesas baixas, de carvalho, com brilhantes adornos de bronze. Num dos cantos, ouvia-se o tique-taque solene de um relógio de pêndulo. “Absolutamente encantador!”

Respirei fundo. O perfume de lavanda evolava-se de um grande ramo de hastes e flores purpurinas, colocado sobre a mesa com portinhas.

“Apanhei-as no jardim, esta manhã,” disse a proprietária do chalé. “Adoro o perfume; e a senhora?”

“Adoro o chalé, também,” disse eu, a sorrir. “Posso alugá-lo por dois anos?”

Íamos a subir as escadas, a caminho dos dois quartos bem pequenos, que ficavam sob os beirais. A minha hospedeira passou à minha frente quando entramos no quarto maior, um típico dormitório de chalé, com beirais inclinados e janelas altas, de água-furtada. Exactamente igual — exultei — justamente como o 'vi.' Então contive o meu entusiasmo. Não, não exactamente igual. Eu devia ter-me enganado a respeito das janelas da sala de estar. Segundo pensei, devia haver duas janelas na parede do lado oeste. As janelas daquela casa estavam

colocadas uma em oposição à outra. E o jardim, embora bonito, não chegava a ser tão espaçoso quanto eu imaginara. Um pequeno item, disse a mim própria; muito pequeno.

A minha hospedeira estava a mostrar-me o espaço dentro do armário.

“Não creio,” disse ela, lentamente, “que o meu marido alugue a casa por dois anos. Ele adora pescar aqui, no verão.”

“Dezoito meses, então? Depois disso talvez eu esteja de volta ao Canadá.”

Ela pareceu estar em dúvida.

“Tentarei persuadi-lo. Ele estará em casa para o almoço. A senhora é exactamente o tipo de pessoa que gostaríamos de ter aqui, no chalé. E eu quero viajar para o estrangeiro, neste verão. “Sim,” repetiu a moça, quando tornávamos a descer as escadas, “verei o que posso fazer a respeito.”

Andei pela sala toda, entusiasmada ante a perspectiva de me estabelecer nesse lugar. Aqui havia paz, cordialidade e relaxamento. Eu poderia trabalhar aqui, nesta sala antiga e graciosa. Imaginei o brilho das achas de lenha a arder na lareira, nas noites de inverno, sob o alto arco de madeira. Pensei nas preguiçosas tardes de verão, no pequeno jardim cheio de sol. Descuidadamente, não me importava com o aluguer que os proprietários poderiam exigir. Eu precisava ter aquele lugar, a qualquer custo. Antes de sair, dei à jovem o meu endereço de Londres.

“Por favor, faça-me saber assim que for possível,” supliquei. “Estou ansiosa para instalar-me aqui.”

Ela riu e entregou-me um ramo de longas hastes de lavanda.

“Se a minha vontade prevalecer, a senhora alugará a casa por dezoito meses, no mínimo,” garantiu ela; e aduziu, enquanto abria a porta da frente: “Estou a morrer de vontade de ir para a Itália no próximo verão!”

Animada por uma nova fé, uma nova paz e, agora, uma nova esperança, voltei para Londres. Desde a passagem do Roger, aquela semana tinha sido, espiritual e materialmente, a mais compensadora. Eu estava em paz com o mundo e agora confiava em que o meu caminho estava traçado e apenas esperava para me ser revelado.

Traçado, por certo, ele estava. As vezes, porém, não reconhecendo as placas certas, de sinalização, desviamos-nos ao longo de pequenos atalhos, apenas para nos vermos diante de becos sem saída. E então, quando somos obrigados a voltar, de novo, para o ponto de partida, vemos a estrada verdejante, abrindo-se claramente diante de nós, e reparamos nos marcos de sinalização que antes interpretáramos mal. Assim aconteceu comigo.

CAPÍTULO XVI

O CHALÉ

A carta chegou passados três dias. Tinha os dedos a tremer quando abri a única folha de papel de bloco. Li e fiquei tão desapontada que a deixei de lado e terminei o meu café da manhã antes de tornar a olhar para ela.

O chalé não ia ser meu!

Lamentando muito, o proprietário escrevia que estava disposto a alugar a casa somente durante os seis meses de inverno de qualquer ano, pois sempre queria tê-la para si no verão. Se aquela forma de arrendamento me agradava, ele ficaria muito satisfeito em tomar referências e eu poderia mudar quase imediatamente.

Contudo, um período de seis meses de nada me adiantava: isso significaria uma nova mudança na primavera, justamente quando eu estaria — a esperança que tinha era essa — bem no meio do meu trabalho. Não havia sentido em prever outra mudança em Maio, por mais agradáveis que fossem as perspectivas para o inverno. Não; claramente, vi que devia começar de novo. Agora, porém, a fé estava viva e em actividade. Havia um chalé. Disso eu estava certa. De qualquer modo, este não poderia ter sido o chalé que me fora reservado. As janelas da

sala de estar não ficavam nos lugares errados? O jardim não era menor? E o que dizer da estrada enladeirada, em frente à casa? A estrada diante deste chalé era horizontal, em vez de descer por uma colina suavemente inclinada.

Na ocasião em que escrevi a minha resposta, a explicar que um contrato de aluguer pelo prazo de seis meses não teria utilidade para mim, já estava reconciliada com a ideia de fazer novas buscas. Por mais estranho que pareça, foi a Laura quem pôs, na minha cabeça, a ideia de publicar um anúncio, embora ela não aprovasse inteiramente a minha intenção de me isolar nas profundezas do campo.

Uma certa manhã ela veio ao meu apartamento, trazendo um recorte do jornal da tarde.

“Há um chalé para alugar, perto de Slough,” disse ela colocando na minha mão, um pedacinho de papel impresso. “Se você quer ir para o campo, esse lugar não fica muito distante de Londres.”

Agradei e escrevi para o número da caixa do Correio, juntando um envelope selado e endereçado. Sem dúvida, o chalé já estava alugado, pois, no que me dizia respeito, esse era o fim do assunto. Jamais recebi uma notificação acerca de qualquer arranjo que tivesse sido feito. Contudo, a ideia de anunciar tinha saltado para a minha consciência. E, naturalmente, o jornal escolhido devia ser *The Surrey News*, o mesmo jornal por cujo intermédio eu tinha obtido minha introdução na casa de Mary Vernon. Como eu lamentava que Mary já não vivesse mais. Eu teria gostado de voltar para os tranquilos costumes dos Quacres. A Mary, porém, passara, repentinamente, para uma outra vida, enquanto eu estava longe, no Canadá.

Pondo em prática o plano de anunciar, escrevi o que desejava, enviei a carta, mais um cheque para pagamento, ao editor do jornal e esperei os resultados.

Nesta época a fé estava muito forte. Agora nada poderia abalar a convicção de que havia um chalé e de que este estaria situado na área de Guildford. Na minha mente, eu tinha certeza de que, por alguma forma de antevisão, eu tinha 'visto' o lugar. Aquele chalé estava localizado em alguma parte de Surrey, esperando que eu o ocupasse.

Diariamente, dava graças a Deus pelo facto de vir a ser guiada até ele. Percebia que, até então, o Espírito se provara a mim. Agora eu tinha que dar prova do Espírito.

Todavia, não fora isso mesmo que a querida velhinha Sarah-Ann enfatizara, no seu 'retorno,' no meu lar Canadense?

“Reze, acreditando que recebeu,” aconselha a Bíblia.

Esse é o grande e maravilhoso segredo de um viver sereno.

No devido tempo, o anúncio apareceu no jornal e eu recebi uma cópia, a mostrar a publicação. Acomodei-me, a fim de aguardar os resultados. Entre todas as cartas que recebi naquela primeira semana, não encontrei nada que me conviesse. Pessoas escreveram a oferecer apartamentos, parte de casas e até mesmo quartos mobiliados, mas nenhum chalé foi proposto. O meu entusiasmo começou a esmorecer, mas continuei a dar graças a Deus, diariamente. Se Deus está connosco, quem pode estar contra nós? — pensei, de novo. Recusei-me a aceitar a derrota.

E então, quase oito dias depois da publicação do anúncio, chegou a carta que me ia alterar a vida. Vinha de um endereço perto de Guildford. “Temos um pequeno chalé mobiliado,” rezava o conteúdo da carta, “na realidade, é uma ala da nossa própria casa, porém, absolutamente auto-suficiente e reservada. . .”

Rabisquei o número do telefone e, no mesmo instante, fiz a ligação. Uma voz agradável respondeu à minha chamada. Sim, disse a voz, o chalé estava para alugar, mas ainda não ficara completamente pronto, ainda não tinha sido anunciado. Eu gostaria de ir até lá, para ver? Concordei em viajar até lá no dia seguinte e, depois de receber instruções a respeito de como encontrar o lugar, recoloquei o telefone no gancho e dancei em torno da sala.

“Encontrei! Encontrei!” Eu ria e chorava, de excitação. Tenho a impressão de que este é o chalé certo. Volte para Guildford, lembra-se? Foi essa a mensagem, tão logo eu o veja, saberei! Eu vou saber!”

Na manhã seguinte, o ônibus que escolhi para viajar saiu bem cedo, mas um quarto de hora se escoou antes de ele chegar à paragem de Kensington Road. Conforme tinha sido instruída, passei para um ônibus local e logo fui deixada no meu destino, a quatro milhas de distância de Guildford.

A esquina da paragem do ônibus era ocupada por uma loja típica do campo, misto de correio-mercearia-loja de louças. Junto a ela havia uma fileira de casinhas de tijolos vermelhos. Uma placa de pedra cinzenta, em que se via a data 1898 escrita com traços caprichados, encimava a porta da frente da casa do meio, e cada qual com o seu pequeno pedaço de terreno plantado com crisântemos, douradas pontas de bambu, quase secas, e moitas de margaridinhas de São Miguel, apinhavam-se em canteiros de bordas contornadas por pedras redondas. Prossegui a pé, descendo a estrada. Diante de mim, quase no cavado da base da colina, erguia-se uma grande casa de campo e dela subiam os altos pilares dos canos das chaminés, de desenho Elisabetano, destacando-se contra o verde dos choupos e dos olmos.

Aquelas chaminés.

Apressei o passo e cheguei a uma encruzilhada, virei e comecei a subir a colina. Lá estava a grande casa cinzenta, quase toda ela oculta, da estrada, por uma cerca de faias que iam assumindo uma cor marrom. Sim, esta era a sala comprida e estreita, formada, originalmente, por dois aposentos. Lá estavam as duas janelas de água furtada, na parede oeste, a dar para a estrada enladeirada. E lá estava a lareira grande e antiga, com o arco alto, de mogno!

“Eram dois quartos,” disse, involuntariamente, mais a mim própria do que com a intenção de formular uma pergunta.

“Originalmente, sim,” disse a jovem. “Embora, muito antes da nossa época. Mas ela ficou uma sala de estar de excelente tamanho. A senhora também precisa ver a cozinha, cuja porta de passagem fica no outro extremo desta sala. Este era o chalé do nosso jardineiro, mas, quando ele e a mulher nos deixaram, pensamos que poderia haver alguém que gostasse de viver aqui.” O olhar inquisitivo dela percorreu o meu rosto, rapidamente. “A senhora não irá achá-lo demasiado solitário?”

Afastei a sugestão. “Isto é exactamente o que tenho procurado!”

Mais tarde fomos para a sua sala de visitas, decorada em ouro e creme, onde junto à grande lareira acesa, tomamos chá e discutimos os termos do nosso acordo. Complacente, o grande setter esparramou-se aos meus pés.

“A senhora não ficará completamente isolada,” disse-me a jovem. “Sempre há a porta entre as duas casas, que jamais é trancada. E nós teríamos prazer em ajudá-la sempre que precisasse.”

“Creio que serei muito feliz aqui,” respondi; e soube que aquelas palavras eram verdadeiras.

“Um pequeno lugar sobre uma colina,” tinha dito Artur Bhaduri, “um jardim adorável, um lindo jardim. Na verdade, será a metade de uma casa, um lugar de preparo para um trabalho futuro. . .”

Antes da minha partida, combinamos a respeito das referências; mas a decisão final teve que ser deixada a cargo do marido, que voltaria da cidade naquela noite. Eu deveria telefonar-lhe na manhã seguinte! Contudo, uma brecha na cerca deixava antever janelas de sacada, relvados bem tratados e canteiros de flores. Havia uma pesada porta de carvalho que dava de frente para a estrada, com um pórtico provido de aberturas e um degrau semicircular, de tijolos vermelhos.

E atrás dela ficava o chalé, unido ao edifício principal como se fosse uma ala saliente. Metade do chalé era de madeira e metade era de pedra cinzenta, como a casa. Tinha o seu próprio jardimzinho na frente, um pequeno portão com trinco, uma porta de entrada e as mesmas chaminés altas, estilo Tudor! O meu coração deu um salto quando vi as duas janelas de batente, colocadas na parede que devia dar para o oeste.

Fé! Esta é a resposta para a fé, disse a mim própria; e voltei as costas para a pequena cancela, com a sua tabuleta pintada de branco “*Tile Cottage*” a apontar na direção da porta da casa. Dei um puxão na corrente de ferro que pendia no lado de fora do pórtico e ouvi o martelar da sineta, a ressoar pela casa inteira. A ressonância foi seguida pelo latido grave e retumbante de um cão. Um instante depois, uma mulher de

aparência jovem abriu-me a porta; porém, ela manteve os dedos na coleira de um setter castanho avermelhado.

“A senhora veio ver o chalé?” perguntou ela. “Não se importe com o Rex. Na verdade, ele é uma criatura muito gentil. O latido dele é pior do que a ferradela!”

Entramos num vestíbulo quadrado e baixo, com uma grande lareira e vigas no teto, também baixas. A moça abriu uma segunda porta, atravessamos um corredor com o chão pavimentado com pedras e depois outra porta de comunicação foi aberta. Tomada de emoção, contive o fôlego.

Ao nosso lado erguia-se uma escada estreita e um tanto íngreme, obviamente uma escada para uso dos criados, nos tempos mais prósperos; e, diante de nós, através de uma porta aberta, via-se a sala de estar. Entrei directamente nela e na ansiedade que me acometia quase empurrei a minha hospedeira, para lhe passar à frente.

Mas, eu sabia! Este era o chalé. Este era o pequeno santuário onde eu viveria, trabalharia e provaria o espírito durante os próximos dois anos da minha vida.

“Com Deus, todas as coisas são possíveis.”

Foi num dia de Novembro em que a névoa coroava o topo das árvores e a chuva escorria em fiozinhos pelas vidraças das janelas, que me mudei para o *Tile Cottage*. Tinha sido triste separar-me da Laura e do marido, mas, graças a Deus, a amizade, embora estremecida, não fora rompida. Eu sabia que um dia, quando tivesse reencontrado a serenidade, essa amizade tornaria a ganhar forças e profunda compreensão.

Lá fora, a água corria nos campos e as flores caíam sob o duro assalto da natureza. Contudo, uma lareira acesa chamejava as suas boas-vindas dentro da sala comprida, do teto alto, e logo a minha vizinha, da Tile House, apareceu a trazer uma bandeja de chá, que partilhamos junto às achas incandescentes, com o grande Rex esparramado no tapete.

Um pouco mais tarde, desempacotei os meus objectos pessoais. A minha grande escrivaninha ficava situada sob uma das janelas de batente. Sobre ela estavam as fotografias do Michael e do Roger. Os meus queridos livros enchiam as estantes, ao lado da lareira. Os meus quadros, pendurados nas paredes, enviavam-me sorrisos e as poucas peças de porcelana e de prata, que eu conservara da casa a longo tempo perdida, no Canadá, decoravam as mesas e o aparador.

Aquela noite, enfiei-me na cama, no gracioso quarto entre os beirais, com o seu teto inclinado; ouvi o pingar macio da chuva lá fora, na estrada, o suspiro do vento das árvores, o pio ocasional de um pássaro ou de uma coruja, ou o uivo fino e alto de uma raposa, lá nas colinas, e senti paz. Eu voltara para casa.

Mais tarde, quando passei pelos campos e pelas charnecas, veio-me o pensamento de que estava a pouco mais de três milhas do mesmo lugar onde vivera pela primeira vez, em 1939, depois que o nosso lar Canadense tinha sido desfeito. Eu tinha voltado para o mesmo lugar. Vi as mesmas árvores, as mesmas trilhas ao longo dos bosques, as mesmas colinas cobertas de relva. Agora, porém, com uma diferença. Doze anos tinham passado, e a roda fizera um círculo completo. Naquela época eu desejara, ardentemente, ser livre. Os nossos votos matrimoniais tinham sido rompidos; a desilusão e a desarmonia tinham cravado os seus dentes, bem fundo, nas nossas vidas. Agora eu estava livre, e teria dado metade da minha vida para estar com o Roger. Contudo, os votos tinham sido cortados pela mão de Deus, e não pela minha, depois que o amor tinha sido curado, restabelecido, purificado e abençoado. Para a nossa compreensão limitada, o Desenho da vida é deveras estranho e praticamente terrível.

Este lugar de repouso poderia ser apenas temporário, mas, pelo menos, era um abrigo no caminho, um oásis verdejante, um lugar de fortalecimento para o espírito e um meio de fugir do mundo até o momento em que se tornasse necessário retornar a esse mundo. Eu estava em condições de dar graças, ao Supremo Espírito da Vida, por ter este tempo para me 'deitar em verdes pastagens." Mas, também, dei graças a Ele por aqueles que tinham trazido o seu Amor e a sua Luz à minha consciência, atravessando o espesso véu de matéria que me cegara durante tanto tempo.

Pois, certamente, aqueles que já terminaram a sua permanência temporária neste mundo, devem conservar o seu amor por aqueles que ainda estão a viver aqui. Muito mais do que aquilo que nós podemos conhecer deve ser revelado para os seus olhos de espírito, mais esclarecidos. Eles vêem um pedaço mais da estrada que fica à nossa frente; conhecem as nossas dificuldades; e conhecem igualmente as nossas limitações.

Todavia, eu penso que eles também devem conhecer as nossas potencialidades.

Os pensamentos secretos, dos nossos corações, às vezes devem ser conhecidos por aqueles que passaram além do Véu e foram para os mundos espirituais. Agora eles vêem-nos com os olhos do espírito. Vêem qualquer traço de beleza real que possamos possuir, pois já não são confundidos pelas personalidades exteriores.

Com esta observação, terminemos a primeira parte da minha história.

Uma noite, no Canadá, muito tempo após a morte do meu marido, quando eu voltara àquele país para fazer uma visita, conheci uma mulher interessante, que possuía uma alma esclarecida. Ela perdera o seu amado marido, Simon, na guerra; mas não estava amargurada.

De facto, enquanto conversamos, com muita naturalidade, sobre ele e sobre o trabalho que ele realizara, e que ela estava prosseguir, “senti” a presença e o amor dele. Tive a impressão de que fomos envolvidas por um profundo afeto e compreensão. O rosto da minha nova amiga resplandeceu. Ela era uma pessoa extremamente intensa e maravilhosa e eu não conseguia afastar o meu olhar do rosto iluminado dela.

De súbito, brotou de mim uma exclamação, exactamente como acontecera quando conheci Mary Vernon.

“Você é linda!” disse. “Você é muito linda!”

Ela parou de conversar, ergueu os olhos do livro que o marido tinha escrito há tanto tempo atrás, e sorriu para mim.

“Isso é bondade sua,” disse, “mas a senhora está a ver-me com os olhos do Simon!” Ela fez uma pausa e depois repetiu: “A senhora está a ver-me como Simon me vê!”

Soubesse disso ou não, ela tinha enunciado uma verdade profunda!

“Não existe separação de Vida entre nós, nem mesmo além do Véu que nos cega a visão terrena,” escreveu Thomas Kelly, o querido escritor Quacre. “Todos se unem na Vida de Deus e todos colaboram para que seja alcançada aquela meta final, de realização.”

À medida que nos abrimos mais para o Grande Espírito do Amor, e ouvimos mais nos nossos corações, o Véu vai se tornando visivelmente mais fino.

Escrevi esta história da minha vida com humildade e sinceridade, para mostrar que a orientação, o amor e a visão, vindos do Além, me auxiliaram no caminho. É apenas uma entre centenas de experiências autênticas, que outros devem ter tido; mas se ela suscitar esperança, pelo menos num leitor, terá servido o meu objectivo.

A Luz do Espírito está sempre connosco, a brilhando nas nossas trevas. Essa Luz poderá ser-nos revelada de muitas maneiras estranhas: ela mudará o padrão do nosso pensamento; purificar-nos-á do erro e alterará toda a nossa vida. O véu entre os mundos está a dissolver-se. Não poderemos ajudar, para que se dissolva por completo?

SEGUNDA PARTE

O PSIQUISMO

CAPÍTULO XVII FIXAÇÕES

Seria necessário um outro livro para relatar todos os pormenores de todos os acontecimentos que me sucederam durante os anos que se escoaram desde aquele período, curto e compensador, que passei no chalé. A minha vida firmou-se em novas linhas, pastagens calmas e suaves, e tive muitas oportunidades para a realização de estudos profundos e da prática da vida espiritual. Fui conduzida a grupos de pessoas que estudam a verdade, por amor à verdade e para melhor servir o semelhante. Desses contactos, desenvolveram-se amizades que me são caras e preciosas. A minha vida foi enriquecida e abençoada da forma mais extraordinária e agora olho para o passado, e encaro os acontecimentos sucedidos, quase como uma pessoa estranha o poderia fazer. À luz da actualidade, esses eventos parecem irreais.

Aquilo tudo aconteceu, realmente? A desilusão e a tragédia perderam o seu ferrão. Agora elas são apenas sombras num mundo repleto de sombras. Talvez seja dessa maneira que fazemos um repasse nas nossas vidas, depois que a morte nos separou deste conceito material e nós nos encontramos no plano de consciência contíguo a este. Talvez seja assim, com este estranho sentimento de desapego, que, naqueles momentos imediatamente anteriores ou posteriores à morte do corpo físico, fazemos uma análise das nossas experiências. . . não podemos saber com certeza. Todavia, parece que, se revemos as nossas vidas naqueles primeiros momentos após a morte — aspecto em que os relatos parecem insistir — então, a irrealidade deste caleidoscópio de eventos, que desfilam perante a nossa consciência, deve aliar as emoções esmagadoras de forma compassiva.

Durante estes anos, passei a compreender, mais e mais, que o psíquico e o espiritual, nesta ordem, se acham contidos numa espiral ascendente de consciência. Não há divisões; uma deve prosseguir proveniente da outra.

Na Realidade não há 'ismos.”

Todo o dom com o qual fomos abençoados, quer seja o dom de compor música, de escrever poemas, peças teatrais ou livros, de ensinar crianças, de criar modelos ou costurar vestuário, de criar lares felizes ou responder os 'chamados' daqueles que estão no mundo de existência contíguo ao nosso, tanto para ajudar a si mesmo como para ajudar os outros. . . todos os nossos talentos nos são dados para glorificar o Trabalho do Divino Criador. Alguém disse, certa vez, que a vida só terá valido a pena quando nela colocamos mais do que retiramos. Talvez seja isto que censuramos nas nossas experiências, quando já estamos no Mundo Espiritual e olhamos para trás. Nos contactos que tive com espíritos desencarnados, descobri, frequentemente, que o arrependimento mais forte, neles, é por aquilo que não fizeram — os pecados da omissão.

Tomemos, por exemplo, a minha própria avó, a querida Sarah-Ann. Pois ela não se terá voltado subitamente, desde os domínios espirituais, para castigar a neta por desperdiçar oportunidades e por cegar a si própria com problemas materiais? Pois ela não me terá aberto os olhos para as questões mais profundos da vida e não me terá ajudado a clarear o canal, a fim de que eu pudesse ouvir a Voz no meu íntimo? Por mais drásticos que pareçam ter sido os seus métodos, eles foram operações cirúrgicas necessárias para amputar o egoísmo e a autocomiseração, para me mostrar como eu poderia utilizar o meu dom de clariaudiência a serviços dos outros. Sempre existem aqueles, no mundo contíguo, que estão prontos para nos ensinar como dar à vida, em vez de tomar dela.

Durante estes anos, acumulei muitas histórias de auxílio espiritual, histórias verídicas, algumas mais estranhas do que a ficção, outras ternas, algumas tristes, outras terríveis, porém, todas com um sentido e um objectivo. Naturalmente, nas histórias que vou relatar aqui, alterei os nomes e alguns pormenores, de modo a não perturbar ou embaraçar aqueles que estiveram implicados.

Não precisamos ser psicólogos para saber que a maior parte dos problemas que existem nas nossas vidas provêm dos efeitos de fixações e bloqueios emocionais e mentais. Estes bloqueios geram temores, ódios e ressentimentos e impedem-nos de realizar satisfatoriamente o nosso

trabalho e de viver uma vida plena e compensadora. Sempre, porém, há entes queridos, na outra fase de Vida, prontos a ajudar e orientar quando a hora é chegada.

Foi isso que pareceu acontecer, deveras, no caso de um homem talentoso, cujo bloqueio emocional quase o estava reduzir à impotência mental e estava a arruinar-lhe a saúde.

O professor Jordan é um professor de alta qualidade, um excelente organizador e um homem de profunda integridade. Na ocasião em que o vi pela primeira vez, ele estava a lecionar numa universidade e era igualmente muito solicitado nas conferências, como orador. Na aula a que assisti, fiquei muito impressionada com a meticulosa apresentação do problema das actividades nas horas ociosas, problema com o qual a humanidade se defrontará na era de automação, que se avizinha. Tornou-se evidente que o professor analisara profundamente esse problema, e muito do que ele disse será útil para aqueles que têm a responsabilidade de guiar a juventude do futuro.

Contudo, as emoções íntimas, do professor, intrometeram-se na sua preleção e eu senti, instintivamente, que aqui se revelava uma “fenda” na personalidade do orador. Ele não estava em paz consigo próprio. Tinha um problema que ainda não fora solucionado. Teria ele relação com a sua própria família? Como muitos de nós, ele estava a propor sugestões para resolver grandes enigmas, porém, estava secretamente preocupado com o seu problema particular.

Ele não pode ter consciência da sua insegurança emocional, lembro-me de ter pensado, comigo própria. Fiquei a imaginar o que haveria de errado com aquele professor.

A faculdade de 'interromper' a concentração mental, deslocá-la do orador que está nos planos exteriores e transferi-la para o Orador interior, é algo que se desenvolveu, em mim, com o passar dos anos. Às vezes a 'voz interior' torna-se insistente e eu perco completamente o fio do discurso que estou a ouvir; outras vezes a mudança do discernimento exterior para o discernimento interior, é feita propositadamente, pela minha mente consciente.

Desta vez, a mudança foi intencional. Eu estava interessada e fascinada por esta anomalia no carácter do orador.

Emocionalmente transtornado — disseram os meus pensamentos — obviamente, à beira de um colapso nervoso. Está se a forçar-se a prosseguir. Então, comecei a concentrar-me nele. Era o tipo intelectual do costume, o académico genuíno, as palavras jorravam com facilidade das ricas reservas da sua mente. . . contudo, a expressão acuada que apresentava nos olhos era inconfundível. Ele sofria de instabilidade emocional.

Nada que se possa fazer, decidi, não desejando intrometer-me nos problemas dele. Talvez, as coisas não corram bem em casa. . .

“Mas há algo. . . há algo!” sugeriu a voz dentro de mim. “Nós podemos ajudá-lo — se a senhora entrasse em contato. . .”

Nós?

A certeza surgiu dentro da minha mente, como um relâmpago.

A mãe dele.

“Orgulho-me tanto do meu menino,” tive a impressão de ouvir. “Orgulho-me tanto, e compreendo. Ajude-me a ajudá-lo. . .”

Aquilo foi tudo.

Dei em mim própria um safanão mental. Quem era eu, para meter o meu nariz na vida deste estranho? Tudo está muito bem — falei com os meus botões — para aqueles que estão no Além, mas. . . Com determinação, pus de lado aquela intrusão e concentrei-me na palestra, ignorando os perigosos relâmpagos de violência emocional, os ocasionais tremores involuntários, da voz.

Depois da reunião, trocamos algumas palavras casuais com o orador e eu segui o meu caminho. Nada tinha 'acontecido.' Se, durante algumas semanas depois daquele encontro, me senti inquieta com respeito a esse homem, em compensação arredei qualquer sentimento de culpa por não o ter ajudado.

Todavia, como sempre ocorre nestes casos, o assunto não estava encerrado. Algum tempo mais tarde, aconteceu de eu estar presente numa outra conferência, na qual este mesmo professor deveria falar. Imediatamente se tornou óbvio que a sua condição tinha piorado muito. As mãos tremiam-lhe e o rosto mostrava uma aparência acinzentada.

Durante o almoço, ele ocupou um assento oposto ao meu. Observei que fazia grandes esforços para demonstrar tranquilidade.

Posteriormente, ele trouxe o café para uma cadeira perto da minha, na saleta do hotel. Deixou-se cair na cadeira e ficou sentado com os olhos fechados.

“Desculpe,” murmurou. Não estou a sentir-me bem. Dispepsia.

“Eu sei,” disse eu.

As pálpebras ergueram-se-lhe. Olhos fatigados fixaram-se nos meus.

“As vezes,” disse ele, passando a mão pela testa, “fico a imaginar se conseguirei continuar. . .”

“Não da maneira como se está a conduzir,” ouvi-me responder, em concordância. Rapidamente, a expressão dele encheu-se de temor. “Não podemos recalcar certas coisas eternamente, o senhor sabe. As panelas têm o costume de ferver e transbordar.”

Ele endireitou o corpo e lançou-me uma pergunta, como se fosse uma seta. “Como é que a senhora sabe se eu tenho qualquer coisa a recalcar?”

“A sua mãe contou-me.” Pude sentir o batimento acelerado do meu coração.

“A minha — mãe?” Ele puxou da cadeira para mais perto da minha. Estávamos num canto bastante isolado da saleta; um biombo escondia-nos parcialmente das outras pessoas. “O que é que a senhora sabe sobre a minha mãe?”

Agora eu estava realmente envolvida: não havia maneira de voltar atrás.

“Que ela está morta há quase dez anos; que ela se orgulhava muito do senhor. Que ela viveu a economizar e trabalhou duro para o senhor poder frequentar a universidade. Que o senhor a amou com mais ternura do que jamais amou qualquer outra pessoa. . . e que, para o senhor, a vida pareceu feneceu quando ela morreu.”

Beberiquei o meu café, muito calma agora que as palavras tinham sido proferidas. A percepção de uma presença carinhosa impregnou-me a minha consciência. Quase pude sentir o alívio da mãe, que ainda se preocupava muito com o filho. Ela conseguira “fazer passar.” (Estou a ficar tão habituada com esta sensação interior, que acontece quando o contacto finalmente é estabelecido!)

Ele ficou calado e imóvel durante tanto tempo que tive que lançar-lhe um olhar de esguelha. Tinha o rosto contraído e os olhos estavam cheios de lágrimas.

“Amei muito a minha mãe.” Colocou a chávena sobre uma mesa, tirou o lenço e enxugou os olhos. “Tudo o que consegui, devo a ela. Ela era tudo para mim — tudo. . .”

“Ela quer ajudá-lo.”

“Sim?” O monossílabo não forneceu nenhuma pista para a causa da sua aflição.

“É a sua mente. Está a ficar com a mente deformada e amarga.”

Agora, a velha senhora parecia ter assumido o comando e estava a colocar-me as palavras na boca. “Você deixou que o ressentimento dominasse a sua personalidade afetuosa. Um ressentimento tão amargo! Ódio. Ah, você finge que o ódio não está aí, é claro. Você reprime-o. Tenta viver com ele, até mesmo ignorá-lo. Mas ele está aí,” insistiu a velha senhora, “não é? Está aí.”

A sala tinha mergulhado num silêncio estranho. A maioria dos hóspedes já partira. Nós estávamos sozinhos e despercebidos, no nosso canto.

De repente, ele abandonou-se. Perdeu o controlo por completo. Começou a soluçar, por trás da proteção do lenço de mão.

No decurso do meu trabalho, tenho visto muitos homens chorar: quando cai a máscara da fortaleza masculina, a visão realmente inspira compaixão. Aguardei. Tive a impressão de que a mãe, em espírito, estava a colocar uma aura de amor em torno dele, como teria envolvido o seu menino num abraço protector, nos seus dias da vida terrena.

“É verdade,” murmurou o professor, por fim. “Eu simplesmente não posso suportá-la. Ela meteu-se nas nossas vidas; afastou os meus filhos; quase nos separou. Deus me ajude, eu odeio-a!”

“Ela — é a irmã da sua esposa, não é?” ouvi-me dizer, embora, até aquele momento, nada soubesse a respeito dos assuntos particulares daquele homem.

“É. Ela vive connosco.”

Hesitei. “A sua mãe assinala que o senhor não é homem o suficiente para governar a sua própria casa.” Esta foi uma frase forte demais, mas a velha senhora era um espírito vigoroso e ninguém a impediria de dizer o que quisesse.

“O que poderei fazer? Ela enraizou-se lá dentro.”

Fui levada a tomar uma linha diferente.

“A sua mãe foi uma cristã profundamente religiosa. Não é verdade?”

Ele assentiu.

“Ela acreditava na oração e na maneira correta de abordar os problemas da vida. Na verdade, ela própria teve uma vida difícil. . . ficou viúva, com pouco dinheiro e um filho brilhante, para educar. . .”

O professor tinha os olhos cravados em mim. Estava mais calmo agora.

“A minha mãe apressou a sua própria morte, ao se sobrecarregar de trabalho por minha causa.”

“Ela não mudaria um dia da vida que levou.” Eu parecia estar a traduzir os pensamentos da mãe. “Tudo o que ela fez valeu a pena. Deus deu um bom cérebro ao senhor. Ela pôde oferecer-lhe a oportunidade de o desenvolver. Isso não será bem próprio dela?”

Lentamente, ele assentiu com um movimento de cabeça.

“Ela era exactamente assim. E agora. . .? Está desapontada comigo?”

“De modo algum. A sua mãe sabe que o senhor precisa dela.”

Ele quase tornou a perder o controlo. “Preciso. Preciso, realmente!”

“Mas, ela diz. . . 'Você precisa mais do Espírito de Deus, filho. Precisa perdoar, aceitar e amar.'”

Ele deixou escapar um grito: “Aceitar? Como posso aceitar?”

Esperei um instante. Aquilo que a velha senhora queria dizer seria embaraçoso. Mas, neste trabalho, aprendi a não ficar embaraçada.

A sua mãe quer lembrar-lhe que esta situação surgiu por sua própria culpa. O senhor ficou tão mergulhado no seu trabalho que — bem — não tinha tempo a despendar com a sua esposa e os seus filhos.

O senhor precisa recordar que a sua esposa se revoltou contra a sua negligência; e, então, ela convidou a irmã. . .”

Ele olhava-me de olhos arregalados.

“É verdade, coloquei o meu trabalho em primeiro lugar; não será essa a responsabilidade de um homem?”

“O senhor deixou a sua esposa à míngua de afecto. . .”

Ele ficou calado durante tanto tempo que comecei a imaginar se o acto de lancetar o seu tumor emocional não tinha sido demasiadamente doloroso. Afinal de contas, uma mãe, aqui ou em outra esfera, só pode ir até certo ponto.

Quando, por fim, ele falou, a voz dele mostrou-se gentil.

“Isso é tão característico da minha mãe. A mãe sempre foi até a raiz do problema; nunca prevaricou, jamais aceitou desculpas. Lembro-me de como quando era menino e andava na escola. . . ela nunca me deixava escapar se eu faltasse a uma aula ou não fizesse os deveres de casa. . .”

O professor sorriu.

“Doce como era, ela nunca deixou de dar as suas surras.”

Com um amplo sorriso interior, relembrei o toque da fivela do cinto da Sarah-Ann. Ela também não me poupou!

“Concordo em que sou egoísta no que concerne ao meu trabalho. Sou ambicioso e sempre quero trabalhar até o máximo da minha capacidade.”

Com arrependimento: “Tenho que admitir que nunca dei muita atenção à Muriel. . .”

Como eu não fizesse qualquer comentário, ele prosseguiu, a princípio muito devagar; depois as palavras jorraram, numa torrente de alívio. Ele era bastante maduro para apreender, imediatamente, o significado de toda a situação, significado que não pudera perceber enquanto a autocomiseração e o ressentimento lhe tinham nublado o raciocínio.

“Suponho,” terminou ele, “que não pensei muito a respeito do amor. A mãe tinha uma enorme capacidade de amar; essa foi a sua maior força. Mas ela nunca usou essa força para conseguir o que queria. Ela possuía uma espécie de amor interior; um amor que tinha uma qualidade de chama. Era afetuosa, compreensiva e sábia, porém, nunca foi sentimental.”

Ele apoiou-se no encosto alto, da cadeira.

“Obrigado por me ter dito. Foi preciso coragem. . . e ajudou muito. . .” disse ele.

“Eu não poderia ter deixado de o dizer. O amor da sua mãe ainda tem essa força.”

Trocamos um longo olhar.

“Como nos enganamos a nós próprios,” exclamou o professor.

E o respeito que senti por ele tornou-se mais forte e mais profundo; aqui estava um homem de verdade, a ocupar uma posição certa, a guiar homens mais jovens.

“Durante todo este tempo eu indignei-me diante dos resultados do meu próprio egoísmo! Que estúpido idiota! Se a mãe estivesse viva, ela ter-me-ia mostrado isso dessa mesma maneira, exactamente. . .”

Agora era a minha vez de sorrir. “Mas ela está viva. . . muito viva! O senhor não concorda?”

A surpresa espantou a tristeza que se espelhara no rosto dele.

“É claro que ela deve estar! Acho que nunca pensamos naqueles — naqueles que nos deixaram, como se eles estivessem. . . bem, igual ao que tinham sido. Eu, porém, não poderia estar mais convencido. . . Ela está a agir de acordo com o padrão. . . Sempre analisou profundamente a causa, antes de vir com uma solução.”

“A velha Lei de Causa e Efeito,” murmurei.

“Exatamente!”

Ele esboçou um sorriso amplo.

“Quase poderia ser a minha mãe a falar. A Lei de Causa e Efeito sempre foi um dos velhos arrimos de mamãe. Eu tinha esquecido que essa Lei ainda funciona.”

“Desse modo, para levá-lo a recordar, ela forçou a passagem através de uma pessoa relativamente estranha!”

Quando me preparei para sair, o professor pôs-se de pé. Tudo o que precisava ser dito, tinha sido dito.

“Obrigado,” disse ele, muito comovido.

Lá fora, nos jardins do hotel, eu descobri que estava a tremer. A entrevista tinha sido uma provação. Contudo, eu tinha ajudado. A mãe dele, com toda a sua doçura, era tão enérgica quanto Sarah-Ann. De repente, pude sorrir para mim própria. Pelo menos, eu não tivera que lhe dizer, como a sensível Canadense tinha dito a mim. . .

“Fizeste a tua cama. Agora deves deitar-te nela. . .”

Quase um ano se passou antes que tornássemos a estar em contacto.

Assisti, novamente, à aula do professor Jordan. Ele adquirira firmeza e segurança. Era evidente que a crise doméstica fora satisfatoriamente resolvida.

“Temos que ser sinceros,” estava ele a dizer. “Completamente sinceros connosco próprios, em todos os aspectos. . . mesmo no que se refere aos nossos próprios defeitos. . .”

Senti que a mãe dele sacudia a cabeça, em concordância.

Há outras histórias, igualmente fortes.

Uma diz respeito a um ministro da Igreja Anglicana. Quando estava na meia-idade, este homem tinha sentido o 'chamado' para a vida religiosa, e este 'convite para servir' tinha sido tão forte que, a despeito de ter uma esposa e uma família, ele se demitira do seu posto, numa organização muito activa, e estudara para ser ordenado.

Quando o conheci, fazia apenas alguns anos que ele se tornara um sacerdote da igreja. Era um homem alto e de bela aparência, másculo

porém sensível, e, imediatamente, tive percepção de um dom curativo natural, com o qual ele fora agraciado, quer tivesse consciência disso ou não. Aqui estava um homem que podia transmitir a força do Espírito, por intermédio da prece e da 'imposição das mãos'; aqui estava um canal verdadeiro, do Espírito. Não tínhamos conversado por muito tempo e já ele falava, abertamente, do seu ardente desejo de realizar trabalhos de cura.

“Bem, por que o senhor não segue esse impulso interior, do Espírito?” perguntei.

Ele olhou para mim, prolongada e tristemente, e fiquei horrorizada ao ouvir as palavras que proferiu.

“Porque eu perdi quase toda a minha fé. As frustrações estorvam-me sem cessar.”

Eu não disse nada. Quantas vezes não ouvira a mesma história?

De repente, ele disse:

“A senhora não poderia vir até o meu escritório, para conversarmos?”

Havia tanta gravidade nas suas palavras que concordei imediatamente.

Mais tarde, na quietude da sua bonita sala, ao lado da igreja moderna, este ministro, já marcado para servir na Nova Era que agora começava a raiar, contou-me por linhas gerais, os seus problemas e as suas dúvidas.

“Eu mal consigo rezar,” confessou ele. “Um sentimento de culpa, por ter perdido o ardor e o entusiasmo com que entrei nesta vida, ergue-se para me encarar. Sou um fracasso. Não estou a fazer o trabalho; não estou a cumprir com a convocação superior, para a qual, certa vez pensei que tivesse sido chamado. São muitos os dias em que luto com a ideia de desistir; de abandonar o sacerdócio; de voltar à vida de leigo. . .”

“O senhor quer dizer, fugir. . . retroceder no seu caminho?”

“Essa é uma maneira dura de expressar as coisas, mas é a verdade. Não acredito mais. Recito o Ritual somente da boca para fora. . .”

“Muitos sacerdotes prosseguem apenas pelo amor à carreira. . . alguns prosseguem porque não são suficientemente maduros para reconhecer o fracasso. . .” sugeri.

“Alguns conseguem chegar a um acordo com os seus deveres.”

Ele afastou a cadeira, ergueu-se e vagueou pela sala, qual leão a sacudir a juba, escorraçado do seu refúgio.

“Uma cortina de egoísta, atrás da qual se esconder a fim de salvar as aparências,” rugiu ele. “A senhora não pode pregar aquilo em que não crê.”

Deliberadamente, torci a cauda do leão. “Então, tenha a coragem das suas convicções e saia.”

Ele virou-se para mim, desaparecida toda a fanfarronice.

“Deus me ajude, é justamente isso que eu não posso fazer. Alguma coisa — me impede. . .”

“Isso não será um sinal?”

Ele tornou a lançar-se na sua poltrona.

“Só Deus sabe! Eu não sei! Nada parece fazer sentido. Pensei (acentuando as palavras) que a senhora talvez pudesse resolver o problema. . . Quero dizer — dar-me alguma indicação — hum — por meio do seu — hum. . .”

“Por meio da minha percepção extra-sensorial?”

Com timidez, ele afirmou: “Não acredito em outra vida, a senhora sabe. Disseram-me que a senhora. . . hum. . . tem a faculdade de sintonizar inteligências desencarnadas.”

“Ouço uma voz,” respondi, cautelosamente.

“Pois,” ele aceitou a minha declaração.

Conversamos durante muito tempo. Não posso recordar, com clareza, quem 'comunicou,' ou relembrar, com exactidão, o que foi dito. Lembro-me, porém, do propósito da mensagem. Ele era um 'vaso escolhido' — um sacerdote curador, para trabalhar ao serviço de Deus.

Pouco depois, porém, escutei a minha Voz descrever um belo jovem, que o ministro logo deveria conhecer.

“Vocês os dois vão interessar-se por este trabalho, este Serviço,” veio a mensagem. E, com a cooperação e o apoio dele, o senhor irá em frente; tornará a encontrar o papel que deve desempenhar; ambos trabalharão juntos, na fé.”

Como as pessoas geralmente fazem, ele tentou identificar o jovem, mas não conseguiu e deixamos a profecia de lado. Depois disso, nós dois conversamos muitas vezes. Contudo, foi somente após uma conferência à qual nós os dois comparecemos, que ele me telefonou a dizer que encontrara o jovem.

“Não é tão jovem assim,” comentou, “mas é belo, certamente. A senhora precisava tê-lo visto na assembleia. Ele também é sacerdote; tem uma igreja fora da cidade. E, acredite ou não, ele está muito interessado no trabalho de cura! E no Sacramento da Imposição das Mãos.”

Uma resposta a uma oração a implorar ajuda? Intervenção Divina, a impedir que um Canal para o Serviço Espiritual ficasse bloqueado e inutilizado? Os misteriosos Processos de Deus estão além da nossa compreensão mortal. Tudo o que eu sei é o final (ou deverei dizer o começo), desta história.

Um forte laço de amizade e cooperação desenvolveu-se entre estes dois homens da igreja. O prelado hesitante reencontrou a sua fé, dominou a inércia provocada pela frustração e agora é vigário de uma nova paróquia. As últimas notícias que tive dele é que é um trabalhador activo da Associação de Saúde e pratica, com sucesso, Cultos de Cura na sua igreja. Jamais esquecerei a última vez em que estive na cidade onde ele vive.

Compareci ao Culto Eucarístico da manhã de Domingo, na igreja dele. Ele subiu ao púlpito para o sermão, enunciou a consagração e começou. Relembrou o Ministério de Cura de Jesus e falou dos milagres do Novo Testamento. Tudo isso da maneira usual, estereotipada. De repente, inclinou o corpo para a frente, por sobre a borda do púlpito. A voz adoptou uma tonalidade profunda; tornou-se autoritária, forte, sonora.

“Estas coisas podem acontecer hoje,” afirmou. Uma onda eléctrica pareceu encrespar-se por sobre a congregação. “Elas estão a acontecer hoje!”

E então as palavras jorraram da boca deste homem, renascido na fé, no amor e na compreensão, porquanto renascido ele estava. Aqui se podia sentir a verdadeira dedicação, o canal aberto, a manifestação do desejo de servir. Agora ele era, deveras, um leão de força, consciente do seu poder interior; um homem que encontrara o caminho para Casa.

A atmosfera, na igreja, ficou carregada. As pessoas beberam, literalmente, a narrativa da mensagem que Cristo trouxera ao mundo, há quase dois mil anos atrás. Os olhos dos ouvintes reflectiram a chama do espírito que brilhava no pregador. Um silêncio veio e pousou sobre a congregação. Surgiu a sensação de uma Presença.

“Não apenas há dois mil anos atrás,” afirmou ele, aos seus paroquianos. “Porém, hoje! O Espírito do Cristo está aqui hoje — como Nosso Senhor prometeu. . .”

Ouvi, fascinada e grata. Aqui estava o novo espírito da era que se aproxima, a nova fé e a nova consciência, que são a nossa esperança e a nossa salvaguarda contra o materialismo abjecto deste século vinte, e que são o sangue vital da Igreja Cristã.

Aqui estava uma alma renascida em força; a certeza da cooperação futura chegara para este homem (como chegara a mim, há tanto tempo atrás), no momento de maior necessidade. . . exactamente como sempre o faz um auxílio espiritual deste tipo.

CAPÍTULO XVIII

“A MOÇA DE VESTIDO AZUL”

A morte não põe fim ao amor (estou convencida), nem à amizade, nem à afeição, nem ao dever — nem ao ódio! Se tivemos felicidade bastante para conhecer um grande amor, não podemos arruinar essa lembrança pensando que o desaparecimento do ente amado poderia gravar o *finis* numa admirável intimidade. Esperamos e confiamos — mesmo que não saibamos realmente — que aquele que passou para o outro estado de consciência continua a lembrar-se de nós com o mesmo sentimento profundo que nos dedicava quando estava ao nosso lado, em carne e osso.

Tenho tido o privilégio de ouvir falar de tais exemplos, tão encorajadores, desta continuidade do amor; e sinto que um exemplo, que, para mim própria sempre classifiquei como “A Moça de Vestido Azul,” poderia, se contado novamente, ajudar outras pessoas enlutadas.

A história teve início na primeira parte da última guerra. Conforme relatei anteriormente, neste livro, nessa época eu estava em Guildford e visitava com frequência uma velhinha que adorava receber 'mensagens' de parentes e amigos. A vovó Bent estava convencida da Sobrevivência e ansiava, com tranquila confiança, por se reunir aos muitos seres amados que tinha no mundo contíguo.

Uma tarde, quando estava a tomar chá com a vovó Bent, percebi que a mente de um jovem aviador, que tinha deixado este plano de existência, estava a tentar comunicar comigo. No começo houve dificuldades porque ele estava nervoso e perturbado, e dizia, sem cessar, que estava perdido. Contudo, disse que se chamava “John” e descreveu como sofrera um acidente durante um voo de treino. Pude entender que o seu corpo tinha sido jogado fora do avião, quando este fora apanhado por um cinturão de árvores. O corpo dele fora encontrado aos pés de uma árvore.

Mais tarde ele tornou a voltar e insistiu, repetidamente, em que desejava encontrar a sua jovem esposa; e deu o nome de Moya (conforme consigo lembrar). John estava numa grande aflição. Tinha deixado uma esposa jovem e muito amada, e uma filha ainda bebé. Poderia a vovó Bent anotar uma mensagem, para elas?

Quando a vovó prometeu que enviaria qualquer mensagem à mãe do rapaz, que ela conhecia por intermédio da sua filha, a telepatia entre esta mente desencarnada e a minha intensificou-se e tornou-se mais clara. Eu conheci a história, como se ela fosse a minha própria história.

O jovem marido estava muito aflito por causa da esposa. Queria, desesperadamente, entrar em contacto com ela, confortá-la na sua dor: dizer-lhe que não estava 'morto'; que a amava e que procuraria cuidar dela agora, como sempre o fizera quando na terra. Mas como poderia 'encontrá-la'? Para ele, agora ela estava afastada da sua presença, e o rapaz não conseguia entender que fora ele quem se afastara da esposa. Contudo, tão logo entrei em sintonia com a onda' dele, ele pôde revelar a sua história e eu pude transmiti-la. Imagens, palavras e pensamentos, pareceram precipitar-se na minha mente, e fazer sentido.

“O John quer provar que é, realmente, o marido de Moya,” disse à vovó Bent; e ela, com amor e bondade, ouviu uma história que, segundo os padrões usuais, teria sido considerada trivial e afectada.

“Ele quer que a senhora a leve a recordar o vestido azul que ela usou no casamento. Diz que ela estava tão linda com aquele vestido. Mas, espere um momento, há uma história que ele quer que eu conte à esposa, pois assim ela compreenderá que ela é, realmente, o marido dela. Ele diz: 'Ela vai lembrar a mancha no vestido azul! Moya fez o vestido especialmente para o casamento a que iríamos comparecer, e, quando ficou pronto, pus a chaleira no fogo, para fazer uma chávena de chá para ela. E, ao entrar na sala, esbarrei a chaleira suja contra o lindo vestido azul dela. E deixei nele uma mancha negra! Diga a ela,' e aqui o rapaz pareceu dirigir-nos uma súplica, 'que ainda me lembro do trabalho que tivemos tentando tirar a mancha do vestido, a fim de que ela pudesse usá-lo. Por favor, diga isto a ela! Moya reconhecerá o incidente. . . isso vai provar-lhe que eu ainda estou ao lado dela. . . mesmo que ela não consiga ver-me!’”

A vovó Bent sacudiu a cabeça, pesarosa. “Nada sei a respeito de um casamento,” disse ela, “nem a respeito de um vestido azul. Contudo, vou escrever à mãe do John e contar-lhe o que ele diz.”

O jovem, porém, ainda tão cheio de preocupação pela sua amada esposa, não queria deixar-nos. Repetiu a história de novo e de novo, retornando, todas as vezes, ao facto de que Moya estava destruída com a dor e que ele precisava entrar em contacto com ela! Foi só quando a vovó Bent prometeu, sinceramente, escrever um relato completo que o John nos deixou, tranquilizado e acalmado pelo facto de a Moya poder ser alcançada. Para mim, pareceu constituir uma verdadeira esperança para aquele espírito que deixara o corpo tão recentemente. E para nós, que lição que aquilo era! Se nos lamentamos e precisamos de ajuda, não estamos sozinhos! Do mesmo modo, no outro lado do véu, aqueles que desapareceram da nossa vista também precisam das nossas preces, dos nossos pensamentos, do nosso amor e da consolação das nossas crenças.

Alguns dias mais tarde, um bilhete, cheio de excitação, enviado pela vovó Bent, fez com que eu voltasse à casa dela.

“Escrevi à mãe do John,” anunciou a vovó Bent, “e tudo o que John disse foi acertado! Ele e Moya foram a um casamento e ela usou um vestido azul. Ela recorda-se disso tudo! Pobre criança, está a passar um mau pedaço — mas esta mensagem vai ajudá-la, eu sei. Pois esta mensagem prova que a morte não é o fim, não é? Sabendo que o seu ente querido está próximo, a Moya vai sentir-se reconfortada. . .”

E deixamos o caso nesse pé. Tive a impressão de que o John estava satisfeito.

A segunda parte desta história incomum quase parece dar prosseguimento à narrativa; em todo o caso, creio que posso desafiar qualquer pessoa que tenha lido a história inteira a duvidar da sua autenticidade. Creio igualmente que ela fornece um bom exemplo de um grande amor que persistiu através dessa mudança a que chamamos morte; da solicitude e do carinho, verdadeiramente desinteressado, que compõem o amor.

Logo após este incidente, parti para Londres e depois não retornei a Guildford com tanta frequência. Contudo, visitei a vovó Bent e passei com ela um fim-de-semana sempre que me foi possível, mas foi somente cinco anos mais tarde que realizei, com ela, uma 'sessão-chá,' conforme chamávamos a essas reuniões; essa sessão ocorreu justamente antes

da data marcada para a minha viagem de volta ao Canadá, com o meu marido. E provou ser muito importante para o nosso antigo 'contacto,' proveniente do mundo dos espíritos!

Pois, segundo parece, tão logo 'identifiquei' o John na minha "faixa de onda clariaudiente" ele começou a transmitir ideias e sugestões concernentes ao futuro da sua mulherzinha. Mas foram sugestões que me pareceram absurdas demais para ser repetidas! Como de costume, a vovó Bent estava ansiosa para receber qualquer comunicação provinda dos seus amigos que se encontravam no mundo espiritual — e eles eram muitos.

Conforme era igualmente hábito, tagarelamos sobre os nossos amigos e parentes que tinham 'feito a transição,' como a vovó costumava dizer, e sobre a esperança, que ela nutria, de 'fazer a travessia' em breve.

Todavia, igual ao que acontecera numa ocasião especial (em 1945) a minha atenção foi atraída, como fora alguns anos atrás, pelo tamborilar incessante do nome 'John.' Como se o nosso contacto tivesse sido interrompido apenas na véspera, John recomeçou a dirigir-me pensamentos.

Quando falei à vovó Bent sobre o nosso comunicador ela imediatamente ficou empertigada.

"O que é que ele diz?" perguntou.

"O John quer que a Moya se case," exclamei, atropeladamente, e depois calei-me.

Que declaração, aquela! Eu estava atônita diante do meu atrevimento. O John, porém, que evidentemente tinha sido persistente e determinado na sua personalidade terrena, não parecia ter perdido essas características.

Ouvi, estarecida, e repeti o que 'ouvi'. . .

"O John insiste em que esta mensagem seja enviada à Moya. Ele torna a falar no vestido azul, no amor que sente pela Moya e na sua

'morte' no avião que se chocou contra uma árvore. Diga à Moya,” aqui eu calei-me por um instante — e depois, como se as palavras fossem forçadas para fora de mim, prossegui, impetuosamente: “A Moya está para casar de novo! Diga-lhe que precisa casar-se. Não deve continuar a pensar em mim. Ela será feliz e eu também serei muito feliz. Conheço o homem com quem ela se casará; foi meu amigo e será um bom marido e um excelente pai para a garotinha: e, através dele, poderei ajudá-la exactamente como o teria feito na terra. O amor que sinto por ela, e o que ela sente por mim, jamais mudará. Diga a Moya que ela precisa construir uma vida nova, e então eu poderei passar para um outro trabalho. Diga à Moya que eu irei ao casamento. . .”

Lembro-me de que interrompi as minhas palavras, embaraçada por aquilo que me vi a dizer. Uma coisa era identificar um marido aflito, que desejava entrar em contacto com a esposa. Fazer declarações específicas, a respeito de pessoas que eu jamais conhecera, era coisa completamente diferente; era o mesmo que interferir na vida deles. Contudo, tive certeza de que esta era uma personalidade carinhosa e gentil e que o John queria ver a esposa de novo feliz. Ele prosseguiu, repetindo de novo tudo aquilo que já tinha dito, como se quisesse ter certeza de que a mensagem não seria esquecida pela vovó Bent.

E quando a vovó Bent pôde interromper, disse que não sabia nada a respeito de qualquer casamento ou proposta de casamento!

Que situação desagradável! Tão logo a 'transmissão' terminou, fiquei silenciosa e cheia de dúvidas. E se a minha mente subconsciente estivesse a pregar-me uma partida? Eu tinha, certamente, colocado uma responsabilidade sobre os meus próprios ombros! Supondo-se que a moça não tivesse pensado num futuro casamento? Sugeri à vovó Bent que esquecêssemos todas aquelas ideias, visto que eram demasiadamente fantásticas, e pouco depois, parti.

Contudo, não levei em conta as convicções da velha senhora!

Quando voltei para Londres, um telegrama do Roger estava à minha espera e consegui arranjar uma licença e apanhar um comboio para a Escócia, a fim de ir ao encontro dele; naturalmente, esqueci por completo a mensagem de Guildford e quaisquer resultados que ela pudesse trazer.

Não obstante, na véspera do dia em que deveria retornar ao trabalho, na “Censura,” recebi uma carta cuja assinatura era da Moya.

Moya escrevia a dizer que a mensagem do John lhe fora enviada pela vovó Bent. E que o que o John dissera era verdade. Ela esperava casar-se de novo — e com um amigo, a quem o John conhecera! Que estava comovida por aquele amor que tinha vindo da parte do John e jamais esqueceria o encorajamento e a ajuda dele. Estava certa de que o John continuava a viver, em “algum lugar” e de que ainda a amava.

“Muitas águas não conseguem esfriar o amor.”

Contudo, a continuação desta história é tão invulgar que parece haver pouca razão para duvidar de que ela foi igualmente inspirada por aqueles que estão no mundo espiritual.

Este livro foi escrito e aceite por um editor, e durante dois anos a sua publicação foi postergada. Então, o manuscrito foi lido pelo Rev. J. Pearce-Higgins e ele escreveu que gostaria que pudéssemos conseguir uma confirmação da ‘história do Vestido Azul.’ Como, porém, tudo aquilo tinha acontecido há vinte anos atrás, mais ou menos, e eu não conservara a carta da Moya, parecia haver pouca esperança de encontrar a “Moça de Vestido Azul.” Já fazia muito tempo que a vovó Bent morrera e eu não me lembrava do sobrenome de Moya.

Contudo, um dia antes da chegada da carta do senhor Pearce-Higgins, chegou-me uma outra carta — e quem a assinava era Moya. Aqui estava a “Moça de Vestido Azul,” em carne e osso!

Ela escutara-me numa palestra que fiz na Associação das Igrejas para Estudos Psíquicos e Espirituais, e tinha imaginado se haveria a possibilidade de eu ser a mesma pessoa que tinha recebido as mensagens enviadas pelo John.

“Ora, a senhora poderia levar a sua mente a voltar atrás, até 1940,” escreveu ela, “e verificar se estes factos se aplicam? A senhora costumava visitar e tomar chá com uma velhinha chamada vovó Bent, e certos rapazes da R.A.F. enviaram mensagens, por seu intermédio? De qualquer modo, se foi a senhora, posso dizer-lhe, com muita gratidão, que transformou a minha escuridão em luz. O John tinha morrido no

começo de Dezembro de 1940, num vôo noturno. . . Durante as três semanas seguintes, para mim tudo foi uma escuridão total. . . Mais tarde, em Janeiro, recebi uma carta de vovó Bent. . . O John tinha vindo, muito excitado, por seu intermédio. . . A mensagem inteira falava de um vestido azul que eu tinha feito para um casamento, quinze dias antes de ele falecer. Não havia nada vago sobre o facto; tudo muito evidente. Além do mais, duvido muito que a vovó pudesse ter ouvido qualquer coisa a respeito do casamento. O efeito que tudo isso teve sobre mim foi o de me levar a compreender que ele tinha sobrevivido e podia olhar para nós. Não estou a dizer que isso tenha minorado a dor que me avassalava, mas trouxe esperança, e os eventos, na Bíblia, pareceram cair nos seus lugares certos. O John tentou prever quando eu me iria casar com o Jack. . . errou por três semanas!. . . A senhora ficará a saber por que estou na Associação das Igrejas, para Estudos Psíquicos e Espirituais. . .”

E, para meu grande espanto, Moya escreveu que tinha muitas das cartas que recebera da vovó Bent guardadas no porão da casa onde moravam! Portanto, após vinte e dois anos, o John parecia ter manipulado o nosso encontro. . . e foi um encontro muito feliz, cheio de emoção! Moya, o marido e os filhos vieram visitar-me (inclusive a primeira menina, agora já crescida), assim como a mãe do John, e juntos repassamos os factos da história. Todavia, aquilo que, para mim, é a melhor evidência é o facto de que eu cometera dois ou três erros, na minha história, e as cartas da vovó Bent, que tinham sido conservadas, puderam corrigir esses erros antes que a história fosse para a impressão.

Com tantas histórias na minha memória, eu tinha misturado levemente esta com outra. E tinha pensado que a vovó Bent não conhecia o John, facto que, segundo eu concluía, era uma indicação, excelente, de que eu não tinha 'colhido' a informação por meio da mente dela.

Todavia, a vovó Bent conhecia o John; bem como a mãe do John!

O que eu não sabia (e podemos considerar isto como sendo uma boa evidência de que esta foi outra comunicação mental) é que a vovó não tivera notícia do casamento a que o jovem casal comparecera quinze dias antes de o John morrer. E também não sabia coisa alguma a respeito do vestido azul!

Cito esta passagem de uma carta escrita à mãe do John pela vovó Bent, no dia 17 de Fevereiro de 1941:

“ . . diz que lhe disse, a si, que o nosso querido Jack veio visitar-me. . . infelizmente, fomos interrompidos antes de que ele tivesse dominado o nervosismo que sentia por estar a comunicar pela primeira vez. Pelo que pude perceber, ele estava confuso e embaraçado. . . provavelmente não sabia que tinha feito a transição porque insistia em dizer que estava perdido. Ele falou da sua passagem, mas como eu não sei coisa alguma a respeito do que realmente acontecera, não pude comprovar a veracidade do que foi dito. Depois disso ele tornou a voltar e falou do seu casamento, porém, mais uma vez, não posso dizer se aquilo que ouvi era correto; talvez não tenha sido o casamento do querido Jack. Se foi Moya, quem então foi descrita como uma moça muito bonita, que usou um vestido azul, naturalmente, eu não nada sei a esse respeito. . . ”

E numa outra carta da vovó Bent, escrita em Junho de 1941, ela perguntava:

“Quando me escrever, você dirá qual a cor do vestido que usou para casar-se? A cerimónia foi celebrada numa igreja? . . Detesto fazer estas perguntas, mas esta é a única maneira de provar certas coisas que me foram ditas. . . ”

Assim, era evidente que a vovó nada sabia sobre o casamento no qual Moya usara o vestido azul; ela tinha ideia de que poderia ter sido o casamento da própria Moya!

Quando me encontrei com a “Moça de Vestido Azul,” em pessoa, todos estes aspectos foram alvo de interesse. Conversamos longa e seriamente e discutimos anotações, com o marido actual dela e com a sua primeira sogra (a mãe do John).

“A senhora provavelmente terá uma visão da história diferente da minha,” disse Moya. “A vovó Bent talvez tenha esquecido algo importante, que sabia.”

Eu, porém, não concordei com isso.

“A senhora sabe que nós ainda temos o 'vestido azul'?” perguntou Moya. “A mãe do John não quis separar-se dele.”

E então eu vi o vestido de lã azul, um azul agora desbotado, que trouxera tanto conforto, de um outro mundo da existência. Aquele vestido tinha sido a corroboração 'trivial' (que algumas pessoas costumam desprezar) de uma mensagem de consolação, e tinha significado tudo para uma família enlutada.

“E a mancha no vestido azul, que o John descreveu — essa também foi uma evidência maravilhosa,” assinalei. “Aquele esbarrão com a chaleira, que causou a mancha no vestido,” expliquei, subitamente surpreendida ante a espantada expressão de perplexidade que surgiu no rosto da Moya.

“Mancha?”* A Moya parecia confusa. “O vestido não tinha nenhuma mancha!”

Agora foi a minha vez de ficar espantada.

“Mas essa foi a parte mais importante de toda a evidência!” protestei. “O John não esbarrou no seu vestido com uma chaleira suja, e você não teve muita dificuldade para tirar a mancha?”

Moya meneou a cabeça.

“Não me lembro de uma mancha,” disse ela. “Estou certa de que me lembraria, se tivesse havido alguma coisa a esse respeito. . .”

* *Veja Apêndice “A.”*

Experimentei uma profunda sensação de decepção. Eis que a melhor parte da história estava arruinada. Havia, de facto, pouca coisa naquela história! Como poderia ter cometido tal engano? — a reprovar-me a mim própria. Poderia eu ter misturado duas histórias? Afinal de contas, o incidente não ocorrera há mais de vinte e dois anos? A nossa memória não é infalível. Forcei o pensamento de volta ao testemunho do John, tentando recordá-lo. O vestido azul tinha sido comprovado; o casamento também. Como eu poderia ter sido tão estúpida a ponto de introduzir um incidente extra?

“Você tem certeza de que não existiu nenhuma mancha?” insisti.

Moya tornou a abanar a cabeça na negativa.

“Não. Tudo o que recordo é que o John fez comentários jocosos a respeito do vestido e a respeito da minha figura esbelta. Afinal, o bebê tinha só sete semanas de idade e eu já estava magra de novo. . .”

Pedi desculpas. Precisava reescrever a história, certamente; ela não podia ser publicada com erros. Talvez — tentei justificar-me — eu tivesse feito confusão; e essa era a razão por que a publicação do livro tinha sido retardada.

“É uma coisa fácil de fazer,” disse a minha amiga, partilhando dos meus sentimentos.

Eu, porém, senti que a melhor parte da minha história tinha sido roubada.

Não obstante, reescrevi a história e, desta vez, acrescentei as citações retiradas das cartas que tinham sido conservadas. Elas ainda representavam uma boa evidência. Falei com a minha amiga, porque a vovó Bent não tivera conhecimento do casamento do Líder do Esquadrão nem tivera notícia do vestido azul. E quando o trabalho de dactilografia terminou e o manuscrito ficou pronto para ser enviado ao editor suspirei de alívio.

E então, veio o capítulo mais espantoso desta estranha história!

Moya telefonou dizendo que acabara de receber, da sua primeira sogra, uma carta que ela própria (Moya) escrevera à mãe do John, no dia 30 de Novembro de 1940, carta essa enviada de Shropshire. (Isso foi antes do acidente do John). Na missiva ela descrevia todos os preparativos para o casamento a que ela e o John tinham comparecido — e falava da mancha no vestido e de como ela tinha ido parar nele!

Esta carta, que agora, para mim, é a *piece-de-resistance*, tem o seguinte carimbo do correio: “Shrewsbury, Shropshire, 5,45, p.m., 30, Nov., 1940” e está endereçada à mãe de John, num subúrbio de Londres.

Eu cito. . .

“E eis aqui a historiazinha do meu vestido. Ele foi feito com a mesma fazenda que eu tinha guardado para o batizado do bebê, cor azul-saxe. Bem, eu tinha acabado de terminá-lo e o travesso do meu John vai e esbarra com ele com uma chaleira suja; e já estava pronto para ser passado a ferro. Como a senhora pode imaginar, ficamos contrariados. Fiquei contente por não ter sido eu quem fez aquilo. A mancha saiu parcialmente, com gasolina, mas ainda se nota. A senhora vê, as nossas chaleiras são grandes e pretas; nós colocamo-las no fogo. . .”

Enquanto punha a carta de volta no envelope, que levava o carimbo dos tempos de guerra, ouvi, novamente, as palavras deste jovem, ditas a mim, depois do seu acidente fatal.

“Ela há de recordar a mancha no vestido azul,” insistira ele. “Esbarrei com a chaleira tisonada no bonito vestido dela e deixei nele uma mancha negra. Diga-lhe que ainda me lembro do trabalhão que tivemos a tentar tirar a mancha negra do vestido. . .”

Com que então, eu não tinha cometido um engano! Esta carta, escrita uma semana antes do acidente com o avião, no começo de Dezembro, era prova suficiente. A voz do John contara-me o facto concernente à chaleira, um facto deveras recente, para ele. De que outra maneira eu poderia ter tido conhecimento disso, quando a própria moça esquecera completamente o incidente e até mesmo negara que tal coisa tivesse ocorrido? E convém lembrar que eu jamais a conhecera antes da conferência, em Oxford, e que aquele foi um encontro meramente casual.

Depois da mensagem telefónica, Moya a escreveu-me. Na minha opinião, esta última carta que ela me enviou, comprova toda a história, por fornecer informações que eu desconhecia.

Moya escreve:

“ . . . Nesta a senhora encontrará todos os pormenores concernentes ao casamento, à mancha no vestido e à maneira como ela foi parar lá. Ainda não me consigo lembrar dessa ocorrência, mas ela está escrita PRETO NO BRANCO e foi escrita pelo meu próprio

punho. . . Esta carta chegou aqui hoje, remetida pela vovó Bent — hoje, dia 8 de Maio, aniversário do John. Que pena que a vovó Bent jamais tenha passado por esta parte da mensagem e pela mancha, porque ela é mais convincente do que o 'vestido azul,' e na ocasião (da morte do John) teria sido um auxílio maravilhoso para nós. Mas compreendo que a (Lena) teria escutado algumas coisas que a vovó poderia ter esquecido de relatar. . .”

Que história estranha. Somente comprovada, na sua totalidade, após mais de vinte anos! O facto mais importante que a vovó Bent esqueceu, no seu relato sobre o 'retorno' do John, porém que relembrei na minha mente depois de todos aqueles anos, e já transcrito por mim num manuscrito que está pronto para publicação, tinha sido comprovado por uma carta carinhosamente conservada.

Naquela ocasião o jovem aviador lembrara-se da mancha! Podemos desprezar a maneira pela qual a sua importância foi agora enfatizada? Que 'inteligência' terá juntado as peças deste quebra-cabeças chinês? O John ainda 'vive' em algum lugar, fora da nossa visão física? Ele ainda nutre pensamentos de amor por aqueles a quem amou na terra? E além disso ele deseja dissolver este véu presente entre os dois mundos, que nos obscurece a visão física?

Mas, voltando ao passado e à penúltima vez em que vi a vovó Bent — a ocasião em que realizamos a 'sessão,' em 1945; a sessão em que o John tinha dado a sua bênção ao casamento próximo da Moya, a respeito do qual nem eu nem a vovó tínhamos conhecimento. Foi uma mensagem desinteressada e cheia de amor. Ela prova, creio eu, que a vida continua, na maravilhosa Maneira de Deus, e que o amor também continua, depois da nossa chamada morte.

Quando Moya me enviou as cartas originais, escritas pela vovó Bent, cartas essas que tinham ficado guardadas desde 1º de Fevereiro de 1945, compreendi imediatamente que a vovó não poderia ter tido conhecimento de um matrimónio que deveria realizar-se.

Cito:

“... A minha amiga (Lena) veio visitar-nos ontem. Creio que já se passaram dois ou três anos desde a última vez que a vi. Sentamos e ficamos a conversar. . . Ela disse:

“Desculpe, vovó, mas há um jovem aviador aqui. Já faz algum tempo que ele me está a ‘puxar o braço’ de modo a atrair a minha atenção. Diz chamar-se John; o avião dele despenhou-se e atingiu uma árvore; ele quer que a senhora anote uma mensagem. A senhora enviará essa mensagem à Moya? Ele repetiu tudo isso, duas ou três vezes. . . Ele disse. . . “Diga à Moya,’ e então ele interrompeu e disse: “Ela está para se casar de novo, e a senhora diga-lhe que ela deve fazê-lo. . . ela será feliz, e eu também ficarei muito feliz. O meu amigo será um bom marido, e através dele poderei guardar e guiar a minha filha, amá-la e amar Moya como eu mesmo o teria feito”. . .

Ele repetiu partes dessa mensagem, uma e outra vez, como se desejasse deixá-las gravadas na minha memória. . . Perguntou-me se eu me lembrava do vestido azul. . . Tenho a certeza de que ele se sentirá mais feliz quando souber que você está bem casada. . . O seu namorado foi amigo de Jack? Pelo que ele disse, parece que sim. . . Se você vai tornar a casar, espero que seja um casamento muito, muito feliz. . . Pela maneira como o John falou, você já estava casada, mas depois, quando ele repetiu a mensagem, disse que você ia casar — qual das duas coisas será a correta?

P.S. Acabo de lembrar a mensagem mais importante. Ele disse: 'Diga-lhe que eu irei ao casamento, não se esqueça.' Disse-me isso duas vezes. . .”

Através desta carta, torna-se bastante evidente que a vovó Bent nada sabia sobre a proposta de um segundo casamento. Mais tarde, porém (embora eu tivesse esquecido esta parte da história), o John tornou a voltar e previu a data do matrimónio. Errou por três semanas, mas como o noivo estava fora do país e não sabia quando poderia ter uma licença, a data não fugiu muito à marcada.

O amor continuará, após a morte?

Poderemos duvidar disso, quando experiências iguais a esta chegam até nós, espontaneamente, vindas do mundo futuro?

CAPÍTULO XIX

“AMOR, AMIZADE E ÓDIO”

A tristeza é como uma mortalha negra, impenetrável e separativa. Frequentemente, ela impede-nos de alcançar aquela comunhão espiritual que tanto desejamos, deixando-nos mais solitários do que por vezes conseguimos suportar; aparentemente isolados de tudo aquilo que nos foi tão valioso. Durante o passar dos anos, tenho visto, repetidas vezes, tais exemplos de pesar. Um exemplo, porém, que posso relatar, mostra como a emoção dividiu duas pessoas que se tinham amado realmente nesta vida, e que, juntas, tinham investigado as possibilidades psíquicas.

Eles eram marido e mulher, um casal que tinha vivido 'um para o outro' (conforme as palavras do marido) durante mais de trinta anos. Os dois tinham sentido interesse pela comunicação e tinham recebido mensagens dos amigos que estavam no mundo contíguo.

Confiavam na continuidade da vida. Estavam certos de que sempre seriam capazes de entrar em contacto, um com o outro, e de que tudo iria correr bem. De facto, alguns anos antes da morte da esposa, ambos haviam feito uma afirmação mútua de que acreditavam plenamente na sobrevivência; e que, se um fosse antes do outro, ele, ou ela, voltaria e cercaria de amor, de paz e de comunhão-de-alma, o cônjuge enlutado.

Mais tarde, esqueceram o pacto que tinham estabelecido. Então, de repente, inesperadamente, (como a Morte costuma golpear) o Mensageiro veio buscar a esposa muito amada; o marido ficou desolado. Não queria ser consolado. Perdera o seu ente querido; ela fora-se e tudo o que ele podia esperar era um rápido final para a sua própria existência, a fim de poder reunir-se com ela! Este homem estava doente, desorientado e inconformado.

Eu conheci-o quase um ano após da morte da esposa, e senti-me compelida a pedir-lhe que viesse visitar-me. E quando ele o fez, a esposa já estava 'comigo,' à espera juntamente com a irmã, cujo nome ela transmitiu durante a meia hora de atraso, inevitável, com que ele chegou à entrevista.

Quase todas as primeiras comunicações dela para ele tiveram o seguinte teor:

“Esqueceste o nosso pacto. Não te lembras que prometemos ficar juntos, um do outro, para sempre? Que conversamos, muitas vezes, a respeito desta eventualidade e que nos preparamos para ela?”

O marido ficou subjugado. “Sim, sim,” respondeu ele.

“Mas o choque foi tão grande! Eu não esperava que qualquer coisa como essa acontecesse.”

“A tua terrível dor e aflição fizeram com que eu ficasse afastada de ti,” disse ela, censurando-o com brandura e, segundo me parece, pesar. “Não tenho podido aproximar-me de ti, por via nenhuma.”

E então, ela enfatizou: “Estou mais perto de ti do que jamais estive enquanto vivia, pois agora eu conheço-te muito mais! E estou ao teu lado; basta que tu estendas a mão e eis-me aqui; basta que penses em mim e, imediatamente poderei sintonizar com os teus pensamentos. Prometi esperar até que venhas para nós, e depois prosseguiremos juntos, como sempre planeamos.”

Poderá a dor persistir depois de uma tal afirmação de amor? Não nos pedem para termos “um pouco da fé, e então poderemos ir vê-los?”

O amor não é alterado pela morte; a amizade também não.

Uma história, dolorosa e comovente, refere-se à morte de um jovem aviador, durante a guerra de 1939-45. Ele, pobre rapaz, não morreu num combate audacioso, nem coberto de honra e glória, porém, não conseguiu manobrar corretamente o avião de treino. O avião caiu e acabou com a vida dela. Eu jamais o conhecera, contudo, assisti ao funeral dele, que foi realizado na adorável igreja normanda de Santa Marta, sobre a colina além de Guildford. E durante o serviço fúnebre foi-me dada uma outra prova de que a morte do corpo não significa a morte do Ser que ocupou esse corpo; nem o fim do companheirismo; nem tampouco o apagar de uma mente inteligente.

Aconteceu da seguinte maneira. Uma noite estava eu a conversar com uma amiga, em Guildford, quando tive 'percepção' de uma cenazinha que mostrava um esquite que tinha, à cabeceira, uma cruz

grande e singela. Falei à minha amiga sobre isso e ela disse-me que acabava, justamente, de deixar tal cena. O esquife continha o corpo de um jovem, que treinara para ser aviador, filho de uma amiga sua. O rapaz tinha sido morto durante o treino. Devia ser enterrado no dia seguinte, em Santa Marta. A minha amiga perguntou se eu iria ao enterro em sua companhia, e eu concordei.

Foi uma cerimónia simples, o esquife coberto com a bandeira do Reino Unido e um número reduzido de assistentes. Propositadamente, a minha amiga e eu sentamos no fundo da pequenina igreja e eu pus-me a observar o caixão que estava no Santuário, imaginando se “veria’ ou perceberia qualquer emanção em torno dele. Recordando o que aconteceu, suponho que pude ser usada como ‘telefone’ por não estar dominada pela emoção, como as outras pessoas que pranteavam o rapaz.

Seja qual for a razão, a única coisa que sei é que, no decurso do serviço fúnebre, ‘ouvi’ uma voz no meu cérebro, tão claramente como iria ‘ouvir’ a voz na ocasião da morte do meu marido. Contudo, ninguém perto de mim tinha falado. Quando tornei a ‘ouvi-la,’ comecei a prestar atenção.

“Eu não estou ali,” insistia a voz. “Estou de pé, ao lado dele! Bem junto dele! Por favor, diga-lhe! Por favor, diga-lhe. . .”

Então pude ver que, entre as pessoas que pranteavam, havia um aviador, alto e jovem, ainda no curso de treino. O rapaz estava num compartimento separado, distante de nós cerca de quatro fileiras de bancos. Eu podia ver que ele estava comovido; mexia os ombros e, pela visão ligeiramente enviesada que eu tinha dele, reparei que engolia continuamente em seco e que pomo-de-adão dele subia e descia na garganta com a dor.

“Diga-lhe. . .” continuou a voz, e eu comecei a formular uma pergunta na minha mente, apenas para receber uma resposta no mesmo instante, vinda de uma ‘inteligência’ que se situava fora de mim.

“Ele é meu colega! Meu amigo. Fomos à escola juntos e entramos para o mesmo grupo de treino. Diga-lhe que não estou morto!” A urgência era bastante real. O que deveria eu fazer? Naquela época, eu

começava a reconhecer a “Voz interior” e ainda não me sentia segura de mim própria. Como poderia abordar um estranho e transmitir tal mensagem?

Decidi por à prova a verdade e a autoridade daquela voz.

“Olhe,” disse eu, interiormente, para quem quer que estivesse a tentar influenciar-me a mente, “se quer que eu faça isso — você precisa criar a oportunidade. Compreende?”

Isso pareceu não ter resposta e eu não insisti.

Durante o sepultamento, a minha amiga e eu ficamos recuadas, distantes do pequeno grupo de presentes. A mãe do rapaz morto olhou para a sepultura e depois o aviador avançou e fez a saudação militar ao companheiro. A cerimónia terminou. Os parentes encaminharam-se para o portão do cemitério.

De súbito, e sem qualquer razão aparente, o jovem aviador parou, hesitou e depois voltou-se completamente. Veio reto em direcção ao lugar onde eu estava parada.

Sem preâmbulos, falou comigo como se me conhecesse.

“Ele era meu colega,” disse, falando de forma apressada. “Sempre fomos amigos. Saímos juntos no sábado — e então — na segunda-feira subsequente sucedeu isto.”

Agora não tinha outra escolha, excepto fazer uso da oportunidade.

“Ele não está realmente morto,” lembro-me de ter murmurado. “Ele estava parado perto de si, na igreja. Quer que você saiba disso.”

Não posso recordar quais as outras coisas que disse. Tudo o que sei é que repeti aquelas palavras, conforme elas tinham ecoado na minha mente. Todavia, jamais esquecerei a expressão que passou, qual relâmpago, pelo rosto do rapaz. Foi uma expressão de alívio; a aceitação total de um facto.

“Eu sei!” assentiu o rapaz. “Senti a presença dele, lá.” Estendeu a mão. “Obrigado por confirmar isso, senhora.”

O rapaz foi embora, rumando para o cortejo que o aguardava, um aviador que, quando chegasse — se quisesse — a sua vez de morrer pelo seu país, se lembraria da preocupação que o amigo demonstrara por ele; e, conforme eu confiava, despertaria, revigorado, no seu novo mundo, onde a camaradagem seria renovada numa escala mais profunda e mais bela.

Se a amizade sobrevive naquele outro corpo, depois que o envoltório físico é abandonado, não será possível, pois, que outras emoções também persistam, nem que pelo menos durante algum tempo? Podemos ser 'mudados num piscar de olhos," mas não parecemos sofrer uma alteração imediata da personalidade que pensou, amou e foi feliz aqui, ou da personalidade que odiou, burlou e mentiu aqui, neste estado de existência. Parecemos levar connosco muito daquilo que “tornamos propriedade nossa” durante a nossa permanência neste mundo.

E neste ponto jaz uma semente para profundas cogitações. Porquanto, na nossa ignorância, cegamo-nos para com a Realidade e permitimos que as emoções, o preconceito e a autocomiseração, teçam correntes em torno de nós, para nosso próprio aprisionamento e, infelizmente, por vezes para o encarceramento de outros.

Certa vez, já faz muito tempo, foi-me trazido um exemplo de ódio arraigado durante anos, cujos resultados foram desastrosos. Este foi um caso de falta de perdão, que acorrentou uma alma durante dez anos ao negro horror do remorso.

Têm surgido exemplos de emoções negativas, que acorrentam entidades nos planos astrais inferiores, exemplos esses entretecidos na literatura mundial, a partir do Inferno de Dante. Podemos dar o nome de inferno a estes estados de existência, se assim o desejarmos. Podemos zombar deles, mas são bastante reais para aqueles que lá se encontram acorrentados.

Lembro-me de uma história que exemplifica um tal estado após a morte, causado pela persistência do ódio e do ressentimento entre duas pessoas. . . uma história deveras triste, de choques da personalidade e

de fixações emocionais que provocaram as habituais reações desditosas. Aconteceu durante a última guerra. Perguntaram-me se eu poderia ajudar uma mulher que perdera o filho num combate. Fora um daqueles incidentes que acontecem todos os dias, numa guerra; o rapaz fora dado como 'desaparecido'; a mãe ainda tinha esperança de que ele fosse encontrado vivo. Haveria qualquer coisa que a clariaudiência e a clarividência pudessem fazer para convencer a mãe, de uma coisa ou da outra? Segundo me contaram, ela se encontrava num estado que abeirava um colapso nervoso.

Concordei em fazer aquilo que me fosse possível. Uma amiga minha ficou de trazer a mulher à minha casa, numa determinada noite: e esqueci completamente aquele compromisso, até que chegou a tarde do dia marcado. Então de repente, enquanto estava a tomar o meu chá, eu 'soube' que a entrevista ia ser bastante penosa. O rapaz tinha morrido; eu estava certa disso e ia caber a mim a dolorosa tarefa de dar a notícia à mãe. Sentei-me e fiquei em silêncio durante algum tempo, a pedir que me dessem ajuda e que uma força de cura fosse derramada sobre a mulher enlutada.

Justamente antes da hora em que as minhas visitas deveriam chegar, senti a insistência de um nome na minha consciência. De súbito, ele foi proferido tão claramente como se o seu dono estivesse ao meu lado.

“Arthur,” disse a voz, “é Arthur.”

Lembro-me de ter pensado que o nome do rapaz devia ser 'Arthur,' e, sendo assim, procurei interromper o contacto, por assim dizer, até que a mulher para quem a sessão ia ser feita, chegasse. Mas o Arthur era persistente. Ele parecia estar num estado de grande excitação. O seu nome foi “proferido' uma e outra vez na minha mente, embora eu não avançasse nada no que concerne a saber qualquer coisa sobre quem estava ali.

Quando a minha amiga e a senhora chegaram, trouxeram flores. Lembro-me de ter dito casualmente, enquanto as acolhia: “Vocês estão um pouco atrasadas. 'Eles' já estão aqui, à espera,” e interceptei um olhar aterrorizado na desconhecida. De facto, ela estava tão nervosa que agora percebo (embora não tivesse tido qualquer ideia disso, na época)

que, à parte do que talvez pudesse saber a respeito do filho, a mente subconsciente dela já tinha posto em relevo o temor de outras comunicações.

A minha amiga explicou que a visitante era “novata em tudo isto” e perguntou se poderia ficar connosco durante a entrevista. Concordei e elas logo se acomodaram confortavelmente, nas poltronas.

Comecei, no mesmo instante. “O Arthur já aqui se encontra,” disse eu a ambas. “Já faz meia hora que ele está aqui. Estava ansioso por vir.”

Para surpresa minha, a mulher não apresentou qualquer reação. Prossegui, insistindo, certa de que não me enganara.

“O Arthur está aqui. Ele diz que, por fim, encontrou uma forma de entrar em contacto com a senhora. Ele deseja ansiosamente conversar com a senhora. . .”

A mulher disse, com firmeza: “Não sei do que a senhora está a falar. Eu só quero saber a respeito do meu filho. Fale-me do meu filho. Do meu filho. Ele está vivo. . . ou. . .”

Algo me obrigou a continuar.

“Não sei nada sobre o seu filho. Mas a senhora sabe quem é o Arthur!”

“Não.” Ela abanou a cabeça.

“Ele diz-me que isso não é verdade. A senhora conhece o Arthur. Ele é o seu marido.”

“Não tenho marido,” disse ela, asperamente.

Aqui estava uma situação difícil. Aguardei, mas sabia que podia confiar na 'voz' que continuava, na minha mente.

Repeti as palavras que 'ouvia.'

Elas tropeçaram uma na outra na sua patética impaciência que revelavam. Insistiram, repetindo e tornando a repetir, que esta entidade tinha sido marido dela, aquando na terra; que, depois, ele lhe fizera uma enorme maldade; que ele estava terrivelmente arrependido. . . Segundo parecia, ele tinha abandonado a esposa, e trocado por outra mulher, tirou-lhe o dinheiro e deixou-a criar os filhos dele, sozinha. Mais tarde ele morrerá. A senhora Jones repudiara-o de forma inflexível.

Não sei por quanto tempo isso prosseguiu, a torrente de palavras de súplica, a agonia desta pobre alma acorrentada. Tudo o que recordo é que foi terrível — o remorso, a angústia, a auto-acusação que foram derramadas por meu intermédio; aqui estava uma alma torturada, a implorar compaixão.

Depois do que me pareceu um século de súplica, houve alguma reação.

“Não quero ouvir nada acerca do Arthur,” bradou a mulher.

“Mas ele quer falar com a senhora,” ouvi-me insistir. “Ele sabe que errou. Ele sabe que falhou com a senhora. Mas, com o seu ódio, a senhora o manteve no inferno durante anos. Ele diz que a senhora o acorrentou à sua pessoa, com os laços do ódio. A alma dele está enferma. Ele implora perdão. Suplica que a senhora o liberte. Não quer fazer isso?”

A mulher não falou nem se mexeu.

O “Arthur,” porém, não queria deixar-me nem queria deixá-la.

Aqui estava a oportunidade dele. Aqui estava a luz, na negra miséria do seu remorso. Ele rogou. Ele suplicou. Ele implorou. A sua voz, 'dentro' de mim, continuou e prosseguiu. Repeti as palavras provenientes dele. O anoitecer chegou e as sombras escureceram a sala, mas esta alma ainda implorava a libertação.

A mulher permanecia inflexível. As injustiças que sofrera falavam alto demais, mesmo após todos aqueles anos. Ninguém podia negar que ela tinha o direito de se sentir ressentida. Se esta é a sua maneira de se vingar, pensei para comigo, certamente ela está a vingar-se agora.

Olhando-a rapidamente, na luz indistinta do anoitecer, imaginei ver um nevoeiro vermelho a pairar sobre a cabeça dela. Um lado do rosto parecia estar na sombra; o cabelo dela dava a impressão de estar riscado por listas de fogo.

Mas ela não se mexeu e não disse palavra. Não deu qualquer demonstração de me estar a ouvir. Finalmente, senti-me absolutamente exausta e incapaz de prosseguir. Tais emoções tenebrosas e tal amargura jamais me tinham sido exibidas dessa maneira, antes; e estavam tirar-me do equilíbrio, enquanto intermediária. Decidi desistir.

No meu cérebro, a 'voz' continuou, sem parar. Agora, porém, deixei de repetir o que ouvia. Também fiquei em silêncio. A minha amiga mantinha-se calada; eu sabia que ela estava a rezar. Eu, porém, sentia-me impossibilitada até mesmo de rezar. Senti a desolação deste espírito torturado. 'A desumanidade do homem para com o homem, veio-me à mente; e 'Perdoa os nossos pecados, assim como nós perdoamos àqueles que pecam contra nós.'

Logo depois, senti uma diferença na sala. A quietude pareceu envolver-nos. O silêncio tornou-se mais forte e mais profundo. Uma luz pareceu varar até nós e tive a impressão de que algum Ser espiritual estava a derramar compaixão sobre nós e que estávamos cercadas por um Amor curativo.

Após um momento, a visitante irrompeu em lágrimas. "É horrível!" disse ela, a chorar. "Horrível."

Durante algum tempo, somente o som do pranto dela encheu a sala. Ninguém falou nem se mexeu. Não nos atrevíamos a interromper o fluxo desta mágoa curativa. As emoções estavam a ser liberadas da represa da ira, que as contivera por tantos anos.

Por fim, ela sussurrou: "Eu perdoo-o." Isso foi suficiente.

Um instante mais tarde, ouvi um apelido estranho e pouco comum, proferido na minha mente. Depois de emoções tão torturantes, não apreciei ter que repetir aquilo que parecia uma perfeita incoerência.

Contudo, quando o fiz, a mulher reconheceu o apelido. Olhou para mim, com tristeza.

“Foi o meu filho,” murmurou. “Ele sempre me tratava por esse apelido tolo. . .”

Então, seguiram-se comunicações de amor e de confiança, provindas do rapaz que tinha dado a vida pelo seu país. Ele conseguiu provar a identidade à sua mãe, para comovente satisfação dela. Não restaram dúvidas de que este era o filho dela e, embora ela tivesse perdido toda a esperança de o ver retornar a si, corporalmente, aceitou o sacrifício dele na guerra e aceitou aquele retorno de um outro plano de vida.

Contudo, o valor desta história, para mim, consiste em que o filho ficou impedido de comunicar com a mãe até que as chamas do ódio, que ela alimentava contra o pai, fossem apagadas. Quando olho para trás e analiso este estranho acontecimento, parece claro que a morte do rapaz ajudou a reconciliar os pais. Foi somente procurando o filho, no mundo além, que o pai pôde estabelecer contacto com uma mente que lhe tinha estado durante tanto tempo vedada. E foi só então que ele pôde receber o perdão e ela pôde dar-lhe esse perdão.

Parece-me, também, que o rapaz estaria habilitado para orientar o espírito do pai, e levá-lo a sair do negro desespero daquele inferno em que ele estava confinado pelo seu próprio remorso e pelo ódio da esposa.

CAPÍTULO XX

“LUGARES DE ESPERA”

Algumas pessoas têm-se interrogado do que acontece com os suicidas e com aqueles que levaram vidas deliberadamente pecaminosas, enquanto na terra; com os homens que morreram na prisão enquanto estavam a cumprir pena de detenção por crimes brutais e com aquelas pobres criaturas que pagaram os seus pecados com a pena de morte.

“Existirá um inferno?” perguntaram-me, inquiridores. “Ou um local de punição, onde as almas como essas ficam confinadas durante algum tempo? Ou elas não sobrevivem, em absoluto? Ou, talvez, elas assombrem os cenários dos seus crimes? O que acontece a esses pobres infelizes? A senhora jamais teve algum contacto com tais entidades?”

Para as perguntas deste tipo, devo dar respostas ponderadas. Certamente, hoje em dia a maioria de nós não acredita na ideia ortodoxa de um inferno, enquanto tal. Mas há um inferno de remorso, que pode manter-nos acorrentados, impossibilitados de progredir espiritualmente, para a frente e para cima; vimos isto através do último capítulo.

Devem existir muitos estados de consciência, no mundo além, desde a obscuridade das tristes regiões inferiores até os mais elevados mundos de beleza, habitados por almas avançadas; e, por meio da Lei, nós graduamo-nos, naturalmente, para o lugar que fizemos por merecer.

Também parece plausível dar crédito à ideia de que aquelas almas que ficaram escravizadas, desse modo, aos desejos terrenos, às paixões e à cobiça, permaneceriam perto daquilo que tinha significado tudo para elas; de facto, elas 'assombrariam' os lugares onde antigamente tinham morado. A esse respeito, muito foi escrito e muitas experiências foram feitas; casas, castelos e mosteiros assombrados, que devem ser creditados, inteiramente à imaginação. A impressão seria a de que tais almas atormentadas ainda vivem na ilusão e, assim sendo, permanecem, frequentemente infelizes, entre as cenas familiares, contra a sua vontade ou por não serem capazes de encontrar um Caminho iluminado, por onde sair das trevas em que se encontram. Não podemos deixar de

sentir compaixão por estas pobres criaturas, condenadas a permanecer até que 'vejam' a ilusão, por si próprias.

Todavia, muito pode ser feito por elas, por meio de preces. Algumas delas são enviadas para a frente, libertadas pelos exorcismos e pelas preces de homens e mulheres de mente espiritualizada, que estão na terra. Outras, são porventura despertadas por almas que as amaram e muitas devem ser auxiliadas pelas almas mais evoluídas, que se ofereceram, voluntariamente, para esse serviço no estado de existência contíguo ao nosso.

Creio, firmemente, que as preces pelos mortos são úteis e, com frequência, potentes nos seus resultados. A oração é a maior força para o bem, e pode ajudar a guiar essas 'almas' perdidas," num novo caminho; e o trabalho de servir, não importa quão inferior seja o seu tipo, é, frequentemente usado pelas almas avançadas em prol da reabilitação, por assim dizer, daqueles que estão a tentar corrigir os seus erros passados.

Embora eu não tenha tido um grande número de contactos desse tipo, desse modo, aqui estão duas histórias que ilustram, creio eu, ambos os aspectos — aquele da eficácia das preces enviadas por pessoas que estão na terra e aquele que mostra os resultados do trabalho de servir, realizado em prol desses desafortunados, sob a orientação de uma alma evoluída e espiritualmente avançada.

A primeira história é sobre um suicida.

Ela refere-se a um rapaz que tinha tirado a própria vida em circunstâncias trágicas. Isto acontecera alguns anos antes do incidente que relatarei; um incidente que é muito mais emocionante porque aconteceu no meio de uma festa animada, um chá, quando ninguém pensava em questões tais como a do destino ou da morte.

Eu tinha sido convidada para este chá, realizado para homenagear uma visita de Londres, e cerca de sete mulheres estavam presentes. Tivemos a conversa de costume, sobre amigos ausentes e sobre acontecimentos da actualidade, pelos quais todas nós nos interessávamos, assim como as habituais fofocas com as quais as mulheres geralmente se deliciam quando se reúnem.

Não tinha surgido qualquer conversa sobre coisas psíquicas" ou sobrenaturais. De fato, nos meus assuntos quotidianos, procuro evitar, tanto quanto possível, referências a tais assuntos.

Todavia, conforme declarei logo no começo deste livro (antes de contar como a Sarah-Ann tinha comunicado, com tal força a ponto de mudar toda a minha vida), agora estou tão acostumada às visitas de um outro mundo e posso aceitá-las com tanta naturalidade quanto aceito o funcionário que recolhe os bilhetes num caminho-de-ferro ou a balconista de uma loja do West End. Os dois mundos já não são dois mundos para mim, porém um só e a mesma coisa, sendo o outro uma extensão deste. Assim, bem no meio de uma festa animada, não fiquei demasiadamente surpreendida quando tive 'percepção' de uma outra visita. Enquanto todas nós ríamos e conversávamos, senti, no nosso meio, a presença de uma alma infeliz e deprimida. Durante um certo tempo, arredei de mim aquela impressão. Mas ela persistiu. Aqui estava uma "alma perdida," a pedir socorro.

Então, 'sem mais nem menos,' ouvi-me a perguntar a uma das senhoras presentes se ela conhecia um jovem que tinha cometido suicídio. Ela admitiu que conhecia; o rapaz era parente do marido. Não consigo recordar, exactamente, o número de anos, que ela mencionou, transcorridos desde o triste acontecimento da morte, auto-imposta, do homem. Recordo, porém, que a entidade imediatamente a contradisse, com respeito a esse espaço de tempo. (Mais tarde, a jovem senhora contou-me que o marido dela confirmara que a segunda versão do número de anos estava correto!).

Esse rapaz então relatou as circunstâncias da sua morte e os acontecimentos que o tinham conduzido a ela. Prosseguiu, dizendo que ficara "amarrado à terra" durante aqueles anos; que não tinha podido afastar-se do seu antigo lar; que a vida, onde ele se encontrava, era sombria e lúgubre e que queria encontrar o seu Caminho. Poderiam ajudá-lo?

A moça confirmou o facto de que a casa, onde o pai e a mãe do rapaz, já idosos, viviam, era um lugar tristonho, e concordou em que, até onde ia o seu conhecimento, todas as circunstâncias da morte dele tinham sido corretamente descritas.

De novo, ele implorou que o ajudassem a encontrar o seu Caminho; e todas as senhoras ali reunidas, na festa, ofereceram-se para fazer o que pudessem a fim de o auxiliar. O episódio foi pois encerrado; ele tinha lançado uma ligeira tristeza sobre todas nós; logo porém, as vibrações tornaram-se mais leves e passamos para outros assuntos.

Na manhã seguinte, enquanto eu estava a tomar meu pequeno almoço, tive 'percepção' dessa mesma entidade. Ele disse que queria expressar os seus profundos agradecimentos por aquilo que tinha sido feito em seu benefício. Já não estava 'perdido.' Disse que tinha encontrado o seu Caminho; que tinha sido elevado, para sempre, da sua escuridão, e que agora poderia progredir. Tinha deixado o seu antigo lar terreno, para não mais voltar. Eu contaria às bondosas senhoras, que o tinham 'ajudado' a conseguir isso?

Depois que concordei em transmitir a sua mensagem, as comunicações foram encerradas.

Mas, a explicação é emocionante!

Naquele entardecer, depois que eu me retirara, três das mulheres, e uma outra vizinha, tinham conversado a respeito da situação desse pobre espírito. Elas eram pessoas bondosas, que acreditavam na potência da prece. Ficaram em silêncio durante algum tempo, orando por este espírito 'acorrentado à terra.' Pediram que Deus enviasse anjos para guiar e auxiliar esta alma presa, por assim dizer, entre o céu e a terra. Enunciaram o nome dele e oraram, fervorosamente, em sua intenção. Como eu não estivera presente, não tinha tido conhecimento das intenções delas.

Apesar disso, o rapaz tinha podido comunicar comigo e contar-me sobre os maravilhosos resultados daquelas preces; e dizer-me que, por intercessão delas, tinha sido libertado da sua sujeição!

Algumas semanas mais tarde, uma parente do rapaz lembrou-me um facto que me passara despercebido. Ela recordou que eu tinha afirmado, claramente, que se o rapaz fosse libertado do cativeiro que o prendia ao antigo lar — e, desse modo, já não ficasse a vaguear por lá, miserável e infeliz — isso significaria a libertação dos pais, idosos e

tristes. Eles também não sobreviveriam muito tempo nessa “casa de escravidão,” mas passariam para uma vida mais plena. Eu tinha esquecido completamente essa profecia.

Mas ela realizou-se, e exactamente dessa maneira. O velho pai morreu “logo depois daquele entardecer em que as mulheres tinham rezado pela libertação deste pobre suicida, e ele se foi, rumando por um novo caminho. A mãe idosa, provavelmente seguirá breve. Só podemos esperar que eles encontrem paz e compreensão e que se reúnam, em amor e caridade, com o filho que lhes causou tanto pesar.

A doutrina do Purgatório parecerá plausível se meditarmos cuidadosamente nela. Deve haver um 'lugar de espera,' uma paragem temporária, no decurso da nossa viagem, onde possamos julgar a nós próprios pelas ações boas ou más que praticamos durante a nossa permanência nesta terra. Nenhum de nós deixa este mundo absolutamente purificado dos nossos desejos, do nosso egoísmo, dos nossos erros. Alguns parecem ter a vida ceifada bem a meio das suas práticas perversas e, para eles, a paragem de purificação deve ser terrível. Contudo, a duração da nossa permanência nela, e a intensidade dela, devem depender da vida que vivemos e do progresso espiritual que tivermos conseguido. Para muitos homens e mulheres bons, os “mundos inferiores” devem ficar fora de vista enquanto eles passam ao longo do seu caminho. Essas pessoas vão para os 'lugares preparados para elas' e os seus olhos espirituais olham para a frente, para as regiões iluminadas.

Todavia, se acreditarmos que Deus é Amor, então devemos acreditar igualmente que até mesmo as criaturas aparentemente mais depravadas têm oportunidade de se redimir e progredir rumo aos mundos espirituais.

E eis aqui uma história que ilustra o papel que o trabalho, em benefício dos outros, desempenha nessa transformação. Ela refere-se a três ex-prisioneiros que, tendo-lhes sido dada a oportunidade de servir os seus semelhantes, a fim de corrigir os erros que tinham praticado, ajudaram num trabalho que estava a ser feito, na terra, concernente à vida e à educação dos homens que estavam nas prisões.

Um dos ex-presidiários era um homem culto, que tinha transgredido a lei da terra; os outros dois eram do tipo de homem habitualmente

encontrado nas prisões. Todavia, os três trabalharam juntos, na mais estreita união, até que o trabalho de pesquisa foi completado e o livro, resultante, foi escrito e publicado. Somente então, quando tudo ficou pronto, o ex-presidiário culto comunicou de novo e pela última vez, para explicar que agora estava separado dos seus companheiros de antigamente e trilhava um Caminho diferente.

Mas, vamos à história.

Uma amiga minha*, que fazia visitas às prisões, estava a conversar comigo, no meu apartamento. Nós as duas interessámo-nos pela percepção extra-sensorial e comparamos, frequentemente, anotações sobre livros escritos a respeito desse assunto: desse modo, a minha surpresa não foi muito grande quando 'ouvi' um nome, proferido na minha mente, enquanto conversávamos.

Foi um nome tão estranho — e um que eu não poderia ter tido a possibilidade de ouvir em parte alguma — a que prestei atenção. Durante algum tempo, porém, não consegui receber qualquer impressão da entidade que se ocultava por trás dele.

Pouco depois, como a repetição do nome, na minha mente, parecia ter-se tornado ainda mais premente, senti que precisava transmiti-lo.

“Você conheceu alguém que se chamasse Jennison?” perguntei. (O nome verdadeiro, muito incomum, foi alterado.)

A minha visitante pareceu surpreendida.

“Ora, sim,” admitiu ela. “Havia um homem com esse nome, numa prisão; ele morreu de um ataque.”

Então, o comunicador contou-nos que ele e a minha amiga certa vez tinham conversado por breves instantes. Agora ele queria dizer-lhe que o que ela dissera naquela ocasião era verdade. A minha amiga recordou com toda a clareza o comentário que fizera. Parece que, naquele encontro, o presidiário fizera qualquer comentário a respeito da sobrevivência após a morte. A minha amiga lembrou-se que tinha então afirmado a sua crença de que “cinco minutos após a morte,

provavelmente a gente será a mesma pessoa que era cinco minutos antes.”

** (NT: Com toda a probabilidade essa amiga que neste texto é tratada por ‘visita’ é a ex freira Frances Banks, que mais tarde, após o próprio falecimento, veio a ter papel preponderante na comunicação entre os dois mundos com a autora, porquanto essa frase era característica dela, além do facto de ela ter servido em prisões da África do Sul, e ter publicado um livro da sua autoria, intitulado **Teach Them do Live**, conforme poderá constatar quem ler o Testemunho de Luz.)*

Essa foi, porventura, a última comunicação que a minha amiga teve com ele, na terra. E agora ele tinha retornado para lhe dizer que isso era verdade!

Ele prosseguiu, dizendo-nos que 'ainda estava a andar às apalpadelas, no meio do nevoeiro.' A minha amiga admitiu que tinha rezado frequentemente por esta alma perdida, e agora parecia que ele estava a ter uma oportunidade de fazer o bem. Disse que queria estabelecer contacto e ajudar no livro que estava a ser escrito. Esta foi a sua forma de prestar serviço.

Ele 'tornou a voltar' em diferentes períodos, quando estávamos juntas, e fiquei a saber que também comunicou com a minha amiga, através de uma outra 'sensitiva.' Mais tarde ele pareceu ter mais paz e estar mais seguro de si. Então, informou-nos de que tinha encontrado o seu caminho."

Algum tempo depois, outro presidiário conversou com essa minha amiga, por intermédio do meu 'telefone,' e deu-lhe provas, inconfundíveis, da sua identidade e levou-a a recordar o facto de ele ter cometido suicídio depois de ter saído da prisão. Disse que ele e o outro comunicador se tinham reunido para ajudá-la no livro sobre educação nas prisões, que ela estava a escrever. Ambos prometeram dar-lhe toda a ajuda que pudessem, nas diversas jornadas que ela fazia, em busca de material. Disseram, igualmente que estavam a trabalhar sob a 'orientação' de um homem bastante famoso, que tinha sido um reformador de prisões.

Tudo isto foi muito interessante. Todavia, o incidente que causou maior espanto aconteceu quando o terceiro presidiário se juntou ao pequeno grupo. Absolutamente por acaso, eu tinha encontrado a minha amiga, em Charing Cross, e ela convidou-me para tomar chá no Lyons' Corner House, no Strand. A casa estava cheia, mas conseguimos arranjar uma mesa para duas pessoas, comprimida entre outras mesas.

Ali, no meio do barulho das louças e talheres, do zunzum das conversas, da passagem, para cá e para lá, dos fregueses e dos garçons que carregavam bandejas, e no meio do ruído da orquestra, que tocava músicas populares, o terceiro 'velho presidiário pôde fazer com que eu 'ouvisse,' com toda a clareza, tudo o que ele tinha a dizer. O presidiário forneceu até mesmo o seu apelido (diremos que seja Dopey' (Dopado), pelo qual era conhecido pelos seus companheiros de prisão. Dopey também forneceu o sobrenome e as circunstâncias da sua morte, pormenores que, à ocasião, eram desconhecidos da minha amiga, mas que posteriormente foram confirmados através de outros canais.

Ele declarou que tinha recebido permissão para juntar-se aos outros dois, com a finalidade de dar toda a ajuda que pudesse a este livro que, insistiam eles, seria publicado com facilidade. A minha amiga também seria auxiliada nos assuntos pessoais, enquanto estivesse a escrevê-lo (isto provou ser um facto).

Todavia, eles todos mostraram-se por veementes demais nas suas objeções ao título que a autora decidira dar ao livro.

“Não vai resultar,” disseram para ela. “É muito comprido. É insípido! Você precisa de algo mais curto; algo que revele o assunto que o livro aborda; e que conte igualmente uma história. Vamos procurar transmiti-lo a si. Aguarde tão só, que nós lho diremos.”

Tudo isto, devo insistir, sem que eu tivesse conhecimento de qual seria o título proposto.

Deixei a minha amiga, para satisfazer um outro compromisso.

- Mais tarde, porém, ela contou-me que, a caminho de casa, no autocarro, o título do livro lhe fora revelado, de forma 'súbita e brilhante' conforme eles tinham prometido! Tinha o número certo de palavras; e é realmente conciso, expressivo e atraente. Numa sessão posterior, a alma

evoluída, que parecia estar encarregada dos três presidiários e que era um espírito dedicado, desinteressado e perspicaz, insistiu em dizer que já tinha sido encontrado um editor para a obra. Tudo isto provou ser verdade, e o livro foi alvo de críticas excelentes.

A parte mais notável desta história, penso eu, é o facto de que os presidiários se afastaram quando o trabalho chegou ao fim. Voltaram uma vez, para dizer quanto todos tinham sido ajudados no seu progresso, pela maneira como tinham recebido permissão para ajudar.

Os três presidiários encontram-se agora separados; seguiram os seus caminhos. O primeiro que comunicou connosco, parece ter sido convocado para um trabalho superior; um dos outros declarou que estava a assistir a aulas de filosofia. (Aqui a minha amiga disse-me que ele tinha sentido atração por aquele assunto, e ficou comovida com a ideia de uma posterior educação 'celestial'.)

Só podemos esperar que eles tenham recebido uma recompensa pelo seu trabalho; e que todos tenham passado para níveis mais elevados; e que na vida, que vivem agora, tenham encontrado paz e compreensão.

“Na Casa do meu Pai há muitas mansões,” diz o Grande Mestre.

Mansões para os desafortunados, para os fracassados, para os perversos, para os vagabundos, assim como também para os santos, para os trabalhadores desinteressados e para as pessoas comuns, que vivem uma vida normal.

Estas 'habitações' talvez somente estejam separadas por estados de consciência.

CAPÍTULO XXI

“INTERPRETAÇÃO”

Pelo facto de ter podido fazer citações, retiradas de várias experiências que poderiam ser designadas como 'extra,' ou se o leitor preferir, 'além' das nossas percepções comuns, isso não significa, de modo algum, que eu conheça todas as respostas neste campo. Na verdade, sou melancolicamente deficiente na compreensão do mecanismo destas faculdades, e o que é mais lamentável — devo admitir, se vou ser sincera — que as minhas interpretações, dessas experiências, por vezes se mostraram inteiramente erradas.

Nos anos decorridos desde a descoberta do dom de escuta de uma Voz dentro de mim — que não é a minha voz e nem é uma conversação imaginária comigo própria — mas que é uma inteligência exterior, que me transmite, no papel que desempenho de aparelho receptor (além do mais, a transmitir informações desconhecidas), acabei percebendo a debilidade existente em todo a questão da 'comunicação,' debilidade essa que precisa ser encarada. E a grande dificuldade reside na interpretação.

Isto porque eu descobri que a 'experiência' e a 'interpretação' são desempenhadas por duas partes distintas, de mim própria. A parte, de mim, que escuta, que experimenta e que é capaz de realizar aquela 'transferência da consciência,' de modo que eu dou por mim, por assim dizer, a descrever factos desde o interior, acha-se completamente separada daquela parte, de mim, que, posteriormente, procura analisar, interpretar ou estabelecer aquilo que experimentei!

Quando a minha mente racional entra em cena, a fim de interpretar, surge, então, a limitação. Pareço estar a caminhar, desajeitadamente, num meio estranho e difícil. Uma janela fecha-se dentro de mim e descubro que estou, por assim dizer, a descrever desde o exterior. Posso comparar isto ao acto de tomar parte numa actividade como contrário ao acto de observar essa mesma actividade. Ninguém poderia negar que aí exista um mundo de diferença. Quando estou a transmitir aquilo que ouço de “outras fontes, sou parte disso, vivencio a mensagem, compreendo o carácter da entidade que está a transmitir-me, sinto a Sua intensidade; contudo, quando essa participação termina, e tento recordar e pensar no significado da mensagem, descubro que estou cheia de

dúvidas. Muitas vezes, não consigo, absolutamente, estabelecer uma relação entre promessas e profecias e o mundo das relações humanas; e jamais consigo, por meio do raciocínio, lançar qualquer luz sobre o assunto da comunicação. Na verdade, lamento dizer que essas tentativas de conseguir uma interpretação, neste gélido clima clínico, frequentemente não acertam, por muito, no alvo. Eu aventurar-me-ia a dizer que aí é que se oculta a dificuldade do estudo científico destas faculdades da mente.

Em pelo menos três casos, fiquei tomada de surpresa diante da solução de várias mensagens, pois os resultados, embora tenham concordado com as mensagens, manifestaram-se em níveis diferentes.

Não obstante, as promessas foram manifestadas, e inteiramente de acordo! E provaram estar certas. Apenas a minha interpretação é que foi imperfeita!

Foi esta dificuldade de interpretação, creio eu, que, em muitos casos, tornou alvo de críticas, e até mesmo do ridículo, os fenómenos da clarividência, da clariaudiência, da precognição, e toda a escala destas misteriosas manifestações, e fez com que, no passado, os pensadores (excepto alguns poucos pioneiros) desprezassem estes processos, considerando-os como imaginações alucinatórias.

Hoje em dia, porém, as mentes científicas estão intrigadas com o equipamento sensorial do ser humano comum. A telepatia, entre humano e humano, está a firmar-se como um facto; as percepções extra-sensoriais são uma possibilidade reconhecida e agora os estudiosos estão a admitir, cautelosamente, o alcance e o infinito poder escrutador da mente.

Nós estamos na iminência de descobrir outros mundos, em mais sentidos do que um só. Nos domínios do 'sobrenatural,' o nosso raio de visão está a alcançar uma distância maior. Pessoas que antes teriam zombado e escarnecido da própria ideia de outros mundos, que não o mundo material, agora admitem, porventura de forma vaga, a possibilidade de vida, de uma forma ou de outra, nos planetas que se situam a milhas de distância de nós. E nestes dias modernos, quando as conversas se voltam para as experiências interiores, as pessoas admitem, mais livremente, que certa vez 'viram,' 'ouviram' ou 'tiveram

percepção' de Presenças que não puderam ver e nem tocar por meios sensoriais.

Basta apenas você dar início a uma conversação desse género e os voluntários surgirão de todos os lados, ao nosso redor, para relatar as 'experiências' que tiveram, para contar sobre reconhecimento de pessoas no leito de morte, ou falar de um 'auxílio' que receberam, da maneira mais extraordinária. Quão diferente, até mesmo da situação de alguns poucos anos atrás, quando este assunto era arredado com desconfiança ou ridicularizado como produto da fantasia! Nós estamos a começar a ficar curiosos com respeito aos mundos que nos rodeiam e que não podemos ver nem tocamos com os nossos limitados sentidos físicos; os mundos, não somente daqueles que são ditos 'dos mortos', mas também os mundos do Espírito, os mundos angélicos, os Reinos dos grandes Seres, que colocam em actividade a Vontade do Supremo Criador.

Num futuro previsível, os nossos sensitivos estarão mais espalhados por todos os lugares; esta faculdade já não acarretará o risco de ser considerada esquisita, se nós a possuirmos; e os sensitivos serão treinados nos mundos Espirituais, assim como, também, nos estados psíquicos, a fim de reconhecerem a intuição e a inspiração provenientes de Seres Superiores.

Contudo, o que é de considerável importância, os sensitivos precisam ser educados e treinados não somente para experimentar, mas também para interpretar. Em linguagem bíblica, o Profeta também deve tornar-se o Sacerdote e aprender a interpretar com verdadeira sabedoria espiritual.

Mas vamos às minhas histórias.

A primeira diz respeito ao filho de uma velha amiga minha. Esse jovem era um aluno brilhante, um esplêndido organizador e um funcionário graduado na área de trabalho, altamente selectivo, no qual ele se ocupava. De facto, ele prometia ter um futuro mais bem-sucedido, quando deixasse a universidade.

Como outros da sua geração, ele viu-se envolvido na Segunda Guerra Mundial, foi capturado em Dunquerque e foi obrigado a passar os anos restantes, da guerra, num dos campos Satalg, na Alemanha. Aí ele estudou avidamente, assim como também usou a inteligência e a sua

engenhosidade em várias tentativas de fuga, conseguindo ficar em liberdade durante breves períodos mas tendo sido sempre apanhado e trazido de volta para o campo de concentração e para as punições.

Contudo, sobreviveu e, depois de terminada a guerra, voltou para o seu regimento. Durante algum tempo ocupou um posto dos mais difíceis e, eu sei, foi tido na mais elevada estima, pelos seus superiores. Não obstante, tinha uma natureza indómita e por vezes incontável. Amava os prazeres da vida e (talvez em reação aos anos passados em confinamento, durante a guerra) era dado a extravagâncias cada vez maiores e, frequentemente, aos excessos no campo da bebida. Na realidade, era loucamente impetuoso e imprudente e metia-se, muitas vezes, em complicações e em brigas pessoais que causavam enorme sofrimento à mãe que o adorava. Às vezes ela falava-me, com tristeza, desse modo de vida irreflectido do rapaz, e expressava o desejo de que o seu filho demonstrasse mais controlo e mais sabedoria. Pois ela sentia, e com razão, que havia nele um material magnífico que estava a ser desperdiçado.

Um dia, perturbada e contrariada por causa da última das extravagâncias do filho, ela me confiou as suas mágoas. Por mais que amasse o filho, não ficara cega para com os erros dele, embora costumasse privar-se de tudo, eu sei, para ajudá-lo a safar-se das dívidas provocadas pela sua pródiga maneira de viver. Enquanto ouvia o que ela dizia, a 'mudança de onda, na consciência' teve lugar em mim e ouvi a minha Voz interior informar-me sobre o filho dela.

“Ele há de mudar,” exclamei, para surpresa dela. “O seu filho há de mudar por completo. Ele há de tornar-se uma pessoa absolutamente diferente. Há de progredir. Todas estas tolices superficiais desaparecerão dele. Estou certa disso. Ah, minha cara, acredite em mim quando afirmo que ele há de vir a uma pessoa excelente. . .”

A minha amiga sorriu melancolicamente.

“Se ao menos eu pudesse acreditar em si, Lena! Adoraria poder acreditar em si. Mas não consigo ver nenhum sinal de tal mudança.”

“Mas ele há de mudar!”

“Você parece tão certa disso!”

“Tenho a certeza!”

“Mas, quando? Quando, Lena?”

“Quando ele alcançar os quarenta anos. Então, ele mudará. . . mudará por completo.”

Ela suspirou: “São mais cinco anos.”

Não obstante, pareceu reconfortada e não falamos mais no assunto.

Posteriormente, o filho da minha amiga foi para o estrangeiro. De tempos a tempos, ela recebia notícias do rapaz. Contudo, ele ainda parecia estar a prosseguir na sua estouvada maneira de viver. Até então, não mostrara quaisquer sinais de estar a tornar-se mais judicioso nem de estar a transformar-se numa personalidade mais estável.

Certa vez ela perguntou-me a respeito da mensagem, e tentei interpretá-la tão bem quanto a minha mente racional podia.

“Espere até que ele atinja os quarenta,” eu me recordava deste trecho da profecia, embora, para mim, a maior parte daquilo que tinha sido dito agora era apenas uma vaga lembrança. “Então, algo acontecerá. E você se orgulhará dele, muito!”

E, de facto, assim foi! O acontecimento ocorreu — mas não de maneira que eu tivesse podido imaginar. Isto porque, quase na véspera do seu quadragésimo aniversário, o rapaz morreu, súbita e inesperadamente, de uma hemorragia cerebral. Foi um grande pesar para a mãe. Mas ela manteve a coragem por causa do orgulho, que sentia, das realizações passadas, do filho. Agora ela também já passou para uma outra vida e não tenho dúvidas de que descobrirá novos motivos para orgulhar-se do filho. Pois, sendo o ego evoluído que era, ele se despojou de toda a bravata que procurara cultivar para superar a existência terrena, e se transformou numa alma nobre.

Contei esta história apenas para demonstrar como podemos ser falhos nas nossas interpretações. Pois quando entramos nestes reinos

do espírito, encontramos-nos numa nova escala de valores; não podemos medir o progresso espiritual com a mesma régua graduada com que medimos os valores materiais.

Outra história, do mesmo tipo me vem à mente.

Uma conhecida minha casou-se pela segunda vez, depois de longos anos de viuvez. Ela era uma mulher atraente, alegre e divertida. O marido adorava-a e ambos pareciam feitos para um casamento feliz e longos anos de companheirismo e de contentamento. Assim sendo, fiquei muito admirada quando ela veio visitar-me e me deu a impressão de estar seriamente perturbada.

Nesta época ela já estava casada há mais ou menos três anos. Mas a causa do seu aborrecimento não era o casamento. A pobre mulher tinha um pai cego e, conforme percebi, uma mãe egoísta que se indignava contra aquela cegueira. Ela parecia estar a passar para a filha a responsabilidade do pai; e toda a vez que a minha amiga tinha uma oportunidade de sair com o esposo, a mãe deixava o marido com a filha, para que esta cuidasse dele.

A filha tinha noção dos deveres que tinha para com o pai assim como dos deveres que tinha para com o marido, e, mentalmente, vivia num conflito permanente. Esse conflito passara a ser um peso emocional e ela transformara-se numa pessoa nervosa e deprimida. Acresce que também estava a ter problemas com alguns inquilinos que ocupavam o apartamento no andar acima da casa dela, inquilinos esses que estavam a tornar-se extremamente desagradáveis e obstrutivos. Por efeito de tudo isso, ela mergulhara num estado de mortificação que estava a ter um efeito prejudicial sobre a sua saúde.

“O meu marido é um amor,” disse-me ela, confidencialmente. “Mas não tem senso prático e frequentemente mostra-se confuso em assuntos quotidianos; e eu sinto que devia estar mais com ele. Acontece, porém, que tenho o meu pai. A minha mãe sai e deixa-o comigo, para que eu cuide dele. Tudo isso me causa muito aborrecimento. Tudo saiu errado. . . e agora nós temos um caso nos tribunais, contra estes inquilinos. . .”

Senti que a moça estava com a saúde abatida, e devo admitir que a possibilidade de uma solução parecia ser muito pequena. Por isso, fiquei

mais do que surpreendida, e espantada, quando me ouvi dizer: “Ora, não te deves afligir. Daqui a uns dois anos, ou talvez menos, tudo vai ficar bem. Vais ficar muito contente, feliz e em paz.”

Calei-me. O que estava eu a dizer?

A minha visitante olhou-me fixamente. Os olhos iluminaram-se-lhe.

“É verdade o que me diz? Ah, tornar a ser aquela criatura feliz que eu era antigamente! Isso não parece possível. Você tem a certeza, não é?”

A Voz interior prosseguiu, calmamente: “Os aborrecimentos dela terminarão; ela voltará a ser a mesma pessoa radiante, que antes foi.”

Assim sendo, repeti o que tinha ouvido. Garanti-lhe que esta alegria e esta paz aguardavam por ela mais além.

“O meu pai vai morrer?” perguntou ela.

Infelizmente, tentei interpretar.

“Eu não predigo a morte dele,” lembro-me de lhe ter dito. “Mas tudo será mudado. Tu vais mudar-te para longe do lugar em que estás agora. Os inquilinos terão deixado de ser um aborrecimento para ti. A responsabilidade pelo teu pai terá sido afastada. Agora, por favor, procura pensar nesta época feliz que se aproxima. . . a completa libertação de tudo que está a mortificar-te agora.”

Ela foi embora, confortada.

Passaram-se quase dezoito meses antes de que eu tornasse a vê-la, e quando isso aconteceu fiquei chocada ao ver as modificações que nela se tinham operado. Ela estava magra e nervosa; e, o que não era do seu feitio, estava praticamente irascível.

“Bem, ainda não houve mudança,” passou logo a dizer-me impetuosamente. “Por favor. . . conte-me, por favor, quando vai chegar esse tempo feliz. Estou tão exausta, completamente cansada deste encargo. Por vezes sinto que está além do que posso suportar, pelo menos por um tempo mais longo. E então, recordo o que você disse. E

quando a mãe se mostra difícil ou egoísta, penso na paz que está a aproximar-se.”

Ela pegou-me pelo braço e o olhar dela esquadrinhou-me o rosto. “Não vai demorar muito? Por favor, querida Lena, diga-me isso não vai demorar muito. . .”

Recordo de ter gaguejado algo no sentido de que se era isso que tinha ‘sido dito’ na ocasião, então estava certo. E a libertação viria, conforme fora prometido.

A libertação, porém, foi a morte.

Logo depois disso, ela morreu de cancro. Menos de um mês depois, tive notícia da sua doença. O mal tinha-se tornado patente. Era do tipo rápido, fatal e absolutamente inoperável. Ela passou deste mundo repentinamente, cerca de vinte e um meses depois que a mensagem de ‘libertação’ lhe tinha animado o espírito.

A mensagem provara ser correta; a minha interpretação estava errada. Eu tinha relacionado libertação com liberação dos problemas materiais, porém ainda num mundo material. Contudo, a verdadeira libertação foi a sua passagem para uma nova existência, uma aventura esplêndida onde, eu não duvido, ela é a alma feliz e radiante que tinha sido anteriormente.

Tenho uma outra história, que segue um plano bastante semelhante.

Nesta, havia uma solteirona sobrecarregada por ansiedades e preocupações que, na minha mente, pareciam exageradas. Para ela, porém, eram muito importantes e causavam-lhe aflição. Mais uma vez, estes aborrecimentos eram materiais: solidão, falta de um lugar adequado para viver, altercações com parentes; as trivialidades habituais, com que atormentamos as nossas vidas e nas quais afundamos, obstruindo o espírito interior; ansiedade com que nos permitimos invadir toda a nossa vida-pensamento, e acarretar, assim, doenças e tristezas.

É, de novo, veio a resposta. A vida mudaria completamente para ela e as suas ansiedades deixariam de existir. E, mais uma vez, naquele

mesmo ano ela passou para o mundo do espírito, depois de um ataque repentino, do qual não chegou a recobrar-se verdadeiramente. Foi um alívio para ela, disso eu não duvido; um alívio tanto corporal quanto mental e espiritual. Para a minha mente, as mensagens que interpretei erradamente, num nível material, também servem para mostrar que a morte não esconde terrores, mas é, verdadeiramente, uma passagem para a paz.

CAPÍTULO XXI

“RESUMINDO”

Assim, cheguei ao final da minha história e ao final das histórias que selecionei, entre as muitas que tenho na lembrança, para ilustrar a minha firme crença em que todos os mundos são apenas um só; que existe apenas uma separação aparente entre entidades encarnadas e desencarnadas; que o Amor é a Força mais poderosa, tanto na terra como nos mundos espirituais, e que o seu Poder abençoa e beneficia a evolução, de princípio ao fim.

Se, conforme São Paulo escreveu, acreditamos que “Fé é a substância das coisas desejadas, a evidência das coisas invisíveis,” será lógico, pois, rejeitar estas 'evidências' de socorro, influência e benefício, vindas daqueles que já não podemos ver com a nossa visão física?

Poderemos dar-nos ao luxo de admitir o conceito materialista, que prega que a vida termina com um buraco no chão e sete palmos de terra? Poderemos fechar os olhos para o facto de as almas existirem em outra fase da vida, diferente quanto possa ser daquilo que conhecemos da vida sobre este planeta? Poderemos prosseguir na nossa separatividade e na nossa consciência limitada, e obstruir e afastar o auxílio oferecido pelos entes queridos, que desejam, ardentemente, confortar-nos, só porque nos ensinaram a pensar neles como estando num 'céu' ou num 'inferno' separado, completamente isolados de nós?

Ou iremos ser pioneiros neste novo estado de consciência e vamos ajudar a realizar a dissolução daquele véu existente entre os mundos?

Podemos ajudar, individual e coletivamente, a rasgar este véu de ilusão que existe entre este mundo e o mundo contíguo. Podemos estabelecer uma fé, não somente na sobrevivência das almas, que todas

as religiões enfatizam, mas na sobrevivência (pelo menos durante algum tempo) das mentes daqueles que se despojaram dos seus corpos neste plano físico. Podemos estabelecer, nos nossos princípios de fé, o facto (ilustrado pela natureza) de que a evolução é um processo que prossegue ininterruptamente, e que o progresso é realizado por nós, em condições variadas, através de todos os mundos espirituais.

Aventuro-me a acreditar que muitas pessoas, muitas mais do que aquelas que admitem abertamente o facto, têm 'percepção' da proximidade dos entes queridos que as precederam na passagem para o estágio seguinte da sua evolução. E nessa sensibilidade, agora inconfessada, não reconhecida ou não aceite, reside a esperança da aceitação eventual da sobrevivência.

Creio, firmemente, que esta percepção aumentará e se tornará uma parte tão normal e integral da nossa conformação que, para as gerações futuras, a morte terá perdido o seu ferrão e a tumba a sua vitória.

Nós estamos apenas no início desta pesquisa na realidade da sobrevivência. Muito do que foi acreditado e experimentado no século passado, acabou encoberto pelo pensamento emocional e arruinado pela exploração e pelo charlatanismo. Agora nós chegamos a um novo capítulo, nesta ciência da intercomunicação espiritual, exactamente como chegamos a uma nova fase na ciência da comunicação interplanetária.

A experimentação científica, desta era moderna, provavelmente revelará a resposta. Grupos de pensadores já estão a explorar as desconhecidas extensões da mente e já estão a aceitar o facto das percepções extra-sensoriais, que registam além dos níveis materialísticos comuns. Testes destas faculdades serão levados mais longe, e mais longe ainda, dentro do desconhecido, até que, em alguma data futura, a contingência dos “mundos dentro de mundos” e da comunicação activa, entre eles, se tenha tornado um facto e uma doutrina estabelecida.

E atrevemo-nos a afirmar, a humanidade não sairá mais enriquecida, espiritual, moral e criativamente, por esta crença e esta prática? No momento actual, estamos exactamente nas fronteiras da nova revelação, com perspectivas emocionantes à nossa frente.

Todavia, enquanto os nossos cientistas, os nossos pesquisadores psíquicos e os nossos intelectuais, forçam a sua marcha para a frente com as suas explorações da complexidade da mente humana imploremos por um "caminho do meio," para o homem da rua. Como todos aqueles que buscam a sabedoria, não podemos dar-nos ao luxo de sermos demasiadamente precipitados e nem devemos permitir que o medo ou o preconceito nos detenham.

Os dois extremos, que necessitam de controlo e de um conselho sábio, parecem ser, por um lado aquele de estar constantemente a correr para médiuns e sensitivos, apenas pelo fascínio e pela satisfação das 'comunicações' dos espíritos, e, por outro lado, aquele de viver atrás de um obstinado paredão de preconceitos e dogmas. Ambos podem ter resultados desastrosos e podem impedir-nos uma abordagem racional no que diz respeito à solução deste problema ou ao esclarecimento do assunto.

Não poderemos igualmente implorar por um exame consciente e lógico, deste assunto?

Durante demasiado tempo este tema da sobrevivência dos chamados mortos tem sido misturado com sensacionalismo: fenómenos 'sobrenaturais,' tais como fantasmas, assombrações, ruídos metálicos de correntes, barulhos fantasmagóricos, encenações dramáticas, transe simulados e coisas semelhantes. Isto tem sido associado, na mente do público, à feitiçaria, à leitura da buena-dicha, à insanidade e à fraqueza de espírito, e tem sido sempre utilizado por aqueles que praticam o mal. Tudo isso desacreditou o valor e a realidade do assunto.

Tentei demonstrar, neste livro, a naturalidade das comunicações espirituais. Não são necessários os 'apoios,' as luzes obscurecidas, a atmosfera misteriosa, os aparelhamentos de sala de sessões nem os desempenhos artísticos. A mente pode falar com a Mente com a mesma simplicidade com que uma pessoa, hoje em dia, pode falar com outra por intermédio de fios telefónicos. . . e nós sabemos que, certa vez, isso foi encarado quer como um milagre quer como obra do diabo.

É verdade que algumas personalidades possuem sentidos de audição, de visão ou de percepção, mais desenvolvidos do que a maioria. Mas esta faculdade existe em todos nós, embora em alguns ela

esteja mais próxima da superfície da consciência. Há um 'psiquismo inferior' e há um 'psiquismo superior' (na falta de termos melhores). O psiquismo inferior é pouco mais avançado do que o instinto dos animais, mas às vezes é útil para proteção instintiva. Grande parte do psiquismo destes últimos anos atingiu somente o plano astral dos que já partiram, e embora possa ter sido útil, ali não estão as mais evoluídas Fontes de sabedoria com as quais nós, como almas, podemos estabelecer contacto. A faculdade psíquica está a desenvolver-se; no futuro ela abrangerá a compreensão interior da comunhão com os mundos espirituais; comunhão que constrói a inspiração, proveniente de Seres superiores, cujo Trabalho é o Amor e que irradiam a liberdade do espírito. Esta faculdade psíquica, no homem, vai desde o instinto animal até a comunhão e a inspiradora experiência do místico. Este será o novo psiquismo do futuro, natural e saudável. Temos, porém, que aprender a ouvir.

Precisamos dispor de tempo para ficar em silêncio, para ouvir, para ter consciência da proximidade do mundo contíguo e para poder entrar em sintonia com o milagre e a beleza do Espírito. Precisamos desenvolver a nossa percepção interior, para encontrarmos o Eu Verdadeiro que existe em cada um de nós e para vivermos e trabalharmos nesses níveis, mais profundos, de pensamento e de inspiração. Precisamos perceber a necessidade da meditação silenciosa e da preparação para a verdadeira Comunhão do Espírito, pois é somente na paz central do mais íntimo da nossa alma que podemos “ouvir” a verdadeira Voz do Espírito.

Precisamos de sensitivos dedicados, de mente culta e educada, que deveriam ser encorajados a ler e a enriquecer a sua mente com as reflexões dos pensadores do passado e do presente. Pois só se pode esperar que uma mente mais lúcida e mais cultivada possa ser capaz de atrair Aqueles que são os mestres e os inspiradores da raça. Ao mesmo tempo, porém, a experimentação definida e desapaixonada deve prosseguir, ultrapassando estas fronteiras do espírito. Desta maneira, as mentes espiritualmente dedicadas e as mentes cientificamente dedicadas trabalharão em colaboração.

Uma última palavra.

Este desejo ardente e inato, existente no coração do homem, por provas e pela satisfação da comunicação com as mentes dos seus 'mortos,' pode ser obscurecido pela teia de encanto, a ponto de invalidar os seus próprios fins. Com isto eu quero dizer que há grande perigo no acto de correr continuamente de médium em médium, a intervalos frequentes, em busca do prazer da comunicação. Este contacto com o mundo astral é apenas o começo da investigação espiritual e jamais deveria ser considerado como um fim, conforme tem acontecido muitas vezes. Aqui se oculta o perigo da abertura desses novos campos de experiência.

Pois esta fascinante satisfação atrasa a alma que está a progredir no mundo contíguo, tanto quanto retarda o espírito humano que está a procurar essa comunicação, quando ela é encarada como um fim em si mesma.

Posso ilustrar este aspecto contando só mais uma estória?

Conheci um homem, inteligente e culto, cuja esposa linda e adorada morreu, súbita e tragicamente, de um cancro avançado. Este homem ficou desesperado, pois tinha-se apoiado nela mais do que percebera. Ele achou que a sua vida estava acabada.

Então, um dia foi convencido a visitar uma médium profissional, de excelente reputação, a fim de assistir a uma 'sessão.' A médium, evidentemente, conseguiu dar-lhe provas de que a esposa ainda era capaz de raciocinar num outro mundo e podia comunicar com ele. Diante desse facto espantoso, o homem encheu-se de contentamento. E tornou a voltar, de novo e de novo.

Contudo, e aqui está a parte mais triste da história, ele ficou tão enredado no encanto deste seu privilégio que isso se transformou num hábito do qual não podia escapar.

Fez arranjos permanentes, para frequentes sessões com essa médium; de facto, ia à casa dela todos os meses, e às vezes de duas em duas semanas. Quando estava fora do país, fazia arranjos para sessões substitutas. Na realidade, ele parecia viver para aqueles dias em que podia ouvir novamente a voz da esposa e ter certeza do seu amor. Não havia maneira de fazê-lo sair dessa armadilha de encanto. Até mesmo a sensitiva estava alarmada, e fez o melhor que pôde para se descartar

dele, vezes sem conta; mas ele sempre persistia e implorava por outras sessões.

Este estado de coisas, pouco saudável, prosseguiu durante anos. O homem tornou a casar, mas ainda assim continuou a permitir-se o prazer de assistir a sessões frequentes, sempre que podia. Mais tarde, ele também faleceu. Todavia, como foi um erro e como foi triste o abuso dessas comunicações!

De forma egocêntrica, ele estava a sentir prazer na sua dor e na posse da mulher que amara. Não estava a enfrentar a vida sozinho, visto que sempre procurava os conselhos dela nos assuntos concernentes aos seus próprios negócios. Enquanto a esposa vivera, ele tinha sido dirigido pela sua personalidade dominadora. Depois da morte dela, ele ainda desejava ser dirigido por essa personalidade. Desse modo, estava a enfraquecer a sua própria vontade e estava a trair a sua própria alma e o Espírito que nele habitava. Estava a transgredir uma lei espiritual.

Mas, com o seu amor exigente e com a sua constante necessidade de consolo, ele também estava a atrasar a esposa. Uma coisa é ver como o aviador John, na estória da “Moça de Vestido Azul,” prometeu ficar e proteger a jovem viúva e a filhinha, até que ela pudesse começar uma vida nova, e outra coisa é exigir, durante anos, essa proteção constante. Devemos compreender que o mundo contíguo, do mesmo modo que neste, a liberdade da alma deve ser respeitada. Forçar a nossa presença, a todo o momento, mesmo sobre uma pessoa amada, pode levar à saturação e à desilusão. Mas forçar as nossas atenções sobre o espírito que está, como somos levados a esperar, a olhar para cima, para visões de uma vida mais grandiosa, é quase tão perigoso e desastroso quanto atrasar um espírito por meio da ênfase do ressentimento e do ódio que ele provocou contra si próprio, na vida. Devemos aprender a deixar que os nossos entes queridos partam, mesmo que eles venham frequentemente, por sua própria vontade e decisão, trazer-nos o seu amor e seu conforto.

A 'invocação'* dos espíritos deve, realmente, ser condenada nesta nova arte de comunicação. Conforme tentei tornar claro nesta história, e nas experiências psíquicas, o espírito desencarnado sempre se aproxima de mim primeiro. Quando isso acontece eu sei que há alguma razão para o seu retorno e algum trabalho ou benefício a ser feito. Sempre, porém,

desencorajei qualquer pessoa que desejasse ‘entrar em contacto com alguma entidade especial.’ Isso é uma prostituição do dom com o qual eu posso servir, e não deve ser cogitada.

Quando tivermos aprendido mais sobre esta arte da comunicação natural, e quando tivermos aprendido a incorporá-la, com simplicidade e reverência, na nossa Maneira de Viver, talvez possamos perceber que o que nos impede de alcançar a alegria de uma vida mais ampla é apenas a nossa mente materialisticamente centralizada. Então, deveras, o véu entre os mundos se dissolverá e a vida se transformará numa aventura contínua e jubilosa.

**(NT: Esta passagem em que a autora acentua o suposto ‘atraso’ que os espíritos sofrem com a alegada ‘invocação’ soa espúria e mera propensão para a interpretação subjectiva, porquanto parece basear-se somente em hipótese que apoia na sua fé e ideal.*

Quando refere a questão em termos pessoais, merece todo o nosso respeito, contudo tal só poderia aplicar-se em casos de anelo sentimental alicerçado na dor, de que parece que buscam, paradoxalmente, afastar-se por todos os meios ao seu alcance, inclusive o do contacto. E quando diz que ‘devemos deixar que partam’ fora de tal contexto, denota erro de interpretação fundamentado na crença.)

APÊNDICE “A”

“O CASO DA MOÇA DE VESTIDO AZUL”

A carta anexa, escrita por Moya, é um testemunho voluntário da ‘Moça de Vestido Azul’: refere-se ao incidente relatado neste livro e deverá interessar àqueles que desejam saber mais sobre as provas da Sobrevivência.

Em 1963, este manuscrito foi lido por Cónego J. Pearce-Higgins, Vice-Presidente do Conselho da Associação das Igrejas, para Estudos Psíquicos e Espirituais. O Cónego Pearce-Higgins escreveu a dizer que tinha muito interesse na história da Moça de Vestido Azul e que gostaria que pudéssemos obter confirmação da parte dela.

Todavia, como todos os incidentes tinham acontecido há mais de vinte anos, como a vovó Bent morrera e o sobrenome de Moya,

naturalmente, devia ter mudado quando ela tornara a casar-se, as possibilidades de algum dia tornar a reabrir o caso pareciam poucas.

Seria realmente difícil traçar a pista do actor deste drama. A evidência, trazida pela 'mente-espírito' do John, o amor duradouro e despidido de egoísmo que nutria pela esposa a sua inteira aprovação do segundo casamento dela, bastavam para a minha história. Eu estava disposta a deixar o caso nesse pé. Acontece, porém, que na véspera da chegada de uma segunda carta de Cónego Pearce-Higgins, relativa ao incidente, foi-me entregue uma carta escrita com uma caligrafia desconhecida. . . e vinha assinada pela Moya.

Moya escrevia a dizer que me tinha ouvido falar numa palestra, para a Associação das Igrejas, a que ela pertencia, em Lincoln College, Oxford, no outono de 1962. Alguns meses depois, instada pela sogra (a mãe do seu primeiro marido) ela estava a escrever para perguntar se haveria a possibilidade de eu ser a 'sensitiva' que, há tantos anos atrás, tinha recebido mensagens da parte do "John."

Retiro estes trechos da sua carta dela:

"Agora, a senhora poderá fazer sua mente retroceder até 1940," escreveu ela, "e verificar se estes factos se aplicam? A senhora costumava visitar e tomar chá com uma velhinha chamada vovó Bent, e certos rapazes da RAF enviaram mensagens por seu intermédio?. . .

De qualquer modo, se foi a senhora, posso dizer-lhe que transformou a minha escuridão em luz. O John tinha sido morto no começo de Dezembro, em 1940, num vôo nocturno. . . Durante as três semanas seguintes, para mim tudo foi uma completa escuridão. . . Mais tarde, em Janeiro, recebi uma carta da vovó Bent. . . O John tinha vindo, muito excitado. . . a mensagem inteira falava de um vestido azul, que eu tinha feito para um casamento, quinze dias antes dele ter morrido. E o facto não apresentava nada de vago, tudo se mostrava muito evidencial. Também duvido muito que a vovó pudesse ter ouvido o que quer que fosse com respeito ao casamento. O efeito que tudo isso teve sobre mim foi o de levar-me a compreender que ele tinha sobrevivido e podia olhar por nós. Não estou a dizer que isso me tenha minorado a dor, mas trouxe-me esperança, e os eventos da Bíblia pareceram cair nos seus lugares certos. O John tentou prever quando eu me iria casar com o Jack. . . ele errou por três semanas! A senhora ficará a saber por que

estou na Associação das Igrejas, para Estudos Psíquicos e Espirituais. .
.”

E, para meu excitado espanto, Moya escrevia que muitas das cartas da vovó Bent, concernentes às mensagens, estavam guardadas no porão da sua casa e ela as examinaria cuidadosamente, procurando uma confirmação.

Assim, passados todos esses anos, a história deveria ter uma sequência escrita e a confirmação que fora solicitada pelo Cónego Pearce-Higgins!

Marcamos uma entrevista e Moya e eu conhecemo-nos, tendo sido incluídos nesse encontro feliz o marido dela (o amigo que John mencionara nas mensagens), a sua família (inclusive a garotinha de 1940, agora já crescida) e a mãe do John. Juntos, recordamos os factos da história. Mostraram-me aquele mesmo vestido azul, que a mãe conservara como uma lembrança das mensagens de John, e vi uma fotografia de Moya no casamento, a envergar o vestido.

E uma carta, escrita pela vovó Bent no dia 17 de Fevereiro de 1941 (cujo original Moya me mostrou e me deu permissão para citar), prova que a vovó Bent nada sabia sobre o casamento nem que o jovem casal tinha comparecido. . . e nada sabia sobre o vestido azul!

Cito:

“ . . . diz-me que ela” (Nota: a mãe do John) “Ihe falou sobre o facto do nosso querido Jack ter vindo a mim. . . infelizmente, fomos interrompidos antes de que ele tivesse dominado o nervosismo que sentia por estar a comunicar pela primeira vez. Pelo que pude perceber, ele estava confuso e embaraçado. Falou sobre a sua passagem, mas, como não sei coisa alguma a respeito do que aconteceu, não pude comprovar o que me foi dito. Desde então, ele tornou a voltar e falou sobre o seu casamento, mas, de novo, não posso dizer se aquilo que ouvi era correto; talvez não tenha sido o casamento do nosso querido Jack *(Nota: isto poderá parecer confuso, porque às vezes John era chamado de Jack — e mais tarde Moya casou e o nome do seu segundo marido também era Jack)* “Se foi, então a Moya, que foi descrita como uma moça muito bonita, (quem) usou um vestido azul. Naturalmente, nada sei a esse respeito. . . ”

E, numa outra carta, do dia 25 de Fevereiro, a vovó Bent escreveu a dizer que o John tinha pedido para dizerem à Moya que. . . “Os laços do casamento não se rompem no céu”. . .”

Com essa carta fica claro que a ideia de um novo casamento era desconhecida da minha 'audiente.'

E agora vem a parte talvez mais evidente da história!

Na conversa que tive com a Moya, mencionei a mancha preta, feita pela chaleira, no vestido dela, exactamente como o John me tinha 'contado' anos antes. Ela pareceu absolutamente confusa e logo percebi que a pobre e velha vovó Bent não relatara a parte mais notável da sessão.

A vovó tinha escrito a respeito do vestido azul e de toda a alegria que o John encontrara nele — mas tinha omitido (sem dúvida, a memória traíra-a!) a evidência especial da mancha. Procurei em todas as cartas dela, mas embora ela se referisse constantemente ao vestido azul, não havia qualquer referência à mancha deixada nele. A velha senhora teria esquecido o ponto vital? Ou eu tinha cometido um engano?

Eu estava arrasada. Como poderia ter estado tão certa da história da chaleira suja e do esbarrão, a ponto de incluir estas coisas no manuscrito, quando não existia nenhuma mancha?

Perguntei à Moya sobre isso, mas ela abanou a cabeça na negativa. “Não me lembro de qualquer mancha,” disse ela. “Tenho certeza de que me lembraria, se qualquer menção tivesse sido feita. Além do mais, não me recordo de nada a respeito de uma mancha no vestido. John fez comentários jocosos sobre o meu vestido azul e a minha figura esbelta. Afinal, a senhora sabe, o bebé tinha apenas sete, semanas. E com ar intrigado, “Não, a vovó jamais mencionou qualquer mancha no vestido. Tanto quanto consigo recordar, jamais vi qualquer marca. . .”

O desapontamento que me invadiu foi intenso. Então — disse a mim própria — passados todos estes anos, ficaria provado que eu me enganara, ou ficaria provado que o John se enganara! Evidentemente, não havia verdade na história da mancha. Eu não sabia o que devia

fazer; certamente, a história não podia ser publicada, assim como estava. E, de qualquer modo, a melhor parte da evidência era inútil!

Eu ainda senti a ferroada daquele desapontamento quando, em Abril de 1963, algumas semanas depois de ter entrado em contacto com Moya, ela me telefonou a dizer, muito excitada, que acabava de receber, enviada pela mãe do John, uma carta do seu próprio punho, escrita exactamente antes da morte do John, em 1940.

Nela Moya descrevia à sua sogra, todos os preparativos para o casamento a que ela e o John tinham acabado de comparecer — e falava da mancha no vestido e de como ela foi parar nele!

Mais tarde, em Maio de 1963, Moya escreveu:

“... Nesta a senhora encontrará todos os pormenores concernentes ao casamento, à mancha no vestido e à maneira como ela foi parar nele. Ainda não consigo lembrar-me dessa ocorrência, mas ela vem em PRETO NO BRANCO e foi escrita por mim própria. . . Esta carta, que escrevi quando estava em Shropshire, em 1940, chegou aqui hoje. . . hoje, dia 8 de Maio, aniversário do John.” (*Nota: a mãe do John tinha encontrado a carta numa gaveta, entre outros papéis.*) “Que pena que a vovó Bent nunca tenha passado adiante esta parte da mensagem e a mancha, porque ela é mais convincente do que o vestido azul e teria sido um auxílio maravilhoso, para nós, na época da morte do John. . .”

E aqui estava a carta, a contar esse mesmo incidente que o John tinha lembrado quando se sentira tão ansioso por provar a sua identidade, e que eu tinha guardado na memória durante todos aqueles anos e tinha relatado neste manuscrito, para ser lido por muitas pessoas, inclusive o Cónego Pearce-Higgins, antes da sua publicação. Aqui estava aquela peça fundamental de evidência que o cérebro da bondosa velhinha não registara o bastante para a repetir nas suas cartas à mãe do John! Isto não parece possível, mas estou a ficar tão acostumada com o improvável e com o incomum que não vejo razão para duvidar.

O John estaria ansioso por colocar o último pedacinho de evidência como prova da sua imortalidade na frente do público cético que iria ler este livro? Ou o espírito da vovó Bent guiou a mãe do John, levando-a a encontrar a carta e a reparar desse modo a omissão que cometera

durante a sua participação neste pequeno drama? Ou o Roger agira de modo a livrar-me da humilhação de ver refutada a história do Vestido Azul, depois da sua publicação? Nós não sabemos. Só podemos ter certeza de que uma Mente maior do que a nossa trabalha em “algum lugar” e que, no Propósito dessa Mente, a verdade deve ser provada. E que aqueles que estão ‘no âmbito dessa Mente,’ no plano de vida contíguo ao nosso, estão a trabalhar para espalhar essa verdade!

Eis aqui a carta, que agora para mim, é a *piece-de-resistance*, Ela traz o seguinte carimbo do correio:

“Shrewsbury,
Shropshire,
3,45 p.m. 30, Nov. 1940”
e está endereçada à mãe de John, em Londres.

Cito:

*. . . E eis aqui a historiazinha do meu vestido. Ele foi feito com a mesma fazenda que eu tinha guardado para o batizado do bebé, cor azul-saxe. Bem, eu tinha acabado de terminá-lo e o travesso do meu John vai e bate nele com uma chaleira suja; e já estava pronto para ser engomado. Como a senhora pode imaginar, ficamos transtornados. Estou contente por não ter sido eu quem fez aquilo. A marca saiu parcialmente, com gasolina, mas ainda se nota. A senhora vê, as nossas chaleiras são grandes e pretas, aqui; nós colocamo-las no fogo. . .”

Enquanto segurava, nas minhas mãos, o envelope que levava o carimbo dos tempos da guerra e que tinha contido esta carta, pareceu-me ouvir, de novo, as palavras do jovem aviador, depois do acidente fatal que o vitimara. . .

“Ela há de lembrar-se da mancha no vestido azul. Esbarrei uma chaleira tisonada no bonito vestido dela. E deixei, nele, uma mancha preta. Diga-lhe que ainda me lembro do trabalhão que tivemos, a procurar tirar a mancha preta do vestido. . .”

Um incidente trivial? Sim, mas a vida não será feita de incidentes triviais? A exactidão da sua recordação às vezes pode ser a prova, mais importante, de que a mente sobrevive à mudança chamada morte.

Nesta história do Vestido Azul, creio que podemos aceitar o facto de que o amor também sobrevive à morte.

Poderemos duvidar disso, quando provas e experiências como estas surgiram espontaneamente, de um mundo futuro?

APÊNDICE “B”

Hereford, 8 de Outubro de 1965

Na sexta-feira, dia 9 de Abril de 1965, a Helen veio aqui para fazer uma palestra para o grupo. Na noite de Domingo a Helen, o meu marido Jack e eu estávamos sentados tranquilamente, junto com um amigo que passava por uma grande necessidade. Por intermédio da Helen, este amigo recebeu muita ajuda e muito conforto. Passado algum tempo, a Helen viu o John a ser conduzido pelo 'pequenino.' O John disse que tinha gostado muito de ouvir toda a sua história na reunião da noite de sexta-feira — mas disse que nós ainda não dispúnhamos da história inteira. A Helen ficou indignada e disse que não ia reescrever aquilo tudo de novo, por nada deste mundo! O John disse que nós encontraríamos algo mais nas cartas. Durante o trimestre de verão, não houve tempo para examinarmos minuciosamente os pacotes de cartas.

Fomos passar a primeira quinzena de Agosto em Goodrington, Devon, e depois de muitas atribulações e erros consegui descobrir onde Clara Sheakspeare (sensitiva) morava; e ela, bondosamente, concordou em realizar uma sessão para mim na manhã de Domingo, dia 15 de Agosto. Nunca nos encontráramos antes e ela não sabia, até depois da sessão, que eu era membro da C.F.P.S.S. O John apareceu à médium, acompanhado pelo 'pequenino,' apresentou o “Per ardua ad astra” (*NT: Lema da RAF, Real Força Aérea*) pregou asas em mim e disse: “Escava fundo nas cartas e fica certa de que vais encontrar a jóia. . . faz isso logo. . . isso já foi retardado por tempo demais. . . tem que aparecer. . . a história não está completa. . . certos fios, para fortalecê-la. . . o fio oculto será a culminação. . . está nas cartas. . . a pista é Edelweiss. . .” e então a médium começou a cantar 'Gracioso vestido azul, da pequena Alice.”

Voltamos para casa na segunda-feira. No domingo seguinte, sugeri ao Jack que déssemos uma olhada nas cartas, visto que jamais faríamos

isso uma vez iniciado o ano lectivo. Assim sendo, trouxemos três sacolas, que colocamos sobre a mesa da cozinha. Não tínhamos, na verdade, nenhuma indicação sobre o que estávamos a procurar ou quais as cartas onde procurar. Havia pilhas de cartas do Jack, do John e minhas. Então, de repente, ao chegar quase no fundo de uma das sacolas, o Jack disse: Olha, selos suíços, duas cartas que escreveste ao John. Carimbadas:

LUZERN 2	LUZERN 2
8-9	12-12
7. Vil	31.MII
1938	1938
BRIEFVERSAND	BRIEFVERSAND

Mal comecei a levantar a orelha do primeiro envelope e a palavra que logo de início captou o meu olhar foi *Edelweiss*. Seria essa a pista? Prossequimos examinando outras vinte cartas, até que chegamos ao fundo da sacola e lá havia uma enviada por uma amiga, Joan, datada de 29 de Novembro de 1940.

“ . . . Como foi o casamento, e o teu vestido ficou pronto a tempo?”

Então, surgiu a carta seguinte, escrita pelo primeiro sogro e datada de 30 de Novembro de 1940.

“Acabei de ler a longa carta que Moya escreveu à mãe, a contar todas as novidades, e lamento muito que o querido Jack (John) tenha deixado uma mancha no vestido de casamento da Moya. . .”

Pouco a pouco, a importância da carta do meu primeiro sogro tornou-se clara para mim. Ele faleceu há nove anos atrás — seis anos antes da Helen e eu pormos os olhos uma na outra. E aqui estava a carta dele de Novembro de 1940, a confirmar a minha carta de Novembro de 1940 e a dizer que o John manchara um vestido que eu tinha acabado de fazer e que estava a ponto de usar para ir a um casamento. Este era o incidente que eu tinha esquecido, mas que ficara na memória da Helen durante todos estes anos, desde o momento em que ela soubera disso por intermédio de John, no fim de Janeiro de 1941, em Guildford, na casa da vovó Bent: Helen recebera esta informação 'do outro lado' e a relatara no livro “Além do Véu da Morte,” que tinha sido lido pelo Cónego Pearce-Higgins.

Passadas algumas semanas, tornei a escrever à Clara Sheakspeare e perguntei se ela poderia saber, do John, se a história agora estava completa e se ele estava satisfeito? Ela respondeu, no dia 15 de Outubro de 1965, a dar conta de que o John lhe dissera que a história agora estava tão completa quanto poderia estar e, que o livro fosse terminado (como se isso tivesse alguma coisa a ver comigo!!!). Tudo está certo e há de trazer alegria a muitas pessoas.

APÊNDICE “C”

A/C ASSOCIAÇÃO DAS IGREJAS, PARA ESTUDOS PSÍQUICOS E ESPIRITUAIS

Estou pronta para dar testemunho de que a história da 'Moça de Vestido Azul' é autêntica. Eu fui a viúva do aviador 'morto,' mencionado na história, embora só viesse a conhecer a autora deste livro vinte e poucos anos mais tarde, não tendo, na época, meios de a identificar como a 'sensitiva' que tinha transmitido a mensagem do retorno do meu marido.

O vestido azul e uma fotografia minha, da época, no casamento e a usar o vestido, em 1940, foram conservados pela minha sogra e, recentemente, foram mostrados à autora pela primeira vez. Cartas datadas de 1940, que relatam os incidentes mencionados neste livro, foram encontradas e a autora teve permissão para citar trechos delas, à vontade.

Se algum leitor quiser estabelecer um contacto sério comigo, com o propósito de confirmar esta história e esta evidência, terei prazer em dar-lhe o meu nome e o meu endereço, por intermédio da Associação das Igrejas.

(Assinado) Moya